

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANDRE GOMES DANTAS

ENTRE MEMÓRIAS E SILÊNCIOS:  
um olhar sobre as bibliotecas do Colégio Pedro II

Niterói  
2011



ANDRE GOMES DANTAS

ENTRE MEMÓRIAS E SILÊNCIOS:  
um olhar sobre as Bibliotecas do Colégio Pedro II

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Dimensões Contemporâneas da Informação e do Conhecimento

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Niterói, RJ

2011

D192

Dantas, Andre Gomes.

Entre memórias e silêncios: um olhar sobre as bibliotecas do Colégio Pedro II / Andre Gomes Dantas. - Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011.

126 f.

Orientadora: Profa. Dra. Nanci Gonçalves da Nóbrega.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Universidade Federal Fluminense, 2011.

1. Biblioteca Escolar. 2. Colégio Pedro II. 3. Antropologia da Informação. 4. Biblioteca – Organização e dinamização. 5. Informação, Cultura e Sociedade. I. Nóbrega, Nanci Gonçalves da. II. Título.

CDD 027.8

ENTRE MEMÓRIAS E SILÊNCIOS: UM OLHAR SOBRE AS BIBLIOTECAS DO  
COLÉGIO PEDRO II

Andre Gomes Dantas

Aprovada pela comissão examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nanci Gonçalves da Nóbrega  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Maria Marteleto  
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lucia Alves Breglia  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Carlos Henrique Marcondes (Suplente)  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói, RJ

2011

A minha mãe, nordestina corajosa,  
que apoiou e incentivou nos momentos mais difíceis.

## **AGRADECIMENTOS**

A Nanci Gonçalves da Nóbrega que com muita paciência compreendeu minhas limitações e dedicou boa parte do seu tempo para orientar este trabalho de pesquisa.

A Regina Maria Marteleto pelos sábios conselhos que ajudaram a repensar nossa metodologia de trabalho.

A Marcia Heloisa Tavares de Figueiredo Lima por sua contribuição na banca de qualificação, mesmo sendo escalada na última hora.

A Vera Maria Ferreira Rodrigues, Diretora Geral do Colégio Pedro II, que gentilmente abriu espaço em sua agenda para contar suas histórias.

A Maria de Fátima Proa Neto, bibliotecária da Unidade Centro, que superou as dificuldades de um tempo difícil e mostrou caminhos para construir uma Biblioteca Escolar “diferente” no Colégio Pedro II.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF que muito contribuíram com suas críticas e sugestões.

Aos funcionários da Biblioteca do Gragoatá/UFF que muitas vezes deram o seu “jeitinho” para emprestar livros.

Aos meus colegas de trabalho na Biblioteca Prof. Helio Fontes pela torcida e incentivo.

Aos alunos e ex-alunos do Colégio Pedro II que com seus dizeres nos ajudaram a pensar a Biblioteca Escolar no Brasil.

A minha filha, Maria Luiza, pelo seu sorriso incentivador.

A minha esposa pela paciência nos momentos de ausência.

A entrada do gibi na Biblioteca. O Colégio sempre foi muito tradicional. A diretora era professora de língua portuguesa não muito a fim da leitura de gibi e essas coisas. Sempre achavam leituras menores. Só que isso foi uma solicitação de uma aluna que veio de outro Colégio que tinha. Então, o que a gente fez? [...] Nós fizemos uma festa de inauguração da gibiteca. Tinha convite, convidamos a equipe pedagógica e todas as crianças. Fizemos pôster e banner com o símbolo da Biblioteca. Aí trouxemos: bolo, guaraná, tudo que não pode. Tudo que a barata adora como a gente diz. Convidamos formalmente a Diretora e fizemos um festão.

Maria de Fátima Proa Neto, Bibliotecária do Colégio Pedro II, Unidade Centro.

## RESUMO

A presente pesquisa analisa as práticas informacionais dos sujeitos na Biblioteca Escolar das unidades do Colégio Pedro II (*CPII*) através da produção de sentidos de alunos, ex-alunos, professores, bibliotecários e diretores da Instituição. Para isso, utilizamos o campo de estudos da Antropologia da Informação onde os sujeitos com suas falas passam a ser o centro das questões que levantamos neste trabalho. É investigada a rede de informação e conhecimento contida nos dizeres coletados através de entrevistas livres. Neste caminho, encontramos indícios de que o modelo de Educação no Brasil tem contribuído para o cenário ainda presente de desvalorização da Biblioteca Escolar. Desta forma, observamos as práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas escolares do *CPII* e fazemos algumas reflexões em cima deste quadro. Na medida em que mergulhamos na rede de informação construída nas falas dos sujeitos ligados ao Colégio, damos vida às bibliotecas do *CPII* e abrimos caminhos para colocá-las no centro das questões informacionais. Identificamos algumas práticas informacionais desenvolvidas no interior das bibliotecas do Colégio que movimentam os sentidos e promovem verdadeiramente um movimento de ruptura com o quadro de desvalorização da Biblioteca Escolar no Brasil.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Colégio Pedro II. Antropologia da Informação. Biblioteca: organização e dinamização. Informação, Cultura e Sociedade.

## ABSTRACT

The present research analyzes the information practices of the subjects inside School Library in the unities of Colégio Pedro II (*CPII*) through sense productions of the students, ex-students, teachers, librarians and directors of the institution. For that, we use the field studies of Anthropology Information where these subjects with their sayings become the center of the questions that we raise in this work. It's investigated the information network and knowledge in the sayings collected from free interviews. In this way, we found indication that the model of the Education in Brazil has contributed for the scenery still present of depreciation of the School Library. In this way, we observe the information practices of the subjects in the school libraries of *CPII* and we make some reflections above this scenery. In the measure where we dive in this information network built by the sayings of the subjects connected to the school, we give life to the libraries of *CPII* and we open ways to put them in the centre of the information questions. We identify some information practices developed in the interior of these libraries that move the senses and truly promote a rupture moving with the frame of depreciation of the Brazilian school library.

Keywords: School Library. Colégio Pedro II. Anthropology of Information. Library: organization and dynamization. Information, Culture and Society.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2. O DESTINO: O COLÉGIO PEDRO II.....	15
2.1 As bibliotecas.....	22
2.2.1 Biblioteca Escolar.....	24
2.2.2 Salas de Leitura.....	25
2.2.3 NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória.....	25
2.2.4 Biblioteca Histórica.....	26
2.2.5 MEDIATECA.....	26
2.2.6 Biblioteca Digital.....	26
3 PASSEANDO PELA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	29
3.1 Contextualizando o CPEI na História da Educação no Brasil.....	29
3.2 A tendência do modelo de Ensino secundário no Brasil.....	31
3.3 O acervo e as práticas informacionais: entrelaces com as bibliotecas.....	35
4 BIBLIOTECA ESCOLAR: QUE TREM É ESSE?.....	42
5 PEGANDO CARONA NA ANTROPOLOGIA DA INFORMAÇÃO: CARIMBANDO O PASSAPORTE.....	54
6 ENCONTROS E DESENCONTROS: A REDE DE INFORMAÇÃO CONSTRUÍDA NAS FALAS.....	63

7	TRAÇANDO NOVAS ROTAS E CAMINHOS: AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS POSITIVAS COMO INSTRUMENTO PARA AÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	67
7.1	O Conselho de Classe (COC).....	67
7.2	O bibliotecário-ação.....	69
7.3	O Conselho de bibliotecas.....	72
7.4	A Sala de Leitura.....	73
7.5	A Biblioteca do Grêmio Literário e Esportivo da Seção Norte, década de 1960...74	
8	DESCOBERTAS E REFLEXÕES: REPENSANDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	77
9	LUGARES A SEREM VISITADOS.....	81
10	REGISTROS E LEMBRANÇAS DA VIAGEM: TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS.....	85

## 1 INTRODUÇÃO: A VIAGEM

Toda viagem é um momento para descobertas. As expectativas são grandes, deslocamos toda a nossa atenção e energia para ela. O lugar de destino, diferente, atraente, estranho, nunca antes navegado. Não importa se é longa ou curta, a certeza é que sempre voltamos para nós mesmos onde um dia tudo começou.

E por isso mesmo, iniciamos esta introdução olhando para o viajante de agora que chega à área de desembarque. Isso nos lembra um pouco aquele de dois anos atrás que, com muitas incertezas, iniciava um encontro com as bibliotecas escolares do Colégio Pedro II (*CPII*).

Os caminhos percorridos, as trocas de experiências, as falas dos sujeitos, o cansaço e as frustrações. Tudo colaborou para termos a certeza que a vida nos permite transformar e ser transformados. Daquele momento da partida até agora, o viajante não é mais o mesmo. No entanto, ele carrega consigo a certeza de que nunca mais será.

Por isso mesmo, voltamos no tempo e iniciamos um resgate dos motivos que nos impulsionaram na construção deste trabalho de pesquisa. Nossa escolha pelas bibliotecas escolares do *CPII* não se deu por acaso. Em 2008, recém-chegado ao Colégio, começamos a nos inquietar com algumas questões no nosso ambiente de trabalho.

A Biblioteca Escolar surgia como um mundo novo, enigmático, cheio de controvérsias. Algumas coisas de imediato chamaram a nossa atenção. O *CPII* tem muitas bibliotecas, acervo diversificado e bibliotecário para cuidar delas, o que não é comum em outras instituições de Ensino Médio e Fundamental no Brasil.

Contraditoriamente, o Projeto Político Pedagógico e os documentos que contam a história do *CPII*, pouco falam sobre suas bibliotecas. Onde estariam as informações sobre as bibliotecas de um Colégio tradicionalíssimo, lembrado como símbolo de um modelo de Educação?

Com essa pergunta iniciamos uma viagem pelas bibliotecas do *CPII*. Nossa tarefa inicial era encontrar informações sobre as bibliotecas do Colégio e com elas, contribuir para pensar a Biblioteca Escolar no Brasil. Durante nossas primeiras visitas às unidades do Colégio nos deparamos com muitas pessoas dispostas a falar.

Nesta empreitada, percebemos que os sujeitos estavam no centro das questões a serem discutidas. Em suas falas, identificamos uma rede de informação viva que nos mostrava as bibliotecas escolares do *CPII* e permitiam também fazer uma conexão com o trajeto histórico da Biblioteca Escolar no Brasil.

Os narradores descrevem com riqueza de detalhes como era a Biblioteca no seu tempo de aluno, bibliotecário, professor e diretor. As lembranças dos sujeitos nos dão indícios de que a Biblioteca Escolar do *CPII* está fortemente presente em uma rede de informação que vai sendo construída nessas falas.

Com a ajuda da Antropologia da Informação encontramos subsídios teórico-metodológicos para pensar os dizeres sobre as bibliotecas do *CPII*. A Antropologia da informação contribui com nossa pesquisa na medida em que incentiva escutar o outro, olhar os saberes e as práticas informacionais dos sujeitos, como elementos decisivos para pensar e refletir sobre uma determinada realidade.

Para isso, utilizamos a pesquisa qualitativa onde articulamos o campo empírico e teórico, tendo em mente que a análise qualitativa conforme Minayo e Sanches (1993) parte de questões ou focos de interesses amplos que se estruturam de acordo com o desenvolvimento do objeto de estudo.

Justifica-se esta definição, tendo em vista que a pesquisa qualitativa ainda de acordo com os autores, procura compreender determinados fenômenos a partir dos participantes da situação, através de suas reflexões sobre a realidade.

Sob o ponto de vista metodológico, propomos a investigação das práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas escolares do *CPII* sob o viés da Antropologia da Informação onde fazemos um trabalho de campo utilizando entrevistas com pessoas ligadas à instituição.

Para isso, iniciamos este trabalho fazendo uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989) do *CPII* e de suas bibliotecas. Buscamos mostrar ao nosso leitor a importância social do Colégio bem como a dimensão de suas bibliotecas que também vêm acompanhadas da Salas de Leitura, MEDIATECAS, Biblioteca Histórica e NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória.

No capítulo 3, contextualizamos o *CPII* na história da Educação no Brasil e mostramos através da rede de informação construída nas falas, sua importância no cenário educacional do país. Deste modo, identificamos alguns indícios da influência do trajeto histórico da Educação brasileira relacionado às práticas informacionais dos sujeitos e na composição do acervo das bibliotecas.

No capítulo 4, discutimos o papel da Biblioteca Escolar e buscamos em alguns autores da literatura da área subsídios para propostas de ação onde refletimos sobre o papel da Biblioteca no contexto educacional. Dessa forma, acreditamos contribuir para uma reflexão sobre o tema.

No capítulo 5, situamos a Antropologia da Informação como nosso instrumento teórico-metodológico onde fazemos um recorte da rede de informação construída nas falas e das práticas informacionais que identificamos neste trajeto. A rede de informação dos sujeitos dá vida às bibliotecas do *CPII*.

No capítulo 6, encontramos alguns elementos significativos nessa rede de informação que nos permite fazer conexões com o trajeto da Biblioteca Escolar no Brasil. Essa teia de sentidos apresenta indícios de que o quadro de desvalorização da Biblioteca Escolar tem sofrido transformações.

No capítulo 7, apresentamos algumas práticas informacionais positivas que têm promovido uma Biblioteca Escolar mais participativa no ambiente do *CPII*. Essas práticas têm a possibilidade de movimentar o sentido das bibliotecas no Colégio quando apresentam soluções para combater o quadro de desvalorização e esquecimento que ainda encontramos sobre este assunto.

Nossa viagem termina quando apresentamos algumas reflexões e propostas de ação tanto para o *CPII* quanto para a questão da Biblioteca Escolar no Brasil. Acreditamos que esta pesquisa abre uma perspectiva para se pensar às práticas informacionais dos sujeitos no ambiente da Biblioteca Escolar como um instrumento poderoso para a busca de soluções sobre este assunto.

Sendo assim, iniciamos agora nossa viagem.

## 2 O DESTINO: COLÉGIO PEDRO II

O Colégio Pedro II (*CPII*) é uma Autarquia Federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) situada no Estado do Rio de Janeiro. O *CPII* conta com 12 unidades escolares distribuídas em seis bairros: Centro, São Cristóvão (3 unidades); Humaitá (2 unidades); Tijuca (2 unidades); Engenho Novo (2 unidades) e Realengo (2 unidades). Nos municípios de Niterói e Duque de Caxias, o Colégio possui uma unidade em cada uma delas<sup>1</sup>.

A origem do *CPII* foi marcada pelo ano de 1739 quando foi fundado o Colégio dos Órfãos de São Pedro pelo 4.º Bispo do Rio de Janeiro, Dom Antônio de Guadalupe. Mais adiante, em 1766, este mesmo Colégio transformou-se em Seminário de São Joaquim e ganhou novas instalações ao lado da Igreja de São Joaquim, bem próximo de onde hoje é a Unidade Centro (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

Em 1837, o Ministro do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, apresentou decreto que reorganizava o Seminário e mudava-lhe o nome para **Imperial Collegio de Pedro Segundo**, fazendo assim uma homenagem ao Imperador menino, no dia de seu aniversário, 2 de dezembro. Com a presença do Imperador, de toda a sua família e de figuras ilustres do Império, o Colégio foi inaugurado tendo como seu primeiro Reitor, Frei Antonio de Arrábida, **bibliotecário** do Convento de Santo Antônio (SOUTO, 2003).

O *CPII* atravessou momentos distintos até a época da República. Por volta de 1857, foi dividido em dois prédios: o externato e o internato. O externato era localizado onde hoje se situa a Unidade Escolar Centro e, mais tarde, se mudou para o Campo de São Cristóvão. O Internato funcionou próximo ao Largo da Segunda Feira na Tijuca (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

Em 1889, com a Proclamação da República, o Colégio muda o seu nome para Instituto Nacional de Instrução Secundária e, logo depois, para Ginásio Nacional. Na Presidência de seu ex-aluno ilustre, Marechal Hermes da Fonseca, volta a ter o seu nome de origem Colégio Pedro II (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

Em 1952, foram criadas a Seção Norte (atualmente Unidade Escolar Engenho Novo) e a Seção Sul (hoje Unidade Escolar Humaitá). Mais adiante, em 1957, foi

---

<sup>1</sup>Fonte: [www.cp2.g12.br](http://www.cp2.g12.br), site oficial do *CPII*.

inaugurado o anexo Tijuca, hoje Unidade Escolar Tijuca. Em 1967, o *CPII* se transforma em uma Autarquia Federal pelo decreto-lei n. 245 de 28 de fevereiro de 1967. Entre os anos de 1984 e 1987 foram criadas as Unidades Escolares I, que se destinam ao trabalho pedagógico com crianças do primeiro segmento do Ensino Fundamental, e que são chamadas carinhosamente de Pedrinhos (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

Em 2004, em função de um movimento popular organizado de associações de moradores locais, que reivindicaram junto ao MEC uma escola pública para a região, foi criada a Unidade Escolar Realengo (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

Em 5 de abril de 2006, dando continuidade à expansão do *CPII*, foi criada a Unidade Niterói, sendo a primeira unidade escolar do Colégio fora do município do Rio de Janeiro. Esta unidade foi fruto da parceria da Prefeitura de Niterói que cedeu um prédio localizado no bairro do Barreto, com seis salas de aula, sala de vídeo, quadra de esportes e laboratório de informática<sup>2</sup>.

Entre outros, passaram pelos bancos escolares do *CPII* quatro presidentes da República: Rodrigues Alves (1902-1906), Nilo Peçanha (1909 a 1910), Hermes da Fonseca (1910 a 1914) e Washington Luis (1926-1930). Da mesma forma, o Colégio formou também pessoas ilustres que brilharam no cenário político, econômico e social do país entre eles: Manuel Bandeira, Paulo de Frontin, Afonso Arinos de Melo Franco e outros (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

De acordo com Andrade (1999), estudiosa da história do *CPII*, além de ter sido o primeiro Colégio de instrução secundária no país, ele caracterizou-se também como elemento importante de construção do projeto civilizatório do Império que visava o fortalecimento do Estado e da nação brasileira. O *CPII*, ainda de acordo com a autora, formou grande parte das elites condutoras do país, quadros político-culturais para postos de alta administração e outros.

Da mesma forma, Sampaio (2004, p. 26) destaca que: “o Colégio Pedro II foi idealizado e organizado segundo os padrões educacionais europeus, seguindo, nos primeiros anos, a orientação do Ministro do Império, que determinou os estatutos e **até livros**” [grifo nosso].

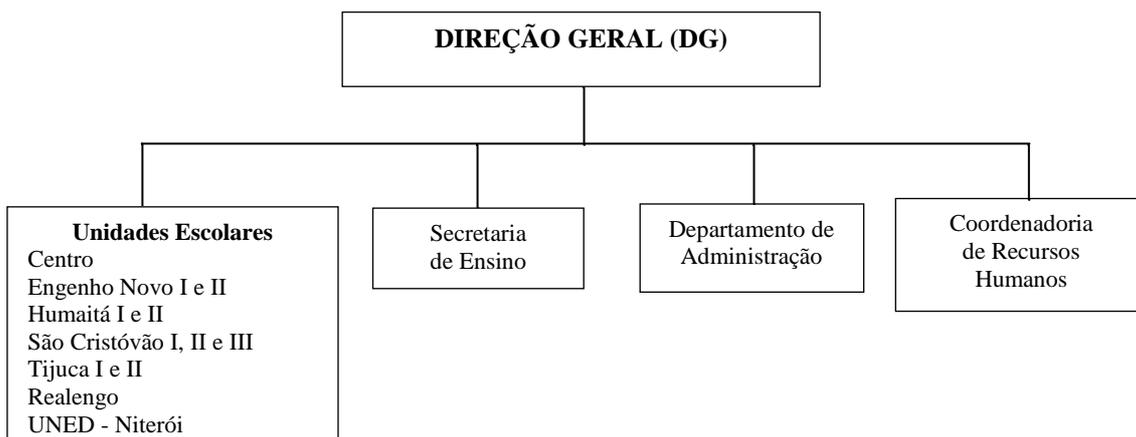
Atualmente, o *CPII* está vinculado diretamente ao MEC sendo a única escola básica da rede federal a oferecer Ensino Fundamental e Médio, desde as séries iniciais

---

<sup>2</sup>Fonte: <http://www.cp2.g12.br/UEs/ni/index.htm>, site da UNED Niterói.

(alfabetização) até o Ensino Médio. O Colégio possui cerca de 12.000 alunos e 1.800 servidores entre docentes e técnicos administrativos que carregam a responsabilidade de manter o nome do Colégio (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

A administração do *CPII* é conduzida por um Diretor Geral (DG) eleito através de voto pelo corpo docente, discente e pelos técnicos administrativos para atuar por um período de quatro anos.

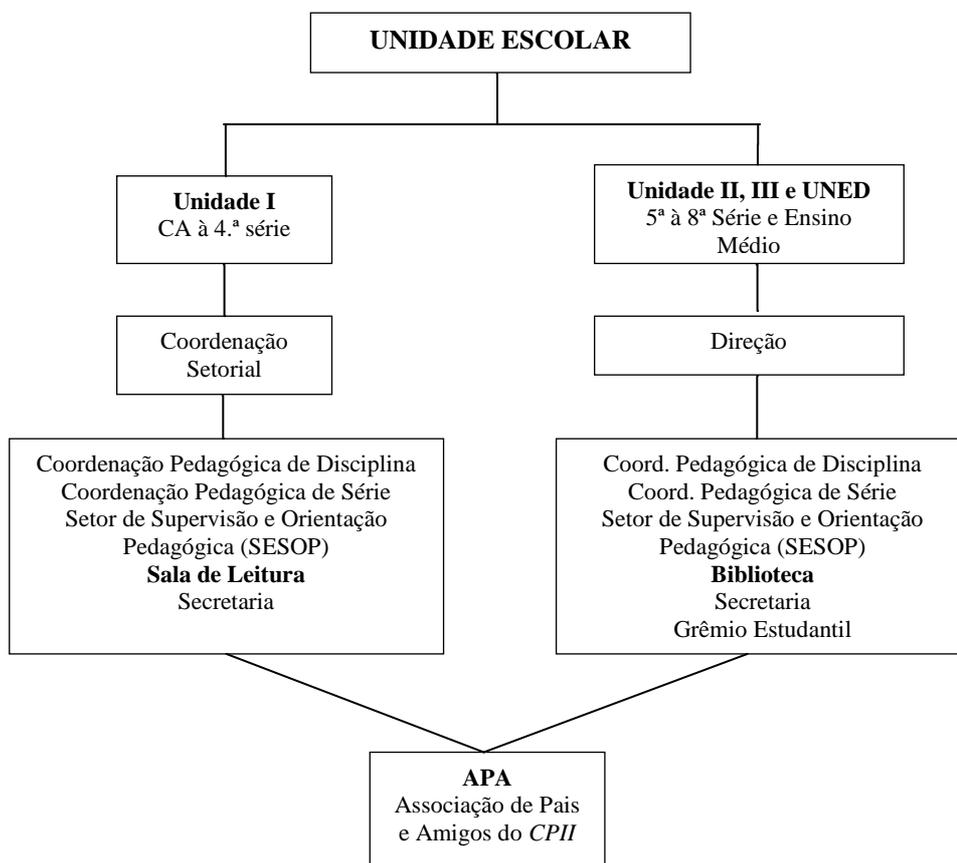


Da mesma forma, o *CPII* possui uma Secretaria de Ensino que abriga as 12 unidades escolares e os 16 departamentos pedagógicos<sup>3</sup>, monitorando as atividades do Colégio quanto às normas e procedimentos comuns de trabalho em uma mesma linha de pensamento (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).



<sup>3</sup>Matemática, língua portuguesa e literaturas, línguas estrangeiras neolatinas, línguas anglo-germânicas, biologia e ciências, desenho e educação artística, ciências da computação e iniciação ao trabalho, primeiro segmento do Ensino Fundamental, história, geografia, filosofia, sociologia, química, física, educação musical e educação física, folclore.

O *CPII* possui também um Conselho Pedagógico que funciona como elemento para consulta em relação ao funcionamento das atividades pedagógicas. Cada unidade possui uma direção ou coordenação própria, selecionada através de voto dos funcionários administrativos, professores e alunos do Colégio (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).



Ao todo, o *CPII* possui 16 departamentos pedagógicos nas diferentes áreas de conhecimento que integram o currículo da Instituição e que, também são selecionados através de voto (COLÉGIO PEDRO II, 2007a).

Em nossa pesquisa, conseguimos perceber que o *CPII* rompe com as barreiras do tempo e se mantém vivo nas lembranças e na trajetória de vida das pessoas que por ali passaram. Constatamos na fala das pessoas e nos documentos que contam a história do *CPII*, um Colégio com dimensões bem maiores e mais representativas que, de certa forma, os números não podem mostrar.

Estamos falando do orgulho de ser ou um dia ter sido *CPII* que encontramos pelo caminho. “É claro que existe uma diferença do Pedro II para os outros colégios. Estudar nessa escola com tanta tradição tem um significado sentimental” (COLÉGIO PEDRO II, 2007b, p. 35).

Na fala do ex-aluno, o *CPH* aparece como um modelo de Educação qualificada que é símbolo desse orgulho. Todos parecem carregar esse sentimento de gratidão ao Colégio. Na maioria das falas, encontramos evidências sobre isso:

O meu orgulho é ainda maior, pois, além de ter sido aluno do internato, fui também diretor da Unidade Engenho Novo, num momento em que o governo passava a atuar através do militarismo... Foi difícil, mas vencemos e fomos considerados expoentes em **educação qualificada**. Nada tínhamos. As dificuldades eram muitas, mas com muito trabalho conseguimos ultrapassá-las. Confesso que cheguei a ter medo de “sumir”, mas Deus estava ao nosso lado, impedindo que poucos incompetentes pudessem reagir à nossa força e vontade de vencer... [grifo nosso] (CAVALCANTI, 2003, p. 20).

A trajetória educacional do Colégio ultrapassa os 170 anos de existência no Brasil. Marcado como o símbolo de um modelo de educação eficiente, o *CPH* é apontado como referência quando o assunto é ensino público e de qualidade. Nas muitas páginas sobre sua história, a palavra tradição está presente em quase todas elas.

Marteletto (1992, p. 121) em pesquisa realizada na Unidade São Cristóvão do *CPH* sobre as práticas de informação no ambiente escolar, reafirma esse nosso entendimento sobre a representatividade do Colégio e como essa tradição é cultuada nos corredores da instituição.

Tradição é uma palavra que delinea o seu perfil institucional de uma maneira singular, em relação a outros ambientes educacionais. É que ali ela não é cultuada como palavra morta ou memória abstrata, a ser preservada. Ela está presente no cotidiano do Colégio, de diferentes formas, seja nos amplos espaços dos seus pátios, corredores e salas de aula, ou na **biblioteca** e sua rica coleção de livros raros [grifo nosso].

Para muitos, o *CPH* materializa tudo aquilo que deu certo na educação brasileira. Além de proporcionar uma escola que apresenta bons índices no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)<sup>4</sup>, o Colégio tem se mostrado atento as mudanças na sociedade. Um bom exemplo disso é que já se tem hoje no *CPH* a idéia de expandir suas unidades para todo o Brasil e isso já foi iniciado com as unidades nos municípios de Caxias e Niterói.

Nas muitas conversas que tivemos com as pessoas ligadas ao *CPH*, conseguimos comprovar pessoalmente o orgulho de cada um em estudar ou trabalhar em uma Instituição centenária com essas dimensões. O *CPH* busca na atualidade se enquadrar em uma sociedade que está se transformando rapidamente. Na maioria das vezes, existe

---

<sup>4</sup>Fonte: <http://www.cp2.g12.br>

um discurso que repetidamente fala sobre um modelo de educação que se confunde com a própria história da Educação no Brasil.

Esse discurso de símbolo da educação é entoado pelos corredores e espaços do Colégio. Marteleto (1992, p. 120) reforça nossa percepção. Em seu estudo, enfatiza que: “desde as nossas visitas e contatos iniciais ouvíamos discursos de diretores, coordenadores pedagógicos e professores ligados à Secretaria de Ensino do Colégio Pedro II a respeito da sua importância, ontem e ainda hoje, no quadro da educação no país”.

Da mesma forma, nas falas dos ex-alunos, alunos, professores, diretores e bibliotecários que encontramos ao longo de nossa pesquisa conseguimos identificar uma relação muito afetiva com o Colégio. Nitidamente o *CPII* deixou marcas na vida daqueles que por ali passaram.

Por isso mesmo nos arriscamos discutir algumas questões referentes às suas bibliotecas. As reflexões que fazemos têm como contexto o tradicionalíssimo *CPII* e, mais especificamente, suas bibliotecas escolares. No primeiro momento, perguntamos como esse Colégio tão tradicional e que marcou território oferecendo um “ensino de qualidade” promoveu o acesso as elas? Ou seja, quais suas práticas de informação?

Para isso nos apropriamos da Antropologia da Informação<sup>5</sup>, área onde os sujeitos e suas representações de mundo passam a ser o referencial empírico da pesquisa. A rede de conhecimento e informação contida nas falas dos ex-alunos, professores, diretores e pessoas ligadas ao *CPII* se tornam instrumentos de reflexão para as questões que discutimos aqui.

Desta forma refletimos sobre um espaço que, no nosso entendimento, encontra-se isolado no *CPII*. Ao mesmo tempo em que pensamos as bibliotecas da Instituição através dessas falas, este trabalho iniciou com coragem um aprofundamento sobre questões que acreditamos ainda não terem sido discutidas no *CPII*. Embora com uma estrutura física admirável que comporta muitas bibliotecas e recursos humanos, como estes espaços estão representados na ação?

O *CPII* proporcionou um trabalho desafiador para a nossa pesquisa. Além de ter observado um Colégio apegado às suas raízes históricas, enfrentamos também as dificuldades de falar sobre uma Instituição onde trabalhamos. Neste contexto, procuramos compreender como as bibliotecas estão inseridas no “novo-velho Pedro II”.

---

<sup>5</sup>A Antropologia da Informação será tratada em capítulo próprio.

Mais uma vez, buscamos na Antropologia da Informação subsídios onde pensamos as práticas sociais de produção, comunicação e recepção de informações no contexto dos sujeitos que frequentam essas bibliotecas para formularmos um entendimento sobre isso.

A expressão “novo-velho Pedro II” que ouvimos ao caminhar pelas unidades do Colégio, no nosso entendimento, expressa a vontade da Instituição em se manter viva e direcionada para a modernidade. O *CPII* enaltece o passado como forma de não se separar de suas raízes e busca também no moderno permanecer como símbolo de uma educação.

Para Marteleto (1992, p. 122) “o par de opostos velho-novo caracteriza uma transição para o moderno, como valorização do passado, de forma a traduzir o presente em contínua transformação”.

É assim que refletimos sobre o sentido que a expressão “soldados da ciência” que encontramos no hino do Colégio expressa e buscamos saber o que os sujeitos das entrevistas contam sobre as bibliotecas de um Colégio tradicional que, no primeiro momento, parece ser unanimidade quando o assunto é Educação no Brasil.

Nós levamos, nas mãos, o futuro de uma grande e brilhante nação; Nosso passo constante e seguro rasga estradas de luz na amplidão; Nós sentimos, no peito, o desejo de crescer, de lutar de subir; Vivemos para o estudo, Soldados da Ciência; O **livro** é nosso escudo e arma a inteligência; Por isso, sem temer, foi sempre o nosso lema; “Buscamos no saber a perfeição suprema” [grifo nosso]<sup>6</sup>.

Partimos do pressuposto que os sujeitos contam a vida e, sendo assim, caminhamos por esses vários momentos abrindo uma porta para pensar suas práticas informacionais na Biblioteca Escolar do *CPII*, levando em consideração que as bibliotecas estiveram presentes em boa parte da vida deles.

Da mesma forma, refletimos sobre o ensino do *CPII* tentando buscar respostas ao observar o quadro histórico da Educação no Brasil, para pensar o trabalho realizado nas bibliotecas. Com isso, acreditamos estar promovendo um movimento de ruptura com o aparente silêncio dos documentos sobre as bibliotecas do Colégio.

Sendo assim, buscamos pensar as bibliotecas do *CPII* e as práticas de informação dos sujeitos, recorrendo ao quadro histórico da Educação no Brasil e contrapondo essas

---

<sup>6</sup>Trecho do hino do Colégio Pedro II. Fonte: Souto, Dario. **Colégio Pedro II: sua história e seus vultos**. Rio de Janeiro: Unigraf, 2003.

questões. Esses muitos momentos expõem uma rede de informações, muitas vezes contraditória, e favorecem uma discussão sobre a Biblioteca no espaço escolar.

## 2.1 As bibliotecas

Tamanha é a surpresa de quem entra no *CPII* e se depara com suas muitas bibliotecas. Diferente de outras instituições de Ensino Médio e Fundamental no Brasil, o Colégio abriga sete **Bibliotecas Escolares**, uma Biblioteca Histórica, um Núcleo de Documentação e Memória (NUDOM), MEDIATECAS e uma Biblioteca Digital. Além disso, podemos encontrar também muitas Salas de Leituras.

Atualmente, as bibliotecas do *CPII* chamam atenção pela sua estrutura organizada. Todas são subordinadas a um Sistema de Documentação e Bibliotecas que, de acordo com seu regimento (Brasil, [2004c]), é responsável por normatizar ações técnicas, tomar decisões em conjunto e definir os serviços a serem desenvolvidos.

As “ações técnicas” são definidas por um Conselho Técnico ligado a Secretaria de Ensino do *CPII*, que prioriza fixar os princípios de funcionamento do sistema de acordo com o Projeto Político Pedagógico. O Conselho é composto por representantes das Bibliotecas Escolares, Biblioteca Histórica, NUDOM, Salas de Leitura e MEDIATECA Jean-Luc Lagardère (BRASIL, 2004a).

Este Conselho se propõe a estabelecer normas a serem adotadas no processamento técnico do acervo, supervisionar as atividades das bibliotecas, acompanharem o planejamento da infra-estrutura e propor à Secretaria de Ensino do Colégio medidas que facilitem o funcionamento do sistema.

Em espaço confortável, em sua maioria, as bibliotecas visivelmente tomam boa parte da estrutura física do *CPII*. Difícil é não encontrar uma Biblioteca ou Sala de Leitura pelas unidades. Com exceção da Unidade Caxias, todas as outras possuem Biblioteca.

Nas estantes, encontramos literatura brasileira, história do Brasil, contos, fábulas, as grandes discussões políticas, livros em Braille, obras raras e muito mais. Com um acervo admirável, as bibliotecas parecem semear livros por todo o Colégio.

Na maioria das vezes, se destacam em tamanho, quantidade de funcionários, pela presença de **bibliotecários** e no fervor da fala dos sujeitos. Com muita frequência,

ouvimos um discurso bastante positivo na voz dos diretores do *CPII* com relação ao papel da Biblioteca.

A Biblioteca tem um papel fundamental dentro da Escola. Ela não só tem que ser motivadora da leitura, fazer com que o aluno visite, tenha esse interesse pela leitura, primordial isso. E acho também que ela poderia fazer um trabalho paralelo à questão pedagógica, trazendo contadores de história, fazendo mesas de leitura, convidando escritores<sup>7</sup>.

Ter uma Biblioteca parece ser prioridade no *CPII*. Lá, a Biblioteca não é provisória. Mas, nem sempre foi assim. Anteriormente, e isso encontramos nos depoimentos de ex-alunos, a Biblioteca Escolar do Colégio apresentava dimensões pequenas, carência de livros de literatura e não havia bibliotecário.

Na década de 1960 na Seção Norte, como era conhecida a Unidade Engenho Novo, de acordo com depoimentos de ex-alunos, “tinha uma Biblioteca. [...]. Ela era no terceiro andar e o acervo até era um acervo pra época bom. Amigos e colegas me diziam que inclusive eles liam livros de autores franceses”<sup>8</sup>.

Já na década de 1970, na Unidade Tijuca, ainda de acordo com depoimentos de ex-alunos, “existia uma sala, uma sala bastante pequena com poucos livros. Praticamente os livros que o Colégio adotava era o que tinha ali na Biblioteca, era o livro didático”<sup>9</sup>.

Esses depoimentos apresentam também indícios de que as bibliotecas do Colégio não ficavam sob a responsabilidade de um bibliotecário. Em São Cristóvão, em meados da década de 70:

Havia uma pessoa que fazia a figura da bibliotecária. Nós sabíamos que ela não era bibliotecária. Eu não sei se na época havia essa obrigatoriedade do chefe da Biblioteca ser uma bibliotecária. O nome dela era Dona Silvia. Era uma senhora que conseguia conjugar a firmeza que era necessária ali com o grupo de adolescentes, com o carinho e com a ternura que ela tinha pela gente. A figura que mais me marcou foi a presença da Dona Silvia que ali ao mesmo tempo orientando, ajudando, buscando livros. De forma incansável, com uma forma disciplinadora, rígida e carinhosa<sup>10</sup>.

De uma forma um pouco tímida, ainda dependendo de iniciativas isoladas de alguns dos seus representantes, as bibliotecas foram sendo ampliadas nas unidades do

---

<sup>7</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II (Ver Anexo 1).

<sup>8</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>9</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Tijuca, *op. cit.*

<sup>10</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Tijuca, *op. cit.*

*CPII*. Aos poucos elas foram crescendo e tomando as dimensões que têm hoje em dia: “e de 100 metros quadrados passou para 240 metros quadrados que é a nossa Biblioteca”<sup>11</sup>.

Arriscamos afirmar que, na medida em que foram sendo incorporados ao quadro funcional do *CPII*, os **bibliotecários** começaram a dar uma nova aparência e dinâmica para as bibliotecas. Mesmo assim, ainda precisavam se organizar mais plenamente para que os seus pedidos fossem atendidos pela Direção Geral. Conforme depoimentos, “a partir da criação do Conselho, elas [as bibliotecárias] pretendiam fortalecer as bibliotecas e encaminhar suas reivindicações a Direção Geral”<sup>12</sup>.

### 2.2.1 Bibliotecas Escolares

Na Biblioteca Escolar do *CPII* tudo parece ser novidade para os alunos. As revistas em quadrinhos, o *guiness book*, os livros de vampiros, a literatura brasileira, os contos de fada e as fábulas. Livros para todos os gostos, para os que estão começando a ler e para aqueles que já têm o hábito da leitura.

As bibliotecas escolares do *CPII* atendem aos alunos do 2.º Segmento (5.º ao 8.º ano) do Ensino Fundamental e Ensino Médio e estão distribuídas da seguinte maneira: Engenho Novo (Biblioteca Prof. Helio Fontes), Tijuca, Centro, Niterói, Humaitá, Realengo e São Cristóvão (Biblioteca Central Prof. Francisco Pinheiro Guimarães).

Os acervos das bibliotecas escolares se beneficiam do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) do Governo Federal. O PNBE é gerido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e tem recursos financeiros originários do Orçamento Geral da União (BRASIL, 2008).

Criado em 2007, o PNBE tem como objetivo propiciar o acesso à informação, cultura e produzir o hábito da leitura em estudantes de Ensino Fundamental e Médio (BRASIL, 2008). Além disso, as bibliotecas do *CPII* recebem doações de todos os tipos vindas de professores, ex-alunos, integrantes da comunidade e pessoas interessadas em colaborar com o *CPII*.

---

<sup>11</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>12</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

De acordo com o estatuto do Sistema de Documentação e Bibliotecas (BRASIL, 2004b), seu compromisso é servir “como complemento e apoio ao processo pedagógico de ensino-aprendizagem da Instituição e formação e incentivo ao hábito da leitura e pesquisa”.

### **2.2.2 Salas de Leitura**

Para os alunos do 1.º Segmento do EF (1.º ao 4.º ano), o *CPII* disponibiliza Salas de Leitura que possuem uma organização diferenciada das bibliotecas escolares. “O projeto sala de leitura pretende ampliar o conceito de Biblioteca infanto-juvenil. Nesse espaço, a criança aproxima-se de informações, aprende a combiná-las e confrontá-las, familiarizando-se com os livros e seu uso” (COLÉGIO PEDRO II, 2004).

As Salas de Leitura são chefiadas por professores e ligadas ao Sistema de Bibliotecas e Documentação do *CPII*. Não possuem a mesma infra-estrutura organizada das bibliotecas escolares. Com espaços menores, seu acervo é composto basicamente por livros de literatura infanto-juvenil e obras literárias em geral. Todo o trabalho é desenvolvido por um professor responsável que não conta com o apoio de funcionários administrativos do Colégio.

### **2.2.3 NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória**

Inaugurado em 1995, o NUDOM tem a responsabilidade de resgatar, organizar e divulgar o acervo manuscrito, iconográfico, bibliográfico e documental da história e memória do *CPII*. Seu acervo é composto de catálogo de teses e dissertações da produção acadêmica de professores, funcionários e também de pesquisadores de outras instituições que fazem referência ao Colégio<sup>13</sup>.

Encontramos também um acervo arquivístico com documentos relativos a ofícios, anuários, compêndios, livros de exames, matrículas, ocorrências disciplinares, contabilidade, registro acadêmicos de professores e alunos, material iconográfico, nomeação de professores, planos de estudos, programas de ensino, atas da congregação,

---

<sup>13</sup>Fonte: <http://www.cp2centro.net/historia/nudom/nudom.asp>? - site oficial da Unidade Centro.

atas de concursos, avisos do Ministério do Império, decretos, leis, regimentos, regulamentos e relatórios do início de funcionamento do Colégio<sup>14</sup>.

O NUDOM atende ao público interno e abre a visitação ao público externo. As visitas precisam ser previamente agendadas e o assunto da pesquisa informado. O bibliotecário separa toda a documentação e informação relativa ao assunto para que o pesquisador tenha acesso. Não é permitido consultar diretamente no acervo.

#### **2.2.4 Biblioteca Histórica**

A Biblioteca Histórica reúne obras que refletem a influência humanística na formação do corpo docente e discente do Colégio desde sua fundação, não operando apenas a preservação deste material, mas também a sua disseminação para recuperação da memória. O acervo é composto por coleções particulares que pertenciam a antigos professores catedráticos, bem como a ex-alunos, doadas ao Colégio, obras raras ou preciosas que constituem o chamado “acervo antigo”.

O acervo antigo é composto por obras de assuntos gerais nos diversos ramos do conhecimento, boa parte em francês. Reúne também livros e periódicos do século XVI até o início do século XX. Nesta Biblioteca, não é permitido o empréstimo do livro, o mesmo tem que ser consultado no local<sup>15</sup>.

#### **2.2.5 MEDIATECA**

A MEDIATECA Jean-Luc Lagardère é o resultado de parceria feita entre o Colégio Pedro II, a Fundação Hachette e a Embaixada da França no Brasil. Com o intuito de implementar projetos na difusão do ensino-aprendizagem da língua francesa com ênfase no campo da multimídia, tem como objetivo promover a língua francesa, aproveitando-se dos recursos e tecnologias da informação e da comunicação. Seu acervo é composto por livros e dicionários em língua francesa, CD-ROMS e vídeos.

---

<sup>14</sup>*op. cit.*

<sup>15</sup>Fonte: [http://www.cp2centro.net/historia/bibliotecas/Biblioteca\\_memoria.ASP](http://www.cp2centro.net/historia/bibliotecas/Biblioteca_memoria.ASP)

## 2.2.6 Biblioteca Digital

Inaugurada em agosto de 2007, a Biblioteca Digital Prof. Wilson Choeri está localizada na Unidade Realengo e faz homenagem ao seu ex-Diretor Geral. Esta Biblioteca foi desenvolvida para que a inclusão digital chegasse mais rápida a comunidade de Realengo e adjacências<sup>16</sup>.

Com isso, o *CPII* assume a responsabilidade de encarar um novo conceito de Biblioteca onde busca contemplar os seus alunos e a comunidade de Realengo com computadores de primeira linha, acesso a Internet e impressão de trabalhos.

A Biblioteca Digital disponibiliza sessenta computadores divididos em quatro ambientes além de salões de exposição, auditório e recursos para realização de videoconferência. Os equipamentos disponibilizados são adaptados para o atendimento do público em geral e de pessoas com diferentes tipos de deficiência. Para isto, a Biblioteca conta com teclados e impressora Braille, fones de ouvido, programas para leitura de tela e interpretação de comandos de voz. Parte do mobiliário tem dimensões especiais para acomodar usuários que necessitem de cadeiras de rodas para sua locomoção (COLÉGIO PEDRO II, 2009, f. 1).

Como podemos observar, o *CPII* tem uma estrutura fantástica de bibliotecas. O que tentamos mostrar neste início é que não estamos falando de qualquer Colégio, estamos falando de um complexo centenário de educação, **tradicionalíssimo**<sup>17</sup> e que abriga muitas bibliotecas.

Essas bibliotecas são diferentes de outras que encontramos em instituições de Ensino Fundamental e Médio por que possuem uma estrutura organizada, espaço suficiente, um acervo bom e bibliotecários, o que no nosso entendimento não é comum no quadro da Educação brasileira.

No entanto, quando buscamos informações nos documentos oficiais sobre elas, encontramos um aparente silêncio sobre este assunto. Os livros que contam a trajetória centenária do *CPII* como marco da Educação brasileira, pouco falam sobre suas bibliotecas.

Até o Projeto Político Pedagógico do *CPII* (COLÉGIO PEDRO II, 2002) não destina nenhum dos seus muitos capítulos para falar sobre suas bibliotecas. O aparente silêncio dos documentos nos chama a atenção para este assunto. De uma forma

---

<sup>16</sup>Fonte: <http://www.bibliotecadigitalcp2.com.br/sobre/>

<sup>17</sup>Entendemos que o *CPII* é considerado tradicional por manter em suas bases, as mesmas práticas educacionais iniciadas com a implantação do Colégio no Brasil Império.

contraditória, na rede de informação construída pelas falas dos sujeitos ligados ao Colégio encontramos uma Biblioteca fortemente viva.

Neste sentido, algumas indagações que a pesquisa vai construindo: Quais as práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas escolares do *CPII*? Qual a relação do Ensino ministrado no *CPII* com suas bibliotecas? As bibliotecas escolares do *CPII* se mostram silenciadas enquanto possibilidade de prática informacional? O aparente silêncio que encontramos nos documentos tem alguma relação com a Educação no Brasil? Como a literatura da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação pode contribuir com a questão da Biblioteca Escolar no Brasil? Como a rede de informação construída na fala dos sujeitos ligados ao *CPII* pode nos ajudar a pensar a Biblioteca Escolar no Brasil?

Nos próximos capítulos aprofundaremos essas questões.

### 3 PASSEANDO PELA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

#### 3.1 Contextualizando o *CPII* na História da Educação no Brasil

O *CPII* sempre ocupou lugar de destaque no **cenário educacional brasileiro**. Foi o único estabelecimento de ensino secundário a outorgar a seus formandos o grau de “bacharel em letras” e depois o título de “bacharel em Ciências e Letras”, deferência que permitia o ingresso direto de seus alunos em cursos superiores (COLÉGIO PEDRO II, 2002, p. 29) [Grifo nosso].

Nas muitas páginas da história do *CPII*, encontramos com frequência um discurso acalorado relacionando o *CPII* com a história da Educação no Brasil. Na maioria das vezes, o *CPII* é apontado como “uma instituição emblemática e referencial na **história da Educação** e da cultura de nosso país” (COLÉGIO PEDRO II, 2007b, p. 5) [Grifo nosso].

A trajetória histórica do *CPII* é acompanhada quase sempre por um discurso que faz menções diretas à Educação no Brasil: “a história do Colégio se confunde com a própria história do Brasil, com a história da educação nacional e com o desenvolvimento científico, tecnológico, artístico e cultural da nação brasileira” (COLÉGIO PEDRO II, 2007a, p. 1).

Esta característica vai sendo reforçada na medida em que nos deparamos com os escritos sobre a Instituição. Educação no Brasil e *CPII* parecem ser assuntos indissociáveis. As falas dos sujeitos sobre isso fortalecem nossa idéia de que existe uma relação muito forte do trabalho realizado pelas bibliotecas escolares do *CPII* com o quadro histórico da Educação em que elas estão inseridas.

Para Choeri (2007), ex-aluno e ex-diretor geral do *CPII*, o Colégio é um dos **paradigmas educacionais** do país que busca constantemente não ser atingido pela obsolescência pedagógica, técnica e tecnológica. Para o autor, o Colégio “pretende a continuar a ser um dos paradigmas da educação de massa e qualidade” (p. 7).

Da mesma forma, esse discurso caloroso aparece também nas falas de seus ex-professores. Na maioria das vezes, referem-se ao *CPII* como um “santuário educacional” que “deve continuar sendo um marco na educação do presente e do futuro de nosso país, como foi no passado” (CAVALCANTI, 2003, p. 21).

Com o mesmo entusiasmo, ex-alunos falam de uma maneira apaixonada e viva sobre o *CPII*. Esta tendência fica muito evidente nas conversas que tivemos com eles durante nossa investigação. Percebemos em muitos momentos um amor quase incondicional expresso nas falas.

Nos livros, encontramos relatos carinhosos que revelam mais sobre isso e reforçam nossa percepção: "Ir ao Colégio Pedro II a cada dia, vestir o uniforme que, para muitos, era o **manto sagrado**, fez com que víssemos o mundo e as pessoas de um modo diferente. Somos o que somos hoje graças ao *CPII*..." (COLÉGIO PEDRO II, 2007b, p. 38) [Grifo nosso].

Estudar em uma Instituição tradicional no quadro da educação brasileira parece ser um dos motivos para esse orgulho. As falas revelam indícios de que os alunos carregam a responsabilidade de manter esta tradição de ensino viva. De acordo com elas, existe um simbolismo desta Instituição não somente na vida das pessoas que passaram por lá, mas também no trajeto educacional brasileiro.

O espírito de pertencimento do Colégio Pedro II é muito forte. Dificilmente você vai encontrar alguém que estudou ou trabalhou no Colégio que não tenha esse sentimento. Esteja onde você estiver. Hoje em dia que eu tenho que viajar muito, conhecer muitos lugares, falou Colégio Pedro II a gente já é olhado com um respeito, uma coisa assim, uma mística muito forte. Se encontrar um ex-aluno então...<sup>18</sup>

Souto (2003, p. 21) dá destaque a esse simbolismo quando retira das páginas da revista *Ciências e Letras*<sup>19</sup> datada do ano do centenário do *CPII*, alguns versos destinados aos seus alunos que mostram um pouco como a Instituição é encarada por eles:

Jovens que entraís, entraí mais devagar... Entraí como quem entra num **santuário**, para cumprir à risca o seu fadário: Estudar, estudar, sempre estudar! Fazei um curso todo **modelar**. Defendei o futuro temerário deste Brasil, colosso extraordinário que amanhã vós tereis de governar. Este Pedro II, nosso templo, há de ficar na História como exemplo a muitíssimas outras gerações! Portanto vós – alunos ou alunas – sede pra sempre impávidas colunas desta Casa de tantas tradições [Grifos nossos].

Esta seriedade e orgulho de ser *CPII* ultrapassam as barreiras do tempo e são prontamente encontradas nas falas dos ex-alunos: "O momento mais marcante para

---

<sup>18</sup>Depoimento da Diretora Geral do *CPII*, *op. cit.*

<sup>19</sup>Conforme o autor, esta revista era o órgão oficial do Grêmio Científico e Literário Pedro II, fundado em 1930 e que ficava no Externato.

mim, não foi apenas um. Foi tudo o que vivi por lá. Tinha orgulho de estudar em uma Instituição **respeitada no Brasil inteiro**, que traduzia disciplina e amizade, ciência e capacidade, amor ao Brasil e ao estudo” (COLÉGIO PEDRO II, 2007b, p. 38) [Grifo nosso].

Assim, a história do *CPII* é marcada por uma aproximação muito forte com a Educação no Brasil. O Colégio, em linhas gerais, irradia um espantoso orgulho nas pessoas que por lá passaram e, na maioria das vezes como vimos, é lembrado como **referência** em Educação no Brasil.

Desta forma, olhamos para o quadro educacional brasileiro e acreditamos que ele nos permite fazer uma análise mais aprofundada das questões que discutimos sobre a Biblioteca Escolar do *CPII*.

De muitas maneiras, esse modelo de educação parece refletir no trabalho realizado pela Biblioteca Escolar do *CPII*. As práticas informacionais dos seus alunos e ex-alunos nos revelam indícios sobre isso. Mais adiante, mostramos que existe uma relação entre Educação no Brasil e o trabalho realizado pela Biblioteca Escolar do *CPII*.

A Educação no Brasil é o pano de fundo onde verticalizamos alguns pontos que discutimos em nossa investigação e, com este contexto, fazemos uma reflexão sobre a Biblioteca Escolar do *CPII* para nos permitir pensar e discutir sua participação na dinâmica da Instituição. Desta forma, estaremos trazendo também à discussão as muitas questões que envolvem a Biblioteca no ambiente escolar.

### **3.2 A tendência do modelo de Ensino secundário no Brasil**

Em nossa passagem pelas unidades do *CPII* ouvimos sobre um Colégio **modelo** de Educação no Brasil. Esse discurso é entoado como uma verdade quase absoluta e está presente na fala dos ex-alunos, diretores e professores, como se viu. Mas, a qual modelo essas pessoas estão se referindo? A literatura que conta a história do *CPII* nos explica um pouco sobre isso.

Ribeiro (1998), analisando as condições de criação do *CPII*, reforça essa nossa percepção e destaca que o Colégio: “estava destinado a servir de **padrão** de ensino: adotaria e manteria bons métodos, resistiria a inovações que não tivessem demonstrado bons resultados e combateria os espertos e os charlatães” (p. 50) [Grifo nosso]. E diz

ainda que: “O Colégio Pedro II continua sendo um exemplo significativo, já que foi proposto como padrão, como algo a ser imitado” (p. 60).

Ghiraldelli Jr. (2001) corrobora essa questão levantada por Ribeiro (1998) e afirma que: “o destaque da época imperial foi, sem dúvida, a criação do Colégio Pedro II. Ele foi inaugurado em 1838, e seu destino era o de servir como **modelo** de ensino” (p. 18) [Grifo nosso].

Em linhas gerais, o *CPII* parece ter sido criado para resolver as questões educacionais da época baseando-se em um modelo que era transplantado da cultura européia e que chegava ao Brasil com a família real portuguesa. De acordo com Ribeiro (1998), havia uma pressão para que escolas fossem abertas tendo em vista que:

O preparo intelectual representava oportunidade de ascensão social, os poucos alunos que conseguiam matricular-se nos colégios, nos liceus, não tinham outro objetivo senão o de ingressar no curso superior, qualquer que fosse sua origem social – média ou alta (RIBEIRO, 1998, p. 59).

De acordo com Ribeiro (1998), o espelhamento do Colégio na cultura européia pode ser verificado quando se busca acompanhar as reformas que o *CPII* passou neste período e que refletem as modificações ocorridas nos liceus franceses que buscavam cada vez mais uma conciliação entre formação literária e científica. Essas reformas, conforme Ghiraldelli Jr. (2001, p. 18):

Ora acentuaram a formação literária dos alunos em detrimento da sua formação científica ora agiram de modo oposto, segundo as disputas do ideário positivista contra o ideal humanista-jesuítico. Quando o ideário positivista levava vantagem, na medida em que crescentemente tangenciava os gostos intelectuais da época, o Colégio Pedro II passava a incorporar mais disciplinas científicas. Quando os positivistas perdiam terreno, voltava-se a uma grade curricular de cunho mais literário.

Teixeira (1976) analisa a implantação deste modelo de Educação no Brasil e afirma que se tratava de um **modelo elitista** que era espelhado em uma cultura “alienígena”. Mais adiante, a obra de catequese que até então era a ordem que imperava foi perdendo força. O Estado neste momento tomava a responsabilidade da organização da Educação no Brasil. Isto é fortalecido por Milanesi (1989) quando destaca que:

Numa perspectiva de tempo, observa-se que no Brasil a religião e o Estado foram às instituições que tomaram para si a tarefa de educar, tendo o Estado delegado, num período amplo da história, essa tarefa à religião católica. Inicialmente os jesuítas ocuparam esse espaço, seguidos por outras ordens religiosas, até que o Estado, paralelamente, foi construindo a sua rede e ocupando espaços. Empresas, religiosas ou não, tiveram garantida a sua

atuação, atando em conjunto com a rede oficial, mas sempre submetidas pela legislação que o Estado estabeleceu” (MILANESI, 1989, p. 43-44).

Sobre isso, Romanelli (1983, p. 35) enfatiza que “a obra de catequese, que, em princípio, constituía o objetivo principal da presença da Companhia de Jesus no Brasil, acabou gradativamente cedendo lugar, em importância, à **educação de elite**” [Grifo nosso].

No entanto, o ensino ministrado pelos jesuítas não foi modificado em suas bases. Conforme a autora destaca, os sacerdotes e o clero secular formados nos Colégios dos Jesuítas tomaram para si a responsabilidade desse modelo de ensino que, na verdade, se constituía pela ação pedagógica do modelo jesuítico.

Sodré<sup>20</sup> (*apud* Romanelli 1983) destaca que embora parcelado e fragmentado, o ensino orientou-se para os mesmos objetivos religiosos e literários realizando-se com os métodos pedagógicos utilizados pelos Jesuítas.

Com apelo à autoridade e à disciplina estreita, concretizados nas varas de marmelo e nas palmatórias de sucupira, tendendo a abafar a originalidade, a iniciativa e a força criadora individual, para pôr em seu lugar a submissão, o respeito à autoridade e a escravidão aos modelos antigos. (SODRÉ *apud* ROMANELLI, 1983, p. 36).

De acordo com o quadro que construímos anteriormente sobre a criação do *CPH* e suas relações com a Educação no Brasil, Teixeira (1976) chama a atenção para a tendência de cópia de um modelo pronto, enfatizando que a Escola no Brasil aparece em um estágio avançado e complexo de cultura proposta à formação de intelectuais, eruditos, letrados, homens da arte e do saber. Essa visão de Escola conforme relata o autor, perpetuou-se por todo o século XVIII.

Contraditoriamente, isso não atendia as expectativas da sociedade da época tendo em vista que, conforme análise de Teixeira (1976, p. 40) “as condições existentes não nos haviam preparado para a espécie de educação que dispúnhamos, isto é, copiada de modos alienígenas, sobretudo europeus”.

Para o autor, a Educação representava um esforço constante em se organizar para as necessidades dos grupos europeus aqui instalados. Talvez isso não tenha permitido preparar um sistema de Ensino voltado para a necessidade brasileira na época.

---

<sup>20</sup>SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

Neste contexto, Milanesi (1989, p. 44) dá ênfase a essa questão destacando que: “As humanidades clássicas, via Portugal, foram as bases, em plena selva, da educação brasileira. Adequava-se ao projeto colonizador”.

O *CPH* parece ser o representante imperial de um modelo de Educação que de acordo com Teixeira (1976), passa a utilizar uma didática pedagógica que ministra conhecimentos verbais que são avaliados por meio de notas e que se decoram para a **reprodução** nas provas ou em sala de aula. Um modelo baseado na forma rígida e tradicional dos Jesuítas do Brasil Colônia.

Este modelo de Educação voltava-se exclusivamente para a formação de pessoas no intuito de ingressar no **curso superior**. O ensino secundário no Brasil apresenta essa característica em suas origens, o que é reforçado por Ribeiro (1998, p. 60):

O ensino secundário brasileiro não conseguia conciliar o preparo para o curso superior com uma formação humana a nível médio, mesmo atendendo a tão reduzido número. As condições concretas do meio determinavam uma única função – **preparo para o superior** [Grifo nosso].

Como visto, as características do Brasil Império eram o padrão de ensino seguido pelo *CPH*. Na verdade, o Colégio se enquadrava nesses moldes e se firmava como um modelo de ingresso ao ensino superior, como era solicitado por nossos colonizadores. Essa característica é também ressaltada por Andrade (1999) quando afirma que o Colégio fazia parte do projeto civilizatório do Império.

Ghiraldelli Jr. (2001, p. 18) analisa o surgimento do *CPH* fazendo uma crítica a este modelo de ensino. Para o autor: “tal instituição nunca se efetivou como modelo de ensino secundário, mas sim como uma instituição **preparatória ao Ensino superior**” [Grifo nosso].

Por outro lado, como mostra Milanesi (1989), o ensino no Brasil se configurou com a construção de prédios, salas de aulas e a contratação de professores. De acordo com o autor, esses eram os elementos que permitiam àquela época o ato de educar. O professor, agente único no processo informativo, era um orador essencialmente. Os alunos, receptores de informações.

Este modelo mostrado por Milanesi deixa em evidência que a preocupação maior estava em questões mais imediatas como: construção de escolas, prédios e aquisição de merenda escolar. Nesta perspectiva, o livro e a leitura aparecem em um segundo plano.

A prática pedagógica de ensino que encontramos no percurso da Educação no Brasil neste período consistia basicamente em duas esferas: 1.<sup>a</sup>) rigidez de um ensino

secundário que visava a capacitação para um curso superior e que teve forte influência da ação pedagógica dos Jesuítas; 2.<sup>a</sup>) apresentava um modelo tradicional baseado no conhecimento dos professores. O professor tende a ser a voz única no processo informacional.

Teixeira (1976) também critica esse modelo e destaca que ele tende a não se preocupar com a formação intelectual e cidadã dos sujeitos. Conforme análise do autor, mecanicamente passa alguns conhecimentos teóricos ou noções práticas, não forma hábitos, não ensina técnicas ou habilidades, não disciplina, não molda o caráter, não articula ideais ou aspirações. De acordo com o autor, somente ministra algumas noções básicas sobre a instituição política e a cidadania.

Com tal modelo educacional em mente, nos voltamos para a Biblioteca Escolar do *CPIL*. Perguntamos de que forma estas características explicitadas por Teixeira (1976), Milanesi (1989), Romanelli (1983) e Ribeiro (1998), podem ter influenciado as práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas escolares do *CPIL*.

### **3.3 O acervo e as práticas informacionais: entrelaces com as bibliotecas**

Conforme o quadro construído sobre a Educação no Brasil e suas relações com o *CPIL*, procuramos entender um pouco sobre como suas bibliotecas estão inseridas neste contexto. Para isso, olhamos a rede de informação dos depoimentos sobre as bibliotecas do *CPIL* e o seu acervo para discutir algumas questões.

De acordo com os autores anteriormente citados, o modelo de Educação transplantado da Europa teve forte influência no percurso histórico da Educação no Brasil. Nesse sentido, conseguimos perceber a influência da Educação na formação base do acervo e nas práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas do *CPIL*.

Boa parte do acervo antigo da Biblioteca Histórica é composto por livros em francês do século XVI até o início do século XX<sup>21</sup>. Essa herança refere-se à época em que o Colégio, conforme Ribeiro (1998) destacou, acompanhava as reformas dos liceus franceses. Encontramos esse traço também em depoimento de ex-aluno: “Amigos e colegas me diziam que inclusive eles liam livros de autores franceses”<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup>Fonte: [http://www.cp2centro.net/historia/bibliotecas/Biblioteca\\_memoria.ASP](http://www.cp2centro.net/historia/bibliotecas/Biblioteca_memoria.ASP)

<sup>22</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

Da mesma forma, as práticas informacionais dos sujeitos que encontramos inseridas nas bibliotecas do *CPII*, estão de acordo com as críticas feitas por Milanesi (1989) e Teixeira (1976) quando discutem a questão da ação pedagógica na Escola.

De acordo com as falas de ex-alunos, a Biblioteca Escolar do *CPII* muitas vezes é utilizada para pesquisa e estudo. O professor aparece como o elo de acesso a elas: os alunos reproduzem na Biblioteca a ação pedagógica exercida pelo professor. Os depoimentos contam sobre uma Biblioteca que, na maioria das vezes, é utilizada para cumprir uma obrigatoriedade de leitura:

Os professores de literatura sim. Sempre passavam livros. Sempre recomendavam livros e cobravam. Lembro de mesmo a contra gosto ler muito romantismo, livros da fase do romantismo que é uma fase que eu não gosto. E outras fases também. Mas esse do romantismo justamente pelo trauma de não gostar ficaram bem marcados. Os professores cobravam quatro livros por ano<sup>23</sup>.

Sobre isso, Marteleto (1992) traz algumas contribuições para este trabalho. A autora corrobora nossa percepção quando destaca que a Biblioteca no *CPII*, em sua essência, representa um espelho do modelo centenário do Colégio.

Quase nunca lembrada ou tematizada pelos alunos ou professores, a Biblioteca representa o **espelho da tradição centenária do Colégio Pedro II**, abrigando e conservando a sua história, nas obras de autoria de ex-catedráticos ou ex-alunos, na coleção de obras raras, nunca manuseadas pelos alunos (MARTELETO, 1992, p. 275) [Grifo nosso].

Nos depoimentos de ex-alunos, encontramos indícios que ratificam essa idéia levantada pela autora e estão de acordo com nossas observações. O aluno se dirige às bibliotecas escolares do *CPII* motivado principalmente por uma necessidade de pesquisa solicitada pelo professor:

Foi necessidade de algum livro que o Professor mandou ler e eu precisei. Minha mãe não pode comprar na época e eu precisei ir a Biblioteca para ver se encontrava. Acabei tendo que comprar por que não tinha na Biblioteca<sup>24</sup>.

Os Professores de português recomendavam livros para-didáticos. Eu me lembro até que, na minha época de aluno alguns livros até ficaram. Memórias

---

<sup>23</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade São Cristóvão, *op. cit.*

<sup>24</sup>*Idem.*

de um cabo de vassoura, as obras de Monteiro Lobato. Todos indicados pelos Professores de português<sup>25</sup>.

Silva (1999) abordando as questões que envolvem as condições de miserabilidade da Biblioteca Escolar no Brasil mostra seu descontentamento com um modelo que parece se perpetuar. O autor enfatiza que a Biblioteca Escolar tende a ser vista como um espaço de guarda de livros que o aluno utiliza para fazer pesquisas escolares.

Analisando as práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas escolares do *CPPII*, identificamos indícios sobre isso. No Brasil, esse modelo de Biblioteca Escolar parece não permitir uma ação diferente da que encontramos nos depoimentos de alunos e ex-alunos do Colégio.

A tarefa da pesquisa parece não promover um movimento de ruptura no conceito de Biblioteca Escolar ao qual Silva (1999) e Milanesi (1989) se referem. Na verdade, a leitura na escola ainda segue presa a um círculo vicioso de prática obrigatória que não privilegia o prazer de ler. Sobre isso, Milanesi (1989, p. 97) destaca:

O literário representa a leitura como prazer, como lazer; a “pesquisa” é a nova necessidade que a escola criou. O estudante vai a Biblioteca por obrigação escolar e não por prazer. A “pesquisa” é tarefa de casa. Aquilo que, eventualmente, poderia ser prazer, transforma-se no sacrifício necessário para a aprovação. A Biblioteca passa, portanto, a ser o lugar do sacrifício. Em algumas escolas, efetivamente, é para lá que os professores mandam os alunos insubordinados.

O ex-aluno do *CPPII* mostra nos depoimentos, uma Biblioteca Escolar que reproduz uma prática de pesquisa que é iniciada em sala de aula pelo professor e que está em concordância com o mostrado por Milanesi (1989). Os relatos dão relevo a idéia de que a Biblioteca está ali para o cumprimento de uma atividade curricular.

Eu me lembro que o Professor Euricles de português na primeira série umas quatro ou cinco vezes naquele ano letivo desceu com a gente na Biblioteca. Fazíamos trabalho e pesquisa ali na Biblioteca, mas era iniciativa dele Professor. Não era uma coisa do Colégio<sup>26</sup>.

Essa prática de leitura que encontramos nos depoimentos também é criticada por Freitas (1995) quando analisa a relação entre Biblioteca e Escola no Brasil. Para a autora, existe um descompasso entre essas duas instituições. A autora faz um alerta

---

<sup>25</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Tijuca, *op. cit.*

<sup>26</sup>*Idem.*

sobre como esse relacionamento encontra-se deficiente e, mergulha também nas questões que tratamos neste trabalho.

Podemos afirmar que essas instituições vem tentando 'difundir cultura' sem trabalhar com a curiosidade, com a troca, a crítica, com a cumplicidade de ensinar/aprender, a escola pouco criando espaços para os sentidos que os alunos já elaboraram para seus mundos e a Biblioteca ainda raramente propiciando situações para manifestações e registros culturais diversos dos considerados eruditos. Em tais circunstâncias, as condições de produção de sentidos – construção de conhecimento – são bastante dificultadas, levando ao simples **repasso de informações**, que somente serão incorporadas como conhecimento se o educando estiver de posse instrumental para fazê-lo quase que independentemente da instituição; conhecimentos anteriores correlatos, intertextualidade, abstração e lógica formal exercitadas etc. (FREITAS, 1995, p. 41) [Grifo nosso].

Os depoimentos de ex-alunos confirmam o espelhamento dessas bibliotecas como afirmou Marteleto (1992) e dão indícios de que existe uma prática informacional de “repasso de informações” que é iniciada em sala de aula pelo professor, conforme abordado por Teixeira (1976), Milanese (1989) e Freitas (1995).

Nos documentos, para reforçar essa afirmação, identificamos que elas devem servir “como **complemento e apoio ao processo pedagógico de ensino-aprendizagem** da Instituição e formação e incentivo ao hábito de leitura e pesquisa” (BRASIL, 2004c, p. 4) [Grifo nosso].

Em nossa concepção, a idéia de “apoio pedagógico” que é explicitada nesse escrito e que encontramos nas práticas informacionais dos alunos no *CPPI*, representam o papel principal da Biblioteca Escolar no Brasil. No nosso entendimento, essa característica ainda predominante no cenário escolar brasileiro não permite que a Biblioteca Escolar venha a ter uma representatividade maior e condiciona os seus usuários a ter uma visão micro sobre ela.

Essa nossa visão, essa concepção de Biblioteca Escolar está diretamente relacionada à forma com que a Educação se estabeleceu no Brasil. O ensino ministrado pelos jesuítas e que mais adiante se tornou a base para a Educação, certamente não favoreceu a ação da leitura prazerosa no processo de educar. Isto pode estar impedindo que a Biblioteca Escolar seja percebida de uma forma diferente.

A Biblioteca Escolar do *CPPI* espelha um modelo de Educação que parece ser uma via de mão única e que ainda tende a não favorecer a originalidade e a subjetividade, como mostrou Romanelli (1983), entre outros.

No *CPII* esta característica vai sendo revelada na medida em que olhamos para o trabalho realizado pela Biblioteca Prof. Hélio Fontes da Unidade Engenho Novo II. Em longos períodos de provas, a Biblioteca fica muito cheia. Nas semanas seguintes, observamos uma Biblioteca diferente: esvaziada e sem vida.

Marteletto (1992) dá credibilidade a esta percepção quando afirma que a Biblioteca no *CPII*:

não existe como espaço de leituras que permitem as tensões ou os vínculos entre o lido (instituído) e o vivido. É visitada **obrigatoriamente**, pelos alunos do 1.º grau (5.ª a 8.ª séries) por ocasião das datas cívicas ou comemorativas, para realizar as “**pesquisas**” **pedidas pelos professores**: o índio, o folclore, a árvore, a independência... (p. 275) [Grifos nossos].

A utilização de seu espaço para estudo é muito frequente entre os alunos de Ensino Médio que estão envolvidos com as provas do ENEM e vestibulares. “Eu utilizo a Biblioteca para estudar. Eu venho aqui, uso às vezes o computador quando precisa. Procuro os livros que eu estou interessada e estudo”<sup>27</sup>.

Nossa percepção é fortalecida por Marteletto (1992, p. 276) quando menciona que os alunos desse segmento “vão à Biblioteca por ocasião das provas, para estudar, quase sempre com seu próprio material”.

A evolução da Educação no Brasil retratada por Teixeira (1976), Romanelli (1983), Milanesi (1989) e Ribeiro (1998), como vimos, conta um pouco sobre a rigidez e submissão do ensino no Brasil. Isso parece refletir nas práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas do *CPII*. Nos depoimentos, a Biblioteca Escolar do Colégio aparece como um espaço para apoio as atividades de sala de aula e de reprodução do conhecimento acumulado nos livros para obtenção de notas.

Nesse modelo, a ida à Biblioteca torna-se pouco estimulada. Na maioria das vezes, o professor aparece como o único elemento de ligação com a Biblioteca. “Como espaço mudo, organizado e controlado, lugar de preservação e da cópia do saber acumulado, aguarda silenciosamente e a distância à ação do professor, para acompanhá-la” (MARTELETO, 1992, p. 276).

Essa Educação de elite, rígida, com a qual os autores mencionados retratam a trajetória da Educação no Brasil fornece indícios de permanecer ainda hoje. Esse modelo tende a perpetuar uma Biblioteca que na ação aparece silenciada e reduzida a espaço de apoio pedagógico.

---

<sup>27</sup>Depoimento de aluna do Ensino Médio da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

Conforme observado nos depoimentos sobre a Biblioteca Escolar do *CPII*, as práticas informacionais dos sujeitos revelam a influência da Educação e o forte espelhamento dessas bibliotecas nesse modelo que ainda enfatiza a leitura obrigatória e pouco estimula o prazer de ler.

O panorama histórico desse modelo de Educação parece permanecer não só nas práticas de ensino do *CPII*, mas também em toda a estrutura da Educação no Brasil. Conforme observamos, o enraizamento da Educação no Brasil sugere a preparação dos sujeitos para o ensino superior. Da mesma forma, essa característica aparece refletida nas práticas informacionais dos alunos do Colégio.

No *CPII*, as práticas informacionais dos sujeitos mostram que as bibliotecas têm sido utilizadas para pesquisa, na maioria das vezes, um espaço obrigatório onde são concluídas atividades curriculares. No entanto, essas atividades estabelecem uma relação pouco atraente diante dos alunos do Colégio.

O aluno, na maioria das vezes, busca o livro didático para estudar em função de uma indicação de sala de aula. “Indico frequentemente. Principalmente para os alunos que estão com mais dificuldades na disciplina. [...] O aluno pode pegar para ler e entender. E não precisa tanto do auxílio do professor já que é um livro didático”<sup>28</sup>.

Encontramos nos depoimentos elementos que nos indicam a presença do livro didático nas primeiras bibliotecas do Colégio. “Não existia Biblioteca. Existia uma sala, uma sala bastante pequena com poucos livros. Praticamente os livros que o Colégio adotava era o que tinha ali na Biblioteca, era o **livro didático** [Grifo nosso]”<sup>29</sup>.

O livro didático durante muito tempo foi o responsável pela ida do aluno à Biblioteca, o acervo era basicamente constituído por eles. Essa característica mostra um pouco a influência do modelo da educação brasileira que mencionamos anteriormente. O livro didático passa a ser uma exigência da grade curricular e, como consequência disso, a primeira aproximação dos alunos com a leitura que encontramos no Colégio era feita dessa forma.

A Biblioteca ainda encontra muitos empecilhos para sua valorização e compreensão dentro do ambiente escolar em função de permanecer inserida em um modelo educacional que não privilegia mostrar a leitura como algo prazeroso. Como consequência disso, a Biblioteca torna-se um lugar desinteressante e esvaziado.

---

<sup>28</sup>Depoimento de professor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>29</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Tijuca, *op. cit.*

Em nossa visão, os muitos depoimentos que falam sobre as bibliotecas escolares do *CPII* não só nos mostram traços significativos do trajeto histórico da Biblioteca Escolar brasileira, mas também nos permitem relacioná-los a Educação no Brasil. Esse entrelace nos indica que o quadro de desinteresse pela Biblioteca Escolar tem sido motivado por um modelo educacional que em suas bases muito pouco direciona para a formação do sujeito leitor.

Encontramos indícios nos depoimentos de ex-alunos do *CPII* que mostram uma Biblioteca Escolar focada em uma prática informacional da pesquisa obrigatória iniciada pelo professor em sala de aula. Nesse estágio, a leitura aparece como uma obrigação curricular e a Biblioteca um instrumento de auxílio neste processo. Neste contexto, a Biblioteca fica impossibilitada de ultrapassar o *status* de “apoio pedagógico”.

No Brasil, o quadro histórico da Educação como vimos não favoreceu a organização de um modelo de Biblioteca direcionado para a leitura prazerosa. A Biblioteca Escolar aparece silenciada na ação. Nos discursos da área educacional, ler é importante, no entanto, existe ainda um desconhecimento de como a Biblioteca Escolar tem potencialidade para ser essencial neste processo.

No próximo capítulo, discutimos a Biblioteca Escolar no Brasil através da visão de alguns autores da área nos perguntando: que trem é esse?

#### 4 BIBLIOTECA ESCOLAR: QUE *TREM* É ESSE?

Iniciamos este capítulo buscando dialogar com a literatura da área de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Educação para entender o que é uma Biblioteca Escolar e como ela pode contribuir com a Educação no Brasil. Procuramos mostrar uma Biblioteca Escolar que tem a possibilidade de ser um espaço de leitura prazerosa, ação bibliotecária e transformação.

Desta forma, olhamos para a literatura da área com a perspectiva de encontrar caminhos que nos mostrem uma Biblioteca Escolar diferente daquela que encontramos no cenário da Educação no Brasil. Acreditamos que, com os relatos e as experiências dos autores sobre este assunto, podemos pensar algumas contribuições para a Biblioteca Escolar do Brasil.

Sendo assim, buscamos entender como funciona ou deveria funcionar uma Biblioteca Escolar para, mais adiante, discutir quais ações devem ser tomadas para que ela consiga ter uma representatividade maior na Escola. Na verdade, não pretendemos fechar um conceito sobre isso, nossa tarefa é contribuir para uma discussão sobre o tema.

Muitos são os conceitos utilizados na literatura para definir Biblioteca Escolar. De acordo com Ferrarezi e Romão (2008), dois sentidos sobre ela são encontrados no discurso da Ciência da Informação com mais frequência. Embora não apareçam fechados, eles muitas vezes podem ser identificados em um mesmo discurso: o primeiro refere-se ao imaginário de valorização e idealização, o segundo, refere-se aos sentidos que conferem a esta instituição uma visão mais restrita e negativa.

Ainda de acordo com Ferrarezi e Romão (2008), os problemas e os discursos relativos à Biblioteca Escolar estão amarrados a uma série de restrições tendo em vista que repetem um sentido tido como legitimado e que, muitas vezes, “inscrevem-se pelo silêncio de outros efeitos polissêmicos” (p. 40). Para as autoras, ainda faltam dizeres menos parafrásicos e mais críticos que promovam soluções mais acessíveis.

Não vamos nos prender a uma visão negativa e que ainda encontramos sobre o tema tendo em vista que, na literatura: “é de conhecimento da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação as condições de miserabilidade da Biblioteca escolar: uma

somatória de ausências” (MARTUCCI, 1999, p. 31). Recorrer a essas ausências seria no momento, voltar a falar de questões que já foram muito discutidas no Brasil.

Na visão de Campello (2007), no cenário da Educação no Brasil, a Biblioteca Escolar é ainda um espaço pouco representativo e o discurso não consegue mostrar o papel da instituição na escola. Isso, de acordo com a autora, proporciona um isolamento da Biblioteca e enfraquece o diálogo entre bibliotecários e educadores.

Por outro lado, Campello (2007) afirma também que, nos últimos anos foi dada uma ênfase maior pelos governos na educação e isso tem acentuado as necessidades de se buscar soluções para os problemas de ensino e aprendizagem. Desta forma, a Biblioteca Escolar tem sido lembrada como uma alternativa que pode contribuir com **ações educativas**.

Ainda sobre isso, Martucci (1999) enfatiza que se volta a falar de Biblioteca Escolar de uma forma renovada frente às novas demandas de educação e que, estas considerações mundiais já estão sendo efetivadas no Brasil pelas políticas públicas na área de educação.

Castro (2003) reforça esse ponto de vista quando afirma que o diálogo entre ensino e Biblioteca assumiu formas diferentes de concretização de acordo com o momento histórico, social, político e educacional pelo qual passou a sociedade brasileira em diferentes épocas. A Biblioteca, segundo o autor, torna-se um espaço favorável para o fortalecimento de **ações educativas**.

De acordo com este quadro, a Biblioteca Escolar passa a ser pensada como um instrumento poderoso para promover as ações iniciadas na escola. Para Kieser e Fachin (2000), a Biblioteca é um centro de investigação, é uma das forças educativas mais poderosas que dispõem estudantes, professores, bibliotecários e pesquisadores.

Porém, não podemos deixar de perceber que a construção de um cenário propício para a Biblioteca ser um lugar de significância dentro da escola requer esforços mútuos entre os profissionais. Castro (2003, p. 70) reforça esse nosso pensamento quando menciona que: “[...] acreditamos que os professores e bibliotecários, ao intercambiarem saberes e práticas, assumirão outras posturas frente à escola e à Biblioteca”.

Guimarães (2009) destaca a Biblioteca Escolar como um lugar propício para se promover atividades voltadas para a leitura. Essas atividades, segundo a autora, são essenciais no processo de aprendizagem. Guimarães (2009) chama de “leitura eficaz” aquela que privilegia o entendimento não somente do texto lido, mas que englobe também a realidade a nossa volta e que incentive o leitor a fazer conexões com as

experiências vividas e ouvidas. A autora propõe pensar uma Biblioteca capaz de extrapolar a leitura mecânica e que contribua também para a formação cultural do indivíduo.

Milanesi (1989), por sua vez, destaca que a Biblioteca é um instrumento poderoso que pode possibilitar o acesso as oposições de pensamento. Passar pelos conflitos e as oposições, segundo o autor, é uma forma de pensar, agir e criar.

Para Milanesi (1989), a Biblioteca precisa se adaptar as transformações da sociedade moderna, pois “[...] se ela não ocupar os espaços que as necessidades sociais e os avanços tecnológicos criam, progressivamente será marginalizada como instituição do passado e, portanto, sem função” (MILANESI, 1989, p. 12).

Milanesi (1989) busca uma Biblioteca que por definição seria um centro de informação e instrumento de “desordem”. O autor se refere a “desordem” por que a Biblioteca ordena em seu espaço os muitos pensamentos contraditórios e tem a possibilidade de gerar um estado de desordem. “Uma Biblioteca pode ter livros em pouca quantidade, mas eles podem ser completamente contra a ordem e, inclusive, uns contra os outros” (MILANESI, 1989, p. 41).

O autor acredita ser a Biblioteca um espaço da “desordem” que tem a potencialidade de promover a consciência e o espírito crítico. Nessa Biblioteca, conforme o autor, o professor não é mais o agente único do processo educativo, ele passa a ser aluno também.

Assim, a Biblioteca pensada por Milanesi baseia-se em um modelo provocador de mudanças e transformações na sociedade. A Biblioteca passa a ser um espaço estimulador e interessante onde são expostas as muitas visões de mundo.

Sobre isso, Marteleto (1996) pensa a Biblioteca como parte de uma extensa rede onde se fabricam conhecimentos. Para a autora, as muitas reflexões que tomam a Biblioteca como elemento para a compreensão da dinâmica moderna de produção da cultura, colocam a informação não apenas como um registro, mas ainda enquanto elemento ativo que se elabora nas relações amplas que se estabelecem entre sujeitos, objetos e instituições.

Nesse contexto fornecido pela autora, a Biblioteca passa a ser vista como um espaço móvel onde a dinâmica informacional faz parte também do cotidiano da Biblioteca. Os sujeitos em suas ações fabricam conhecimento e informação. A Biblioteca, desta forma, se torna o espaço ideal para observarmos essas relações com o mundo.

Nóbrega (2002b) destaca que a Biblioteca faz parte da construção de mundo dos sujeitos e enfoca a ação da leitura como elemento fundamental para a dinamização da Biblioteca. Para a autora: “[...] o agir comunicativo e a ação com a leitura são a tessitura da dinamização dos acervos” (p. 125).

Como pudemos observar, os autores atribuem a Biblioteca Escolar uma potencialidade muito grande que pode ser verticalizada na ação. No âmbito da Escola, a Biblioteca se mostra um espaço ideal para **ações educativas** tendo em vista que, como mencionado anteriormente, a Escola passa a ver a Biblioteca como um aliado importante no processo de aprendizagem dos sujeitos.

A pergunta que fazemos no início deste capítulo refere-se exatamente a nossa ansiedade de mostrar que este espaço pode ser muito mais valorizado do que hoje podemos encontrar no cenário da Educação no Brasil. A literatura da área já sinaliza a potencialidade da Biblioteca Escolar e isso, de certa forma, ainda não se incorporou nas práticas cotidianas da Escola.

Nos documentos sobre o *CPII*, encontramos uma Biblioteca Escolar que é de apoio pedagógico e incentivo a leitura (BRASIL, 2004c), no entanto, nas práticas que são relatadas pelos seus ex-alunos, não encontramos a ação da leitura evidenciada neste processo.

Em nossa visão, o principal objetivo de uma Biblioteca Escolar é semear livros. Os livros, por sua vez, têm a capacidade de influenciar o interesse pela leitura prazerosa, abrem possibilidades para a busca de conhecimento e podem promover o acesso a informação.

De muitas formas, os livros contam a vida e, por isso mesmo, são essenciais nos espaços das bibliotecas. Os livros contribuem para que a humanidade possa perpetuar o conhecimento adquirido com o tempo e, a Biblioteca de um modo geral, favorece que sejam lidos e disseminados.

No entanto, pensamos que uma Biblioteca Escolar precisa de muito mais coisas para fazer a diferença. Os livros infelizmente não podem contar suas próprias histórias, são seres inanimados, não têm alma. Na Biblioteca Escolar, os relatos, as experiências, a vida contada pelos livros caminham para o silenciamento se não promovermos algum tipo de ação que facilite o acesso a eles.

Entendemos que a Biblioteca Escolar abre uma porta no sentido de aproximar as pessoas dos livros. Talvez esse momento fique marcado por toda uma vida. Falamos de

experiências boas e ruins. Observando os relatos de ex-alunos do *CPII*, conseguimos compreender um pouco disso.

Desta forma, precisamos iniciar um movimento na Escola para mostrar a potencialidade da Biblioteca. Nesse sentido, percebemos ser este o grande desafio do bibliotecário.

Silva (1989) discute sobre quem deve cuidar da Biblioteca Escolar de forma que ela passe a ter uma **representatividade** maior na escola. Sobre isso, o autor enfatiza alguns requisitos importantes para o responsável pela Biblioteca, entre eles: estabelecer **ações** no sentido de propor literatura, sugerindo obras, abrindo o campo de interesse do leitor.

O autor propõe ainda duas esferas para se pensar essa questão. Se a Biblioteca Escolar assume a responsabilidade de disseminar a leitura no espaço da escola, tomando isso como premissa básica, então a Biblioteca Escolar é **tarefa de todos** deste ambiente. Em segundo plano, ainda de acordo com o autor, o responsável pela Biblioteca deverá gerar influências na comunidade para que se faça da Biblioteca da Escola um espaço mais frequentado.

Os pontos abordados pelo autor são extremamente interessantes para as questões que discutimos no *CPII*. Se no primeiro plano, a Biblioteca Escolar é tarefa de todos, faz-se necessário pensar mecanismos que promovam essa Biblioteca.

No *CPII*, de acordo com os depoimentos, poucos professores conhecem a Biblioteca e, na maioria das vezes, não encontramos a manutenção de um trabalho que vise integrar Biblioteca e professores.

Ainda não conseguimos a parceria com os professores. Alguns anos atrás a gente tinha visto a questão de desenvolver com os professores um trabalho específico. A gente conseguia isoladamente, um ou outro Professor consegue trabalhar com a Biblioteca. Mas ainda não há um grande trabalho da Biblioteca nesse sentido. Nós ainda não conseguimos a adesão dos professores para esse trabalho, a importância da Biblioteca no contexto escolar<sup>30</sup>.

Abordando essa perspectiva, Silva (1999) destaca que o ensino expositivo iniciado pelos professores em sala de aula, tende a não estimular o aluno a buscar a Biblioteca da escola. Por outro lado, para o autor, o professor torna-se vítima nesse processo na medida em que não tem condições de trabalho e uma formação mais específica para estimular o acesso a leitura.

---

<sup>30</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

Cabe acentuar também que a formação do professor, nos cursos de Magistério secundários ou nas licenciaturas, não toma a leitura como objeto de estudo e nem a pesquisa como atividade de produção de conhecimento. Sem debater a problemática da leitura no Brasil e sem participar de experiências concretas de pesquisa, os professorandos perdem oportunidades importantes de vivenciar, no processo de formação pedagógica, a utilização da Biblioteca escolar (SILVA, 1999, p. 57).

Com este quadro em mente, entendemos que o bibliotecário por ter estudado e se especializado nesta área, é o melhor profissional para estar à frente da Biblioteca Escolar. Para isso, ele precisa romper com a formação tradicional e rígida dos cursos de Biblioteconomia que ainda dão ênfase a um profissional mais tecnicista.

Pensamos que a Biblioteca é responsabilidade de todos os integrantes da comunidade escolar. Porém, cabe ao bibliotecário como profissional de referência neste processo, promover ações que facilitem o acesso, promovam o trabalho em conjunto com os professores e mais, mostrar para a Escola que existe um movimento que se preocupa em pensar a Biblioteca como algo essencial na formação dos sujeitos.

Partimos do pressuposto que existe um semeador de livros em cada bibliotecário e, esse sentimento precisa ser despertado como algo que pode fazer a diferença em uma Biblioteca Escolar.

Ao fazermos dessa forma, estamos entrando diretamente no segundo plano estabelecido por Silva (1989) que é o de abrir o campo de interesse de nossos usuários. Por exemplo, a vida contada nos livros em uma Biblioteca Escolar deve fazer parte de uma estratégia de estímulo para atrair os sujeitos.

Com experiências boas ou ruins, como podemos observar nos depoimentos de ex-alunos do *CPII*, muitos foram convidados a passar por ela. Em nossa visão, a Biblioteca poderia ter tido uma participação mais ativa na vida desses sujeitos promovendo ações no sentido de chamar a atenção para a leitura e para os livros como fator essencial a vida.

Ao pensarmos dessa forma, acreditamos que essa Biblioteca poderia ter contribuído para formar pessoas com o hábito da leitura e um senso crítico melhor apurado. Então, por que não pensar uma Biblioteca Escolar em que a vida contada nos livros seja parte de um grande projeto de contação de histórias? Como não pensar essa Biblioteca como espaço de troca de experiências e informação?

A Biblioteca é escolar por que o seu público principal e primeiro são os alunos da Escola. Também não podemos esquecer os funcionários, professores e pessoas da comunidade em torno do Colégio. Pensamos a Biblioteca Escolar como um espaço que

pode favorecer a troca de experiências e o relacionamento entre as pessoas. Essa perspectiva lança um desafio sobre como tornar esse espaço atraente e interessante para um público tão diferente.

Sobre isso, Nóbrega (2002b) propõe algumas alternativas para que a Biblioteca se torne mais interessante e atraente. Para a autora, é necessário:

Proporcionar concretamente ambiências de leitura, por meio da criação de espaços agradáveis para o convívio com os livros e demais suportes de leitura e diversidade de linguagens (tapetes, almofadas, cadeira de balanço, cestos com revistas e livros, plantas, cores, etc., para ler gostoso uma boa história, ouvir com prazer um caso contado, contemplar tranquilamente um quadro, ouvir uma melodia, assistir quieto e trêmulo um filme) (NÓBREGA, 2002b, p. 129).

Dessa forma, observamos também uma grande oportunidade de autores contarem suas próprias experiências fazendo com que isso seja um ato estimulador para as pessoas que escutam. Por que não pensarmos a Biblioteca Escolar como o palco desses grandes encontros? Não seria a Biblioteca Escolar um espaço para abrigar outras formas de registro do conhecimento?

Sobre isso, Cerdeira (1977) em meados da década de 70, via no crescente avanço tecnológico e na tendência da educação da época em priorizar as necessidades individuais dos sujeitos. Dessa forma, segundo o autor, esses mecanismos poderiam contribuir para modificar o conceito tradicional de Biblioteca Escolar<sup>31</sup>. A Biblioteca Escolar, na visão do autor:

Passou a ser concebida como um novo tipo de centros de recursos educativos no qual a ênfase não é apenas colocada na leitura, mas, igualmente, em ouvir e observar materiais que compreendem slides, transparências, filmes, diagramas, reproduções de arte, fitas gravadas, etc. (CERDEIRA, 1977, p. 36).

Esta tendência mencionada por Cerdeira (1977) pensa a Biblioteca Escolar como um espaço não somente dos livros, mas onde os sujeitos podem se aproximar também de recursos de informação fazendo da Biblioteca Escolar um “verdadeiro laboratório de auto-aprendizagem” (p. 36).

Essa perspectiva também é assinalada por Nóbrega (2002b) quando enfatiza a necessidade da Biblioteca reforçar “o trabalho com a oralidade e a escuta, experiências

---

<sup>31</sup>O autor se refere como conceito tradicional a Biblioteca Escolar como sinônimo de guarda de livros.

comunicativas fundamentais, proporcionando um mergulho no contar e ouvir histórias, nos cantares e falares diversos, nas artes orais (parlendas, adivinhas, trava-línguas)” (p. 130).

Conforme sugestão dos autores, pensamos neste momento que a Biblioteca Escolar do *CPII* pode também se tornar um “laboratório de auto-aprendizagem” na medida em que passem a abrigar outros recursos de informação. O material áudio-visual, a Internet, os CDs, os filmes e os contadores de histórias podem ajudar a movimentar os sentidos da Biblioteca Escolar no Colégio.

Os filmes contam os livros<sup>32</sup> e os contadores de histórias também. Isto, de certa forma, estaria ajudando a motivar os sujeitos a buscarem nos livros mais informação, mais detalhes, mais vida. A forma de acesso ao livro não ficaria condicionada a uma ação do professor em sala de aula. Este estímulo passaria a ser prazeroso e interessante.

Por outro lado, muitos estão entrando pela primeira vez em uma Biblioteca Escolar. Pensamos hipoteticamente que cada sujeito esteja iniciando os primeiros contatos com a leitura e isso precisa ser incentivado de alguma forma. É na **ação** que pensamos modificar e transformar o quadro silencioso por que passa a Biblioteca Escolar no Brasil.

A Biblioteca Escolar pode ser um espaço de libertação onde os sujeitos têm a possibilidade de trabalhar a imaginação e a visão crítica sobre as coisas da vida. Ela pode também ajudar a promover a reflexão sobre assuntos diversos na medida em que estimule a consulta aos registros de conhecimento.

Olhamos para a Biblioteca Escolar e pensamos que sua função social deve ser apresentar os livros e a leitura de forma interessante e prazerosa. Toda Biblioteca Escolar deveria trabalhar a questão da leitura como parte essencial da vida. Acreditamos que ao acessar as visões de mundo, os sujeitos têm a possibilidade de desenvolver um espírito crítico sobre elas.

A Biblioteca Escolar deve ser um espaço de **ação** onde o **bibliotecário** encontra uma grande oportunidade para mostrar uma Biblioteca diferente daquela que encontramos em alguns depoimentos, como visto anteriormente. Sob o nosso ponto de vista, todo bibliotecário deveria primeiro passar por um estágio em uma Biblioteca Escolar para entender a dimensão social do seu trabalho.

---

<sup>32</sup>Como exemplo: *O caçador de pipas, Cidade de Deus, A elite da tropa, Percy Jackson e o ladrão de raios, Nosso lar* e outros.

Nas aproximações iniciais com os livros podemos encontrar o prazer através da leitura. A Biblioteca Escolar, entre outras coisas, deve ser um espaço de prazer e entretenimento. Corrêa (2002) reforça nossa percepção sobre isso quando menciona que: “o primeiro contato com a Biblioteca escolar é muitas vezes um acontecimento negativo, onde a Biblioteca passa a ser sinônimo de castigos, imposições, proibições e desconfortos, enquanto deveria constituir-se de uma experiência extremamente positiva” (p. 111).

Em nossa visão, o bibliotecário tem grande responsabilidade neste processo. Como falamos anteriormente, ele deve mostrar uma Biblioteca viva, de muitas possibilidades e, desta forma, passaria a chamar atenção do público de uma forma mais interessante. Ir a Biblioteca da Escola pode ser um ato de descobertas.

Quando olhamos para grande parte dos depoimentos de ex-alunos sobre a Biblioteca Escolar do *CPH*, encontramos a memória apagada de uma Biblioteca sem vida que, na maioria das vezes, não fazia sentido para os sujeitos que as utilizavam. Embora a literatura insista em enfatizar a relevância da Biblioteca Escolar, na prática, ainda identificamos muitos entraves.

Kuhlthau (1999) faz um mergulho sobre a questão da Biblioteca Escolar no processo de aprendizagem e toca em um ponto muito importante sobre as práticas informacionais que ainda encontramos no interior da Biblioteca motivada pelo professor de sala de aula.

Na visão do autor: “a simples memorização de respostas corretas e a reprodução de textos não são suficientes para preparar o estudante para uma vida produtiva e para a realização pessoal” (p. 10).

O aluno do *CPH*, em geral, ainda utiliza a Biblioteca para pesquisa escolar como vimos anteriormente. Essa prática informacional pouco tem contribuído para que a Biblioteca seja vista como um espaço de transformação. Esta leitura mecânica, no nosso entendimento, e aí concordamos com o Kuhlthau (1999), **não poderá de forma alguma promover uma transformação.**

Da mesma forma que a Escola diz ser importante a leitura, ela parece não estimular e promover o acesso à Biblioteca de forma prazerosa. No *CPH*, as práticas informacionais dos sujeitos nos revelam indícios sobre isso. Na maioria das vezes, não encontramos incentivo com relação a isso e o aluno tende a ficar condicionado a reproduzir o que lê nos livros.

Quando questionamos esse *trem*, consideramos muito redutor que a Biblioteca Escolar seja ainda concebida apenas como um espaço destinado para apoio pedagógico quando, na verdade, ela tem potencial para ser muito mais que isso. Se no *CPII* ela também foi pensada para incentivar a leitura, por onde começamos?

As contradições começam a aparecer na medida em que olhamos para a prática informacional revelada pelo depoimento do bibliotecário do *CPII*. Ainda percebemos uma lacuna aberta para a realização de um trabalho em conjunto entre professor e bibliotecário. Os depoimentos revelam um desconhecimento sobre a Biblioteca.

Ainda não conseguimos a parceria com os Professores. Alguns anos atrás a gente tinha visto a questão de desenvolver com os Professores um trabalho específico. A gente conseguia isoladamente, um ou outro Professor consegue trabalhar com a Biblioteca. Mas ainda não há um grande trabalho da Biblioteca nesse sentido. Nós ainda não conseguimos a adesão dos Professores para esse trabalho, a importância da Biblioteca no contexto escolar<sup>33</sup>.

Desta forma, nos perguntamos: Como o Ensino do *CPII* pode se beneficiar da Biblioteca? De que forma podemos iniciar um trabalho em conjunto com professores e bibliotecários para que a Biblioteca alcance visibilidade no Colégio? O que a Biblioteca Escolar tem a oferecer para melhorar a formação dos sujeitos?

Como observamos na literatura, a Biblioteca Escolar tem sido apontada como uma alternativa para impulsionar ações na área educacional. Essa perspectiva aumenta sua participação no ambiente escolar e chama a atenção para os seus produtos e serviços.

A ação do bibliotecário neste contexto é de extrema importância no quadro educacional brasileiro. Os livros não agem sozinhos. Precisamos iniciar um movimento de ruptura com um quadro que, de muitas formas, acaba silenciando as bibliotecas escolares brasileiras.

No nosso entendimento, os cursos de Biblioteconomia podem contribuir neste processo promovendo ações que não privilegiem apenas a formação técnica dos profissionais. É necessário também investir em outras frentes que estimulem um profissional mais ativo.

Milanesi (1989, p. 125) aborda essa questão fazendo uma crítica aos cursos de Biblioteconomia: “a condução dos cursos de Biblioteconomia leva a acreditar que o

---

<sup>33</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

bibliotecário não é para o público, mas é o espaço do bibliotecário, o que seria a própria negação da Biblioteca”.

Da mesma forma, Corrêa (2002) reforça essa idéia quando menciona que: “as universidades que oferecem cursos de Biblioteconomia e Documentação continuam formando profissionais que, ano após ano, saem para um mercado de trabalho que ainda ignora o vasto campo não conquistado das bibliotecas escolares” (p. 108).

Essas questões levantadas pelos autores nos chamam a atenção para refletir sobre o papel do bibliotecário no cenário da Biblioteca Escolar no Brasil. Precisamos assumir uma postura diferenciada da que encontramos ainda nesses espaços. O bibliotecário é o elemento chave para começarmos essa transformação. Sobre isso, Silva (1999, p. 64) destaca:

Convém ao bibliotecário abandonar a lamúria e conferir a atuação da Biblioteca escolar uma característica mais agressiva. Basta de reclamar que o aluno e o professor não vão à Biblioteca! Basta de lamentar que a Biblioteca escolar está esquecida na escola! Mais vale desenvolver mecanismos que atraiam o professor e o aluno para a tarefa, eminentemente coletiva, de pensar e fazer uma Biblioteca escolar atuante, eficiente e capaz de enriquecer o trabalho docente e a aprendizagem do aluno.

Pensamos realmente que a Biblioteca Escolar é um espaço de ação, encontro, comunicação e acesso ao conhecimento. No entanto, sem ação, torna-se esvaziada intelectualmente, desinteressante e pouco atrativa para os olhos dos sujeitos. É na ação que pensamos a Biblioteca Escolar e tentamos mostrar isso para o *CPII*.

Esse movimento precisa partir do interior de cada bibliotecário do *CPII* porque só assim, iniciaremos um movimento contrário a isso. A Biblioteca Escolar vai ser sempre um espaço esvaziado e desinteressante se nós, como profissionais da informação, não mudarmos nossa postura em relação a isso.

O *CPII* tem o privilégio de poder ter muitas bibliotecas o que é extremamente positivo para uma instituição de ensino público. No entanto, é na ação que elas poderão vir a ter uma representatividade maior no cenário educacional brasileiro.

Respondendo a pergunta que fizemos no início do capítulo, a Biblioteca Escolar no nosso entendimento, deve ser um espaço de transformação para a vida onde os sujeitos têm a possibilidade de se interessar pela leitura, pelo mundo. Esse *trem* que tem dia e hora marcados pode fazer a diferença na Escola.

Os contos, as fábulas, as crônicas que encontramos no interior de uma Biblioteca Escolar podem ativar o interesse dos sujeitos pela leitura. Mas, para que isso aconteça, é necessário cada vez mais ações nesse sentido.

Inconscientemente ao entrarmos em uma Biblioteca, estamos olhando para o mundo através de suas muitas vozes, as grandes verdades e mentiras da humanidade. Essa Biblioteca, de acordo com Milanesi (1989), se torna um grande palco para as contradições da vida.

A Biblioteca nesse sentido seria essencial para um processo de transformação. Pensamos em uma Biblioteca que transforme e que assuma a responsabilidade de mostrar as contradições dos discursos, que incentive o gosto pela leitura e que, acima de tudo, não fique mergulhada em procedimentos que dificultam o seu acesso.

De certa maneira, acreditamos que a Biblioteca Escolar enfrenta muitos obstáculos porque ainda está mergulhada em regras e normas que dificultam o interesse dos sujeitos pela leitura. Sobre isso, Silva (1989, p. 28) destaca:

Desburocratizar a Biblioteca da escola não significa jogá-la na esfera do caos: significa, isto sim, estabelecer um tipo de organização que leve em conta os interesses (desejos, aspirações) dos leitores e as propostas pedagógicas dos professores.

No nosso ponto de vista, uma Biblioteca Escolar é por essência um espaço ideal para incentivarmos o prazer pela leitura. Acreditamos ser esse o grande desafio dos profissionais que trabalham com a Biblioteca Escolar no Brasil. Uma investigação sobre as práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas do *CPII* nos ajuda a pensar em uma Biblioteca mais participativa no ambiente escolar.

As práticas de leitura e informação motivadoras de verdadeira aprendizagem podem ser refletidas a partir da Antropologia da Informação, linha de pesquisa que coloca o sujeito como referência em diferentes campos e contextos sociais. Nesse sentido, podemos encontrar meios para transformar a Biblioteca em algo vivo e transformador.

No próximo capítulo, pegaremos uma carona na Antropologia da Informação onde buscamos mostrar esses caminhos.

## 5 PEGANDO CARONA NA ANTROPOLOGIA DA INFORMAÇÃO: CARIMBANDO O PASSAPORTE

Quando mudei de unidade e fui para São Cristóvão e a gente teve o conhecimento físico dos espaços, eu me lembro que tinha uma Biblioteca grande, muito grande no fundo do pátio principal. Mas para ser sincero eu nunca tive a necessidade de fazer o uso da Biblioteca. Eu já trabalhava então eu não tinha tempo. Eu já saía do Colégio para o trabalho<sup>34</sup>.

A liberdade não era a de hoje. Mas isso ia contra minha vontade como diretor evidentemente (risos). Mas ela era procurada. Uma recordação forte que eu tenho é que as bibliotecas mesmo naquela época eram procuradas. A Biblioteca não era uma coisa como vou dizer assim, não era como hoje eu estou vendo aqui. Ela tinha uma lotação, ela estava com uma frequência muito boa. Me parece pelas vezes que eu estive aqui que essa daqui é bastante utilizada<sup>35</sup>.

Todos os livros que eu procurei na Biblioteca de São Cristóvão eu consegui. Tinha lá. Me parecia, estamos falando de algo com mais de vinte e cinco anos atrás, que a Biblioteca atendia bem aos alunos. Tinha bibliotecário e muito servidor<sup>36</sup>.

O que adianta uma Escola com tantas salas de aula e que não tem uma Biblioteca que dê suporte ao trabalho desses alunos? Aí uma Biblioteca com dignidade. Com bom acervo, com bom espaço, com conforto para que ela sirva de elemento motivador para o aluno participar, entrar na Biblioteca, visitar, ter prazer de estar ali lendo e pesquisando. Aí eu abri mão de quatro salas pra fazer a Biblioteca grande. Uma Biblioteca pequena não interessaria<sup>37</sup>.

Os textos que formam este documento foram elaborados após terem sido ouvidas às vozes de todos os segmentos da comunidade do Colégio Pedro II presentes às reuniões para discussão de seu Projeto Político-Pedagógico. Desta forma, os textos representam o reflexo das opiniões de todos aqueles que se dispuseram a contribuir e a participar em um processo coletivo de construção (COLÉGIO, 2002, p. 25).

Nos quatro primeiros recortes acima, os sujeitos narram o vivido e reconstroem um passado que aparece bastante presente na lembrança sobre as bibliotecas do *CPII*. Nos depoimentos, a Biblioteca vai ganhando vida na fala dos sujeitos. Uma rede de informação vai sendo construída sobre elas.

---

<sup>34</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade São Cristóvão, *op. cit.*

<sup>35</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>36</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade São Cristóvão, *op. cit.*

<sup>37</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

A Biblioteca Escolar é o ponto comum que reúne essas falas. O ex-aluno e o diretor falam sobre momentos distintos e de ângulos diferentes. Eles contam o que viveram e sentiram. Essas falas abrem espaço para refletir sobre os vários momentos relatados por eles e permitem uma conexão com a questão da Biblioteca Escolar no Brasil.

O “olhar do outro” passa a ser o enfoque dos questionamentos que fazemos neste trabalho e, com eles, vamos estabelecendo uma conexão com a rede de informação e conhecimento sobre as bibliotecas do *CPH*. As referências se entrelaçando, os diversos pontos de vista são discutidos e a Biblioteca Escolar aparece alimentando essas questões.

Em oposição a isso, no quinto recorte, quando a Instituição “fala” através do Projeto Político Pedagógico do *CPH*, encontramos um aparente silêncio sobre este assunto. Momentos contraditórios que revelam indícios de que as falas e os documentos fornecem um campo rico para discutir a Biblioteca Escolar. As falas dos sujeitos abrem um espaço de significância. O silêncio no Projeto Político Pedagógico a respeito das bibliotecas do *CPH*, por sua vez, alimenta o jogo dos sentidos.

Com a construção deste cenário, encontramos na Antropologia da Informação subsídios teórico-metodológicos que nos permitem pensar as questões que tratamos aqui. As reflexões que fazemos nesta pesquisa convergem metodologicamente com as propostas feitas pela Antropologia da Informação que, entre outras coisas, busca através da representação de mundo dos sujeitos e suas relações com a sociedade, **compreender o modo de funcionamento de uma cultura informacional**.

Com essas perspectivas, nos interessa neste momento compreender qual a cultura informacional dos sujeitos nas bibliotecas escolares do *CPH* e como essa cultura influencia na maneira como a Biblioteca atua no Colégio. Nosso enfoque gira em torno do que os sujeitos contam sobre a Biblioteca Escolar de uma instituição centenária, representante de um modelo de Educação no Brasil.

Para compreender o universo complexo das falas como campo de significância, a Antropologia da Informação trabalha com a noção de **cultura** que vai se referir ao: “conjunto dos artefatos construídos pelos sujeitos em sociedades (palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens) pelos quais dão sentido, produzem e reproduzem sua vida material e simbólica” (MARTELETO, 1995, p. 90).

Informação, um termo polissêmico que sob o ponto de vista antropológico:

Diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais. Fenômeno de complexa configuração ou previsão, seja ela entendida como processo ou produto, é sempre uma probabilidade de sentido” (MARTELETO, 1995, p. 90).

Sendo assim, a análise que desenvolvemos neste trabalho tem como objeto o contraponto entre as falas dos sujeitos e os documentos. Desta forma, observando os dizeres sobre as bibliotecas do *CPII*, encontramos na Antropologia da Informação subsídios para refletir sobre esses dados.

O conjunto das bibliotecas é discutido na medida em que mergulhamos na fala de professores, diretores, alunos, ex-alunos e pessoas ligadas diretamente a Instituição. A pluralidade dessas vozes dimensiona os caminhos e as reflexões desta pesquisa. E as probabilidades de sentidos vão aumentando na medida em que começamos a buscar as conexões do que está sendo dito com a literatura da área.

A Antropologia da Informação coloca o sujeito no centro das questões informacionais. A informação e o conhecimento passam a ser o produto das relações dos sujeitos em sociedade. Essas relações alimentam as discussões que levantamos nesta pesquisa. Os sujeitos constroem uma cultura informacional específica e apresentam em suas falas elementos significativos para pensarmos as bibliotecas do *CPII*.

Para observarmos esses diversos modos de ver as bibliotecas do *CPII*, as amostras deste trabalho foram coletadas através de entrevistas livres. Os sujeitos em suas falas movimentam os sentidos sobre este assunto. Para a Antropologia da Informação os sujeitos são: “criações culturais e históricas que, uma vez instituídas, dão coesão e unidade interna à ‘instituição total da sociedade’, funcionando como um tecido imenso e complexo de significações” (MARTELETO, 1995, p. 91).

A dinâmica de produção dos sentidos dos sujeitos falantes contraposta aos *não ditos* dos documentos analisados norteia as muitas questões que levantamos aqui. Com suas experiências expressas através da fala, abre-se um campo rico de investigação. Por esse prisma, os sujeitos passam de coadjuvantes para atores principais.

O olhar interpretativo do pesquisador coadjuvado pelo pressuposto da Antropologia da Informação busca, assim, a compreensão do universo em que os sujeitos produzem suas falas. Para Marteleto (1992, p. 95):

É que operando com a linguagem como meio de expressão (e de silêncio) das práticas e representações dos sujeitos, não podemos deixar sem consideração

o fato de que lidar com a linguagem 'do outro' implica em apreendê-la antes do ponto de vista do sujeito que entende, i.é. como meio de ação e expressão, do que do ponto de vista do sujeito que fala, i.é., como instrumento de decifração.

Pressupomos que as escavações arqueológicas dos dizeres que fazemos neste trabalho sob a ótica da Antropologia da Informação, nos permitem contribuir com a questão da Biblioteca Escolar no Brasil pois, por exemplo, identificamos nessas falas, muitos movimentos de ruptura com o quadro de isolamento e de silêncio que ainda encontramos sobre este tema.

No *CPII*, em muitos momentos, identificamos ações que iniciaram um processo de transformação do quadro apresentado. Essas experiências vitoriosas nos mostram que existem muitos caminhos a serem traçados e que, como não poderíamos deixar de destacar, precisam de relevo no cenário da Biblioteca Escolar no Brasil.

Os sujeitos contam os vários momentos passados nas bibliotecas do *CPII* e mostram caminhos que nos fazem pensar em ações para dar visibilidade a Biblioteca Escolar no cenário brasileiro.

Esses dizeres contribuem diretamente com a Ciência da Informação na medida em que refletem caminhos de práticas informacionais a serem discutidas e compartilhadas com a sociedade. As muitas experiências vitoriosas desses interlocutores nos mostram que as adversidades podem ser superadas se sairmos da inércia para iniciar um trabalho que tenha na **ação** seus fundamentos.

Para isso, no capítulo 7, contamos como os sujeitos no *CPII* iniciaram essas transformações. Enfatizamos as práticas informacionais positivas desenvolvidas por eles para que a Biblioteca Escolar do Colégio pudesse alcançar maior representatividade no entorno educacional.

Essas práticas informacionais que identificamos, no nosso entendimento, contribuem para pensar a Biblioteca Escolar como um espaço de ação que tenha em suas bases o incentivo a leitura prazerosa.

Para Marteleto (1992, p. 282) é através da fala que “se confrontam e se constroem identidades, se elaboram novos significados, outros são rejeitados ou lidos a partir de novos ângulos”. A Antropologia da Informação trabalha com a idéia de que a interpretação dos significados envolvidos nas falas pode ajudar a compreender a informação como um processo determinante para aquisição de conhecimento em nossa sociedade.

Como já dito, para pensar práticas de informação dos sujeitos nas bibliotecas do *CPII*, tomamos como referência o trabalho realizado por Marteleto (1992, p. 17) que trabalha a noção de cultura sob dois pontos de vista:

1.º) dos discursos sobre a cultura ou de como se construíram uma ou várias idéias sobre cultura em nossa sociedade. Será uma abordagem sócio histórica; 2) da noção de cultura como algo que as pessoas juntas constroem através das suas ações e representações que, num sentido moderno são **práticas de informação** [Grifo nosso].

A Antropologia da Informação destaca a existência de uma teia de sentidos construída na fala dos sujeitos que possibilita uma imersão no universo dos significados, quando trabalha com a noção de cultura viabilizando-se através de uma reconstrução histórica.

Desta forma, “o olhar agora deve estar atento aos discursos da cultura, pois é neles que se observa mais profundamente as interpretações e os vínculos simbólicos e materiais que as nossas sociedades históricas estabelecem com a realidade” (NÓBREGA, 2002a, p. 65).

A Biblioteca Escolar do *CPII*, aparentemente silenciada na documentação do Colégio, está viva na rede de informação dos sujeitos. Essa rede de informação aparece na medida em que questionamos como era a Biblioteca no tempo em que o aluno estudou; em que o professor lecionou; em que o funcionário trabalhou. As muitas referências cruzadas vão tomando corpo e nos estimulam a questionar se o quadro de desvalorização da Biblioteca tem sofrido mudanças.

Não foi a Biblioteca que me levou. O Pedro II eu digo que me levou ao interesse pela leitura, mas foram os professores de literatura. Em particular uma Professora do terceiro ano que a ela eu tive a inteligência de desabafar e dizer que não gostava dos livros que eram indicados. Eles sempre indicavam os *best sellers*. Os melhores autores Machado de Assis Graciliano Ramos Eça de Queiroz. E eu não gostava desses autores. Ela me incentivou a ler outros autores como Luis Fernando Veríssimo que não eram propriamente os mais aclamados mas que eram de referência<sup>38</sup>.

Os sujeitos com suas práticas informacionais têm como pano de fundo a questão da Biblioteca Escolar no Brasil. O sujeito é o elemento referencial onde olhamos para as muitas vozes buscando constatar os pontos de partida semelhantes. Neste caminho, encontramos as contradições dos olhares.

---

<sup>38</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade São Cristóvão, *op. cit.*

Marteletto (1995) destaca que todo objeto científico é uma construção desenvolvida pelo pesquisador, especialmente quando estuda fenômenos sociais e humanos. No entanto, conforme a autora mesmo enfatiza:

Essa construção não é arbitrária, ela só se torna possível pelas realidades sócio-históricas, ou seja, pela consideração não apenas dos sujeitos, suas práticas e representações, mais ainda das **estruturas e situações que se encontram envolvidos** [Grifo nosso] (p. 89).

Com tal perspectiva, este trabalho pensa a relação daquilo que está sendo dito pelos sujeitos com o quadro referencial da Educação no Brasil. Perguntamos neste momento quem é que está falando, de que forma esta fala pode representar um grupo ou segmento e como isso pode influenciar nas discussões desta pesquisa. Com isso, dividimos esses dizeres em três momentos diferentes:

1.º) A fala do diretor, professor e funcionário que, no nosso entendimento, tem uma relação de subordinação com o *CPPII*; 2.º) A fala de alunos e ex-alunos que aparentam ser mais livres no dizer; 3.º) O aparente silêncio que encontramos nos documentos e que, como não poderia deixar de ser, passa a fazer parte do jogo dos sentidos.

Três momentos distintos que nos chamam a atenção para a questão da Biblioteca Escolar no Brasil e revelam que estamos em um campo minado. A memória de ex-alunos do *CPPII* remete para uma Biblioteca sem vida, que parecia fazer pouco sentido para seus frequentadores. “Era uma Biblioteca que fedia a mofo. O aspecto da Biblioteca era escuro, era breu. Os móveis pesados. Era um mobiliário de madeira antiga. Os livros antigos, que a mim nunca foi convidativa”<sup>39</sup>.

Contraditoriamente, na fala do diretor de unidade, encontramos uma Biblioteca “diferente”: “A Biblioteca tem um papel fundamental dentro da Escola. Ela não só tem que ser motivadora da leitura, fazer com que o aluno visite, tenha esse interesse pela leitura, primordial isso”<sup>40</sup>.

Nos documentos oficiais sobre o *CPPII*, muito pouco encontramos sobre suas bibliotecas. Como já mencionado, o Projeto Político Pedagógico (COLÉGIO PEDRO II, 2002) não destina nenhum dos seus muitos capítulos para falar sobre elas.

---

<sup>39</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade São Cristóvão, *op. cit.*

<sup>40</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

Encontramos ausência deste assunto nos documentos o que nos leva a relacionar este quadro com a Educação no Brasil, como vimos.

Estes modos diferenciados de ver e perceber fornecem subsídios para discutir as bibliotecas do *CPII*. Como consequência disso, nosso foco gira em torno dos muitos pontos em comum, as contradições e o aparente silêncio relacionando-os ao quadro da Educação no Brasil. As falas constituem o principal elo gerador de informação e conhecimento desta pesquisa, nutrindo-se como referenciado pela Antropologia da Informação.

É através dessa rede de dizeres explícitos ou subentendidos, que discutimos a Biblioteca Escolar do *CPII*. Desta forma, trazemos também algumas contribuições a partir das práticas informacionais dos sujeitos que nos ajudam a movimentar os sentidos da Biblioteca na Escola. Sobre isso, Marteleto (1992, p. 97) enfatiza:

Ao admitirmos que as ações e as representações dos sujeitos geram conhecimento, enquanto práticas produtivas e transformadoras sobre o mundo, é que percebemos que aquelas, quando olhadas como práticas de absorver, produzir e devolver informações, alimentam conceitualmente, situam e dão corpo a noções tão fluídas e opacas como informação, comunicação, significado, linguagem, símbolo, ideologia, indicando-nos que essas, como outras noções, não possuem uma única e definitiva definição, mas adquirem, na prática, conotações situadas, provisórias, refletidas pelas relações de poder e pela posição dos sujeitos nos processos sociais de produção, circulação e consumo de informações.

A partir daí começamos a perceber as contradições. Aliás, como já foi falado pela autora, observar as práticas informacionais dos sujeitos requer também identificar as condições em que elas são produzidas. O diretor do *CPII* fala de um lugar determinado: sua fala representa politicamente os anseios da Instituição. O diretor tende a ser a “voz” da Instituição.

A fala do diretor de unidade diz da importância de se ter uma Biblioteca viva e operante. “[...] ela não pode ficar restrita ao espaço, à espera de leitores que visitam a Biblioteca, pegam o livro por empréstimo. Ela tem que ter um papel muito maior”<sup>41</sup>.

Esse imaginário de valorização da Biblioteca Escolar parece predominante no cenário da Educação no Brasil. A Biblioteca passa a fazer parte de um discurso legitimador sobre o seu papel dentro da Escola e que tem na ação suas bases: “O aluno chega, tem que ter alguma **ação** da Biblioteca que faça que ela seja cada vez mais

---

<sup>41</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

atraente além de ter um acervo bastante interessante. E isso aí também é um ponto importante”<sup>42</sup>.

No entanto, em muitos momentos, identificamos nas bibliotecas do *CPPI* uma Biblioteca que, na ação, pouco privilegiava um trabalho destinado a mostrar o lado prazeroso da leitura. A memória do ex-aluno remete para uma Biblioteca sem ação e que na prática, servia como apoio pedagógico: “a maioria dos livros que a gente pegava eram livros de leitura mesmo para algum tipo de trabalho da língua portuguesa”<sup>43</sup>.

Marteletto (1992) observando as práticas de informação dos sujeitos no *CPPI* analisa a Biblioteca Escolar da Unidade São Cristóvão e descreve uma Biblioteca que na ação não se aproxima daquela falada pelo diretor de unidade de nossa investigação.

De forma diferente da sala de aula e de outros espaços escolares, desconhecendo o que neles passa, não é um espaço de comunicação, ou de troca. É o espaço das normas e do silêncio. E no entanto ela existe, o que não é comum na maior parte das escolas brasileiras (p. 275).

O que temos observado nesse sentido, caminhando pelas muitas bibliotecas das unidades do *CPPI*, é que elas seguem um modelo de Biblioteca Escolar fortemente influenciado por uma prática informacional relacionada a um período específico da história da Educação no Brasil. Um modelo voltado mais para a guarda do conhecimento acumulado do que propriamente baseado em uma ação de leitura.

As falas dos sujeitos dão indícios de que a Biblioteca Escolar do *CPPI* ainda em sua essência reproduz esse modelo de Educação. Marteletto (1992, p. 278) reforça nossa percepção e destaca que:

O que chega a ser veiculado no seu espaço é uma leitura de consumo e reprodução, não de fruição, libertação ou mudança. Entre regras sobre o permitido e o proibido, o potencial informacional dos seus livros, revistas, dicionários, enciclopédias, coleções cartográficas, é neutralizado pelo silêncio dos que ali penetram, sem perguntas, e dos que ali permanecem zelosamente a organizar, nomear e classificar o que é lido apenas como formas ou suportes informacionais.

Como vimos anteriormente, a Biblioteca é o espaço onde principalmente o aluno estuda. Porém, ao olhar para as falas, identificamos muitas ações de pessoas que promoveram esforços no sentido de mudar este quadro.

---

<sup>42</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo, *op. cit.*

<sup>43</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Tijuca, *op. cit.*

Esses momentos distintos expõem as contradições e as polêmicas de nossa pesquisa. O grande desafio agora é relacionar estas questões trazendo contribuições não só para o *CPII*, como também para a Ciência da Informação, para a Biblioteconomia e Educação que, no nosso entendimento, são diretamente interessadas neste tema.

Tomando a Antropologia da Informação como pressuposto para basear nossas reflexões, buscamos contribuir para uma discussão mais apurada sobre a Biblioteca Escolar no Brasil. Desta forma, intencionamos a partir das falas dos sujeitos e suas relações com as bibliotecas do *CPII*, levantar elementos que possam contribuir para que a Biblioteca Escolar tenha uma representatividade maior no espaço educacional brasileiro.

Para Marteleto (1992) e Nóbrega (2002a), a Antropologia da Informação contribui com o campo interdisciplinar da Ciência da Informação na medida em que amplia o seu referencial teórico e abre espaço para buscar o entendimento dos processos comunicacionais e de transferência de informação. Com essa certeza em mente, iniciamos nossa investigação observando as práticas de informação ligadas às bibliotecas escolares do *CPII*.

## 6 ENCONTROS E DESENCONTROS: A REDE DE INFORMAÇÃO CONSTRUÍDA NAS FALAS

A rede de informação que encontramos construída na fala do aluno, diretor, funcionário e bibliotecário revela fortes indícios de que as bibliotecas do *CPII* passaram, durante muito tempo, por muitos problemas estruturais pontuados em períodos distintos: ausência de recursos financeiros, carência de livros de literatura e, muitas vezes, apresentavam como função abrigar os alunos insubordinados.

A maioria das salas de aula era de madeira. A Biblioteca era realmente algo adaptado, uma sala pequena com poucas obras, na maioria livro didático<sup>44</sup>.

Como estudante eu gostava de ler romance e literatura, a maioria do acervo era livro de pesquisa, enciclopédias, Barsa, Delta. Enfim, não tinha grandes opções de romance. José de Alencar, o primeiro José de Alencar que eu li foi aqui na Biblioteca. Tinha um único exemplar que a gente tinha que ficar esperando para poder retirar isso<sup>45</sup>.

Eles queriam que a Biblioteca estivesse aberta. A palavra certa é aberta. Por que qualquer problema os alunos iam cumprir castigo na Biblioteca. Ou quando muito uma pesquisa, mas tinha um material totalmente desatualizado. Não tinha nada de atrativo<sup>46</sup>.

Esta situação não foi privilégio apenas do *CPII*, elas tiveram forte predominância no cenário educacional brasileiro por um longo período. Silva (1999) enfatiza essa questão e destaca que a Biblioteca Escolar teve sua voz silenciada em muitos momentos: “silenciam as autoridades, ignoram-na os pesquisadores, calam-se os professores, omitem-se os bibliotecários” (p. 13).

Contudo no *CPII* este quadro tem sofrido mudanças. Aos poucos, encontramos indícios dessas transformações na rede de informação construída pelas falas. Nelas, identificamos uma Biblioteca mais moderna, com espaços maiores e com uma receptividade boa por parte dos alunos.

No nosso entendimento, essas mudanças são fruto de uma preocupação maior oriunda da literatura da área bem como também dos profissionais que trabalham com

---

<sup>44</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Tijuca, *op. cit.*

<sup>45</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>46</sup>Depoimento de bibliotecário do *CPII* falando sobre a Biblioteca da Unidade Centro na década de 1980, *op. cit.*

Biblioteca Escolar em discutir este assunto mais fortemente nos últimos anos. Os próprios profissionais do *CPH*, o que veremos mais adiante, promoveram uma série de ações para modificar este quadro.

Por outro lado, os depoimentos de ex-alunos revelam que, durante muito tempo, a Biblioteca não desenvolveu um trabalho direcionado para os alunos do Colégio em parceria com a comunidade escolar. Essa característica parece ser o reflexo de um longo período em que a Biblioteca Escolar ficou estagnada conforme nos mostra Silva (1999). Isto também é ratificado pelos profissionais do Colégio:

Quando eu assumi a Biblioteca, não havia trabalho nenhum com os alunos. O espaço estava formado, era bonito, amplo, belo, limpo, e os alunos vinham se quisessem vir, não havia nenhum trabalho de convite a comunidade, nada que atraísse, a não ser o ar condicionado, o ambiente limpo, confortável, refrigerado, uma ambientação boa, climatização boa. Havia muitos problemas, o aluno não entendia o objetivo do espaço, para ele era um lugar de lazer<sup>47</sup>.

No entanto, hoje já se consegue enxergar a Biblioteca Escolar como uma alternativa para promover a leitura prazerosa e ações educativas no espaço do *CPH*. Evidentemente isso não aconteceu da noite para o dia. No nosso entendimento, percebeu-se aos poucos que a dimensão da Biblioteca era muito restrita para o atendimento dos alunos e que “uma Biblioteca pequena não interessaria”<sup>48</sup>.

Nas bibliotecas do *CPH*, depois de um longo período de dificuldades o que é também perceptível no trabalho de Marteleto (1992), as mudanças de atitudes de alguns sujeitos iniciaram um movimento positivo nesse sentido.

Quando consultamos essa rede de informação encontramos indícios das mudanças. Hoje, os sujeitos falam sobre uma Biblioteca diferente daquela de alguns anos atrás, o que nos fornece elementos que indicam uma transformação positiva neste quadro.

Em minha opinião a unidade Engenho Novo é privilegiadíssima em relação à Biblioteca. Uma Biblioteca ultra super moderna. Um espaço agradável, refrigerado. Hoje tem o avanço tecnológico, a Internet que naquela época não tinha. Hoje tem a doação do livro didático pelo governo federal. Então a Biblioteca tornou-se mais importante em função do próprio sistema de estimular que o aluno freqüente e tenha acesso a esse material. O aluno já tem acesso ao material didático dia a dia. E fora os trabalhos específicos, concursos de redação, esse material para incentivar o aluno a ir a Biblioteca.

---

<sup>47</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

<sup>48</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

Até a própria arte, a matéria arte, eu já presenciei aqui, fez um trabalho específico dentro da Biblioteca. Acho que evoluiu muito em todos os segmentos, melhorou na parte física, na parte estrutural, na parte tecnológica, mas principalmente evoluiu no conceito da pessoa saber a importância da leitura<sup>49</sup>.

Pelos depoimentos, as bibliotecas do *CPII* apresentam uma melhora significativa em sua estrutura física, acervo e até mesmo no tratamento com os alunos comparados aos de alguns anos anteriores. Isto é percebido quando nos reportamos aos depoimentos mais atuais. Os alunos falam do “pessoal legal da Biblioteca”:

Para alugar livros, ler. Geralmente não para estudar por que eu costumo fazer isso em casa. Para bater papo com o pessoal legal da Biblioteca e para fazer pesquisa no computador<sup>50</sup>.

Eu leio, estudo e venho para conversar com os funcionários. Venho para ver os livros novos, dar sugestões. Aqui também é calmo, tem menos barulho e as pessoas também são legais<sup>51</sup>.

Outra característica importante que essa rede de informação nos revela é que as bibliotecas do *CPII* têm através de iniciativas próprias, desenvolvido um trabalho no sentido de aumentar sua visibilidade no Colégio: “A gente vem trabalhando aos poucos para que as pessoas participando dos conselhos, dos COCs<sup>52</sup>, entendam o papel do bibliotecário. Para que as pessoas comecem a desenvolver alguns projetos junto com a Biblioteca<sup>53</sup>”.

A ausência de recursos financeiros que no primeiro momento consideramos ser ainda um problema acentuado da Biblioteca Escolar no Brasil, no *CPII*, não impede o desenvolvimento do acervo. As unidades Centro e Engenho Novo II desenvolvem uma política de aquisição voltada para os interesses dos alunos<sup>54</sup>.

Com os recursos advindos da inscrição e cobrança de multas, também são adquiridos livros para a Biblioteca: “A gente começou a fazer dinheiro. Todos os

---

<sup>49</sup>Depoimento de ex-aluno da Unidade Tijuca (1975) e Unidade São Cristóvão (1980-81), *op. cit.*

<sup>50</sup>Depoimento de aluna do 9.º ano do Ensino Médio da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>51</sup>*Idem.*

<sup>52</sup>Conselho de Classe.

<sup>53</sup>Depoimento de bibliotecária, *op. cit.*

<sup>54</sup>São adquiridos livros que estão na moda e chamam a atenção dos alunos. Autores que estão na mídia e filmes que são lançados em forma de livros. Como exemplo: Crepúsculo, Lua Nova, Cidade de Deus, A elite da tropa e outros.

recursos para angariar, para receber qualquer tipo de doação: vender jornal, feirinha, tudo que você pode na época era revertido para compra de acervo”<sup>55</sup>.

Escavando essa rede de informação encontramos algumas justificativas para essas melhoras. O diretor que um dia foi aluno do Colégio nos conta um pouco sobre isso: “Eu fico muito feliz de ter essa minha Biblioteca hoje, uma Biblioteca tão rica **por que é uma forma de compensar o que eu não tive ao longo da minha vida de estudante**”<sup>56</sup> [grifo nosso].

Nesses dizeres, encontramos um sentimento de preocupação com as bibliotecas do Colégio e que motivou a busca por mudanças. O bibliotecário fala sobre uma Biblioteca condizente com a estrutura do Colégio: “Eu acho que a Biblioteca tem que estar nivelada a educação que o Colégio proporciona”<sup>57</sup>.

As falas nos levam a pensar que as práticas informacionais de alguns sujeitos no contexto do *CPH*, iniciaram um movimento de ruptura com o quadro de desvalorização da Biblioteca Escolar que, como vimos, é recorrente no cenário educacional brasileiro.

Sendo assim, no capítulo seguinte, mostraremos o que tem sido feito no *CPH* e ajudado a Biblioteca do Colégio a adquirir relevância na estrutura de Ensino da Instituição. Com isso, pretendemos contribuir com a questão da Biblioteca Escolar no Brasil na medida em que identificamos algumas práticas informacionais positivas que podem ajudar a encontrar soluções mais práticas para o problema.

---

<sup>55</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

<sup>56</sup>Depoimento de ex-diretor de Unidade e ex-aluno das unidades Engenho Novo e São Cristóvão, *op. cit.*

<sup>57</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

## **7 TRAÇANDO NOVAS ROTAS E CAMINHOS: AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS POSITIVAS COMO INSTRUMENTO PARA AÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR**

A biblioteca escolar e a escola pública brasileiras têm saída, mas ela não está dada, quer dizer, precisa ser construída coletivamente através do pensar e do fazer dos educadores, dos alunos, dos pais, enfim, de todos os segmentos sociais realmente comprometidos com a reconstrução do sistema de ensino público no Brasil (SILVA, 1999, p. 91).

Propomos neste capítulo escavar os saberes dos sujeitos e, em uma construção coletiva como nos sugeriu Silva (1999), apontar o que tem dado certo na Biblioteca Escolar do *CPII*. Com isso, acreditamos contribuir com a questão da pesquisa e da mesma forma com a Ciência da Informação que viabiliza através do campo de estudos da Antropologia da Informação um pensar coletivo sobre as práticas informacionais dos sujeitos.

A rede de informação construída na fala dos sujeitos entrevistados mostra caminhos para promover um movimento de ruptura no quadro de desvalorização da Biblioteca Escolar no Brasil. Os sujeitos externalizam suas práticas informacionais e apresentam ações alternativas para transformar a Biblioteca em um espaço prazeroso.

As propostas de ação para a Biblioteca Escolar que promovemos neste capítulo são baseadas nas práticas informacionais positivas que identificamos no decorrer da investigação sobre as bibliotecas do *CPII*. A informação e o conhecimento que encontramos nos saberes dos sujeitos nos ajudam a trilhar novos caminhos para a Biblioteca na Escola.

Na contramão daquilo que encontramos na literatura da área, buscamos dar ênfase as ações positivas promovidas pelos profissionais que trabalham com Biblioteca Escolar.

### **7.1 O Conselho de Classe (COC)**

O que ele fazia no pátio da escola, na concepção do aluno, ele poderia fazer dentro da Biblioteca, até por que a Biblioteca fica no pátio da Escola. Então, a partir de perceber que havia muito conflito entre alunos e Biblioteca, nós

conversamos com o SESOP<sup>58</sup> que também percebeu isso nos conselhos de classe. Havia muita reclamação dos professores e alunos. **Começamos então a desenvolver um trabalho para que esses conflitos fossem diminuídos**<sup>59</sup>.

No *CPII* algumas bibliotecas tiveram a iniciativa de participar dos conselhos de classe. Essa prática informacional tem ajudado a dar visibilidade ao trabalho realizado pelas bibliotecas. O Conselho de Classe se reúne periodicamente e representa uma boa oportunidade para a Biblioteca apresentar e mostrar muitas de suas ações.

Isto tem ajudado a planejar um trabalho em conjunto com os professores e alunos do *CPII* que passam a interagir mais com a Biblioteca. O Conselho de Classe se torna um excelente canal para ouvir os usuários e implementar os serviços oferecidos pela Biblioteca.

Além de participar do COC, por que nós tínhamos uma situação anterior em que alguns funcionários excessivamente preocupados com o funcionamento da Biblioteca de não poder uma série de coisas, acabaram dando tratamento pejorativo para o aluno. Hoje eu acho que a Biblioteca tem o seu lugar de destaque e o fato dela participar do COC para saber como os alunos se posicionam, o que é que eles estão achando da Biblioteca por que também a Biblioteca melhora na medida em que ela tem essa resposta do nosso alunado que hoje é muito boa a avaliação que se tem da Biblioteca<sup>60</sup>.

A idéia de incluir a Biblioteca nos conselhos surge como uma proposta positiva para aproximar os alunos e as pessoas envolvidas com a comunidade escolar. Além disso, esta prática informacional que encontramos no *CPII* possibilita um movimento de ruptura com o silêncio sobre a Biblioteca na Escola.

Para iniciar este trabalho, na Unidade Engenho Novo II, foi solicitada a ajuda do SESOP que no primeiro momento, leva os alunos aos setores da Escola fazendo uma ambientação.

Achamos que no primeiro contato, para iniciar esse trabalho, o usuário tinha que conhecer e entender qual era o objetivo da Biblioteca para a educação dele e como ele poderia usar este instrumento. No momento em que ele conhecesse o instrumento, já teríamos dado o primeiro passo. Então, o SESOP começou um trabalho dentro de sala de aula que ele ambienta o aluno a Escola, ele explica como funciona, o que ele vai encontrar e depois então ele leva nos setores e aí a gente começaria a mostrar o nosso acervo, como é que funciona, tornar atrativa a Biblioteca para eles. A partir daí, o trabalho ficou mais com a Biblioteca

---

<sup>58</sup>Serviço de Orientação Pedagógica.

<sup>59</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

<sup>60</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

Esta ação tem possibilitado não só promover a Biblioteca no *CPII*, mas também a sua integração aos outros setores do Colégio. Na Unidade Engenho Novo II, o SESOP faz um trabalho de ambientação junto aos alunos e pais de alunos e isso se torna bastante interessante para aproximar a Biblioteca da comunidade escolar.

A idéia de participação nos conselhos é uma ação positiva que visa incluir a Biblioteca no cotidiano da Escola. Além disso, essa ação promove também, como podemos observar no *CPII*, a conversa com outros setores da instituição. Isso é de extrema relevância para a Biblioteca Escolar no Brasil.

Nesse sentido, a Biblioteca não é mais o anexo da Escola, ela passa a fazer parte de sua agenda. Isso permite também a contribuição dos professores e alunos na construção de uma Biblioteca mais voltada para os interesses dessa comunidade.

## 7.2 O bibliotecário-ação

Não vou criticar o aluno por que nada podia na Biblioteca. Primeiro não tinha um acervo atraente, o lugar era feio, era sujo. Tinha uma senhora que assustava as crianças. Chegou a uma situação tão ridícula que ela era assim, com uma cara muito fechada, uma voz muito forte, falava muito alto e as crianças eram pequenas. E a menina entrou na Biblioteca eu não me lembro como é que foi a história, ela se dirigiu a um lugar, ela levantou da mesa, a senhora falou alguma coisa e a menina se assustou, correu. E ela correu atrás da menina [...]. Eu fiquei aterrorizada, sentadinha esperando o que fazer. Então, eu comecei a me incomodar com isso. Aí chegou a outra bibliotecária. Todo mundo que veio de fora, de situações de muita dificuldade, de instituições que cobravam muito. Quase todas nós, recém formadas, loucas para botar em prática aquela teoria toda. E chega a um lugar onde nada te cobram. Você fica incomodada. Então, o que é que nós começamos a ver. **Tinha que atrair essas crianças de algum jeito**<sup>61</sup>.

A Biblioteca Escolar ganha representatividade na medida em que coloca um profissional qualificado para gerenciar suas atividades. No *CPII*, esta compreensão tem ajudado a melhorar o trabalho realizado pelas bibliotecas. “Ter em cada Biblioteca um bibliotecário formado acho que isso é extremamente importante por que valoriza a profissão e a Biblioteca. A pessoa com a formação vai poder orientar os demais nas funções administrativas”<sup>62</sup>.

A contratação de bibliotecário para o quadro efetivo do *CPII* surgiu como uma das grandes alternativas para transformar a Biblioteca do Colégio. “O fato de nós termos

---

<sup>61</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

<sup>62</sup>Depoimento da Diretora Geral do *CPII*, *op. cit.*

feito concurso com tantas vagas para bibliotecário, você é um exemplo disso. Era uma das áreas que nós mais nos ressentíamos”<sup>63</sup>.

A presença do bibliotecário ainda é um indicativo de qualidade para a Biblioteca Escolar no Brasil. Com ele, abre-se uma perspectiva para mostrar uma Biblioteca mais participante no cenário escolar. No *CPII*, de acordo com os depoimentos, as bibliotecas ganharam bastante em qualidade com a chegada do bibliotecário que buscou na ação transformar.

Como vimos nos depoimentos, com uma estrutura ainda muito carente, o bibliotecário buscou alternativas para mostrar uma Biblioteca diferente daquela que ele encontrava.

O Prof. Choeri que na época era secretário de Ensino, teve o cuidado de me mandar uma bibliotecária. Chegou a Sueli, que eu acho que você conhece. Ela veio da Aeronáutica, assumiu o Pedro II, foi movimentada. A Sueli assumiu e, me parece que há uma determinação de que a Biblioteca não pode ser comandada por outra pessoa que não seja bibliotecária, tem que ser um especialista na área. Com isso, a Escola passou a cumprir essa determinação. A partir daquele momento foi a bibliotecária que assumiu a sua função e começou a dar outra estrutura. Primeiro: organização de acervo coisa que não tinha. Catalogação do acervo. A Biblioteca ficou toda estruturada com uma nova organização<sup>64</sup>.

Embora oriundo de um curso de Biblioteconomia que tende ainda priorizar a parte técnica, como nos mostrou Milanesi (1989) e Corrêa (2002), os bibliotecários do *CPII* foram essenciais na reformulação das bibliotecas do Colégio. Podemos perceber claramente esta tendência quando verificamos a presença de um profissional promovedor de ações positivas.

Os armários são barulhentos, perigosos, tinham vidros quebrados. Eu fui mudando, mudando, mudando. Tinha um material que precisava descartar. No Colégio você não podia descartar nada e ela foi a primeira a deixar a sair o material<sup>65</sup>. Eu sei que quando terminou a obra, passaram alguns meses e ela passou na Biblioteca por acaso olhou e disse assim: “Nossa isso agora tem cara de Biblioteca! Não me arrependo”. Foi um voto de confiança. Você tem um profissional, então vou acreditar no profissional que eu tenho e vou permitir que ele faça<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup>Depoimento da Diretora Geral do *CPII*, *op. cit.*.

<sup>64</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>65</sup>Falando sobre a Diretora da Unidade Centro da época: profa. Vera Maria.

<sup>66</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

O bibliotecário recebeu um voto de confiança do Colégio e aproveitou a oportunidade mostrar sua importância neste processo. A ausência de um profissional capacitado pode prejudicar o trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar, conforme enfatizado por Silva (1999).

Por isso, pensamos que a ação passa a ser um instrumento fundamental do bibliotecário para o fortalecimento da Biblioteca como referência na cultura escolar. Fica evidenciado cada vez mais que a participação ativa desse profissional pode promover mais massivamente o acesso a Biblioteca e criar uma cultura informacional de uso.

O professor recebia livro no início do ano dava para um aluno. Até você conversar e conscientizar que ao invés de você dar um livro para um aluno, que vai ficar com ele o ano inteiro e não garante que ele vai passar para outro que necessite. Por que você não dá esse livro para a Biblioteca que vai servir para a comunidade? Não tinha pensado nisso. Realmente não tinha. A gente também conseguiu convencer o professor a passar livros pra gente que também serviria para os alunos. Ano passado o professor de física chegou a pedir de volta os livros que ele tinha cedido para o coordenador por que a Biblioteca não tinha esses livros e não tinha condição de comprar. Ele colocou na condição de ser para todos e eu falei: com certeza. Esses livros circulam direto<sup>67</sup>

A ação do bibliotecário parece ser ainda um dos principais mecanismos para desconstruir a idéia de lugar silencioso, voltado para guarda de livros. Esta ação não deve ficar restrita ao espaço da Biblioteca, ela deve estender-se ao entorno da comunidade escolar. As pessoas precisam ver a Biblioteca Escolar como um espaço de ação integrado as atividades da Escola.

A criação da gibiteca na Unidade Centro foi um movimento liderado pelo bibliotecário que promoveu esforços para trazer a comunidade escolar para a Biblioteca. A ação do bibliotecário abriu caminho para mostrar uma Biblioteca mais participativa e integrada à estrutura do Colégio.

A história do gibi, a minha expectativa foi que, o gibi não é literatura, não sei o que. Mas o gibi foi uma maneira de atrair as crianças. Então a gente fez, engajou com os livros. O grupo de artes ajudou a gente. Nós fomos a sala de aula, fizemos questionários. A escolha foi democrática mesmo por que eles acharam que não podia emprestar. Regras estabelecidas: o que vai modificar essa Biblioteca? Fizemos um concurso de desenho com o grupo de artes para

---

<sup>67</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

definir um logotipo para a Biblioteca. Depois do logotipo, fizemos um concurso para o nome da Biblioteca com o grupo de português<sup>68</sup>.

Este aprendizado nos indica que a Biblioteca Escolar cada vez mais necessita de um profissional que conheça a realidade de sua comunidade e que também esteja apto a promover ações. Embora se tenha hoje a percepção de que a Biblioteca Escolar é fundamental para a realização de ações educativas, como vimos na literatura, o bibliotecário continua a ser o principal elemento neste processo de transformação.

No *CPH*, a participação ativa do bibliotecário tem ajudado a promover uma Biblioteca mais integrada à realidade do Colégio. O bibliotecário mostra ser possível esse movimento através de ações positivas. A participação nos conselhos e a conversa com os representantes de outros setores da Escola podem abrir caminhos para essa integração.

A ação do bibliotecário é ainda um dos principais elementos para combater o silêncio da Biblioteca Escolar. Além disso, com ele a Biblioteca ganha representatividade e visibilidade na Escola.

### 7.3 O Conselho de bibliotecas

Uma coisa importante é o conselho de bibliotecas. Ele foi idealizado pelo prof. Choeri quando ele ainda era Secretário de Ensino. As bibliotecas do Colégio estavam vinculadas a Secretaria de Ensino. Só que aquilo não se concretizou. Não chegou nem a ter uma formalização. Uma coisa que foi feita junto a Secretaria de Ensino em 2004. A Secretaria de Ensino passou por uma reestruturação [...] Pois bem, essa criação do SEPEC, foi muito importante por que ali, justamente talvez não tenha evoluído o conselho de bibliotecas por que eram muitas atividades que a Secretaria de Ensino tinha e acabava não podendo focar muito nas bibliotecas. O Setor de Planejamento não era a parte deles. Então, com a criação do SEPEC, foi uma pessoa que eu nem conhecia, mas que foi indicada pelo Prof. Choeri. Ele já a conhecia e ela era oriunda de lá do Pedrinho Engenho Novo. Mas ela havia estado afastada. Essa professora veio com a experiência dela de lá da Universidade e aí, trouxe uma série de sugestões para o SEPEC e conseguiu algumas coisas importantes [...]. Aí a coisa foi caminhando. Eu designei para a professora a responsabilidade dessa questão do conselho. Começamos a chamar as bibliotecárias<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

<sup>69</sup>Depoimento da diretora geral do *CPH*, *op. cit.*

A criação do Conselho no *CPII* foi essencial para a organização das bibliotecas. A partir daí, os representantes dos principais segmentos das bibliotecas<sup>70</sup> começaram a se reunir periodicamente e traçar ações no sentido de fortalecer a participação delas no cenário do Colégio.

No *CPII*, o conselho deve atuar como instrumento de comunicação entre as bibliotecas e a direção geral. Através dele, as bibliotecas solicitam material de trabalho, mobiliário e expõem suas principais idéias para o Colégio. A dimensão do *CPII* bem como a quantidade de suas bibliotecas pede um órgão como esse.

Da mesma forma, o conselho de bibliotecas deve ser pensado como um instrumento que pode permitir uma visibilidade maior da Biblioteca na Escola. No *CPII*, pode ajudar a fortalecer ações em torno da Biblioteca.

Com este exemplo em mente, pensamos que a estruturação de um conselho de bibliotecas pode dar visibilidade e aumentar a comunicação entre a Escola e a Biblioteca. O Conselho se organiza em torno dos assuntos relativos à Biblioteca e isso, torna mais eficaz as ações junto à direção da Escola que tem também outros assuntos a tratar.

O trabalho deve ser em conjunto, contudo se tivermos um órgão direcionado para gerenciar as reivindicações e sugestões de todas as bibliotecas envolvidas, ficará muito mais acessível para a direção da Escola se envolver neste processo.

#### **7.4 A Sala de Leitura**

Como visto, a Sala de Leitura atende aos alunos do 1.º ao 4.º ano do Ensino Fundamental e inicia um trabalho de reconhecimento dos livros. Para muitos desses alunos, esse é o primeiro contato com uma variedade maior de livros. Durante nossas conversas e visitas as unidades do *CPII*, observamos que o professor da Sala de Leitura promove uma série de atividades que estimulam o interesse dos alunos pela leitura.

Outra coisa que nos chama a atenção é o fato que, na maioria das vezes, a Sala de Leitura mostra um espaço de ação onde o professor coordena as principais atividades. Diferente da Biblioteca Escolar tradicional do Colégio, a Sala de Leitura não

---

<sup>70</sup>Biblioteca Escolar, Salas de Leituras, NUDOM, Biblioteca Histórica e MEDIATECAS.

apresenta muitas regras, os alunos são convidados a mergulhar no mundo dos contos, fábulas e magia através de atividades de leitura.

O professor da Sala de Leitura promove uma ação diferente da ação pedagógica iniciada em sala de aula, busca na leitura prazerosa estimular o interesse e a curiosidade dos alunos. No nosso entendimento, a Biblioteca Escolar do *CPII* deve continuar o trabalho iniciado na Sala de Leitura tendo em vista que abre uma perspectiva para apresentar a Biblioteca Escolar de uma forma menos rígida e mais participativa.

A Sala de Leitura faz um trabalho de base muito importante e que precisa ser estimulado nas bibliotecas escolares do *CPII*. A experiência do professor da Sala de Leitura pode ajudar ao Bibliotecário a continuar um trabalho que vem dando certo no Colégio.

## **7.5 A Biblioteca do Grêmio Literário e Esportivo da Seção Norte, década de 1960**

Bem, o Grêmio da SN [Seção Norte] funcionava quase que como um diretório de faculdade. Quem mandava lá eram os alunos. Havia um piano, umas cinco mesas de ping-pong, um palco (com cortina e tudo!), uma biblioteca independente da do Colégio *y otras cosas más* (CAVALCANTI, 2003, p. 100).

Na Seção Norte, década de 1960, como era conhecida a Unidade Engenho Novo II, os integrantes do Grêmio Literário e Esportivo se organizaram para oferecer aos seus associados uma Biblioteca com uma proposta diferente da Biblioteca oficial da unidade.

De acordo com depoimentos, a Biblioteca oficial da Seção Norte oferecia poucos livros de literatura e talvez isso, tenha motivado a abertura de outra Biblioteca na unidade. Alguns anos depois, podemos perceber essa característica na fala dos sujeitos quando questionados sobre a Biblioteca oficial:

Como estudante eu gostava de ler romance e literatura, a maioria do acervo era livro de pesquisa, enciclopédias, Barsa, Delta. Enfim, não tinha grandes opções de romance. José de Alencar, o primeiro José de Alencar que eu li foi aqui na Biblioteca. Tinha um único exemplar que a gente tinha que ficar esperando para poder retirar isso. Então eu confesso pra você que o meu gosto pela leitura não foi motivado pela Biblioteca da minha época de aluno por que realmente ela era pobre, não era estimuladora<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup>Depoimento de ex-aluno da Seção Norte na década de 1970.

A organização de outra Biblioteca pode ter sido uma tentativa de incentivar uma ação de leitura mais livre, prazerosa, que não ficava vinculada a uma atividade de sala de aula e que, naquele momento, os alunos não conseguiam encontrar na Biblioteca oficial da Seção Norte.

Não era um antagonismo não. Não era contra a Biblioteca do Colégio. O Colégio tinha uma Biblioteca bastante frequentada. E a do Grêmio nós emprestavamos aos sócios, era uma coisa mais livre, eles podiam levar pra casa, não era uma sala era para empréstimo<sup>72</sup>.

No nosso entendimento, a Biblioteca do Grêmio Literário e Esportivo representou uma forma de liberdade e ação no sentido de promover o acesso aos livros de literatura que, até então, constituíam uma pequena parcela do acervo da Biblioteca da unidade.

Literatura brasileira. Um dos exemplos que eu posso dar é que eu li Brás Cubas exatamente quando eu estava de plantão. Eu era Diretor do Grêmio. Eu li Brás Cubas exatamente durante os meus plantões. Era um acervo bom. Não sei depois que eu saí em 1963<sup>73</sup>.

A ação do Grêmio da Seção Norte na década de 1960 em promover uma Biblioteca quando esta unidade tinha uma Biblioteca oficial chama a nossa atenção para isso. Este movimento abre uma perspectiva para se pensar os significados em torno desta ação. Naquele momento, a Biblioteca do Grêmio em sua essência, privilegiava o acesso aos livros e como consequência disso, a uma leitura “mais livre”, prazerosa.

Alguns depoimentos revelam que a Biblioteca do Grêmio tinha uma participação bastante ativa na Seção Norte. Além de proporcionar o empréstimo de literatura brasileira, a Biblioteca também promovia ações positivas que exigiam a participação da comunidade escolar.

Outro bem interessante, do Diretor de Biblioteca, foi dirigido ao diretor do Colégio, solicitando permissão para a realização do Banco do Livro. Esse banco funcionaria como uma espécie de feira de troca-troca, com livros didáticos usados. No ofício havia a ressalva de o quanto isso beneficiaria os alunos. A cópia não está assinada e não lembro quem era o responsável pela biblioteca do Grêmio. Uma pena... (CAVALCANTI, 2003, p. 12).

---

<sup>72</sup>Depoimento de ex-aluno da Seção Norte na década de 1960, *op. cit.*

<sup>73</sup>*Idem.*

A ação da Biblioteca do Grêmio traz boas contribuições para o *CPII* e também para pensar a Biblioteca Escolar no Brasil. Como um espaço vivo e de movimentação, a Biblioteca do Grêmio proporcionou aos alunos daquela unidade o acesso aos livros de uma forma prazerosa.

Os componentes do Grêmio iniciaram um movimento que pensava a Biblioteca como um espaço vivo onde a leitura e os livros eram essenciais. No nosso entendimento, a visão que se tinha naquele momento era de propiciar uma leitura prazerosa, que pudesse contribuir para o lazer e formação dos sujeitos.

Com essas perspectivas, podemos contribuir com a questão da pesquisa buscando nos espelhar na Biblioteca do Grêmio da Seção Norte. Os componentes do Grêmio iniciaram uma ação que tinha em sua essência trazer a prática da leitura para o ambiente do *CPII*.

Neste contexto, acreditamos que a Biblioteca do Grêmio buscou mostrar uma Biblioteca diferente daquela que se tinha naquele momento. Talvez seja essa a grande questão da Biblioteca Escolar no Brasil. Cada vez mais a Biblioteca Escolar precisa ser pensada de muitas formas onde a leitura e os livros façam parte de um movimento que chame a atenção dos sujeitos, como visto anteriormente.

Pensamos em uma Biblioteca que busque em todo momento, trabalhar o prazer e estimular o interesse pela leitura. Uma Biblioteca que chame atenção pelas suas ações no entorno do Escola e tenha a sua frente, pessoas preparadas para enfrentar as muitas dificuldades que poderão surgir neste caminho.

## **8    DESCOBERTAS E REFLEXÕES: REPENSANDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS**

Ao tratar a questão da Biblioteca Escolar no Brasil tendo como ponto de referência um dos colégios mais tradicionais do Rio de Janeiro, mostramos que este assunto apresenta ainda um campo bastante fértil para ser explorado. O aporte teórico-metodológico da Antropologia da Informação nos ajudou a perceber a grande contribuição que pode ser encontrada na rede de informação construída na fala dos sujeitos.

Nossa proposta teve como ponto de discussão as falas dos sujeitos e suas representações. Partindo delas, observaram-se as práticas informacionais dos sujeitos nas bibliotecas do Colégio acreditando ser este um instrumento poderoso para pensar e trazer contribuições para a Biblioteca Escolar no Brasil.

Os sujeitos por sua vez, permitiram fazer uma conexão com o trajeto da Biblioteca Escolar no Brasil através de suas experiências nas bibliotecas do *CPII*. Em oposição ao silêncio que criticamos no decorrer do trabalho sobre este assunto, abrimos um canal para falar e ouvir sobre as bibliotecas do Colégio.

No centro das questões informacionais as muitas vozes nos ajudaram a pensar caminhos diferentes. Com essas perspectivas, a Ciência da Informação contribuiu diretamente com a questão deste trabalho na medida em que em uma de suas linhas de pesquisa (Informação, Cultura e Sociedade), abriu espaço para discutirmos esse assunto.

Em nossa viagem pelas bibliotecas do *CPII*, identificamos uma tendência na prática informacional dos sujeitos entrevistados e também na literatura da área em promover ações para uma Biblioteca mais presente e conceituada no cenário escolar. Este movimento que parece caminhar ainda lentamente abre uma perspectiva para associar a Biblioteca a um espaço vivo, essencial ao cotidiano da Escola.

Percebemos também que não se pode falar em Biblioteca Escolar sem antes questionar o sistema de Ensino bem como as exigências de uma sociedade que cada vez mais se enquadra em um modelo sócio-econômico que tende a valorizar o consumo excessivo. O modelo de Ensino que encontramos enraizado na Educação brasileira dá indícios de ser um dos principais canais de silenciamento da Biblioteca Escolar.

Por outro lado, verificamos que a Biblioteca Escolar pode exercer um papel fundamental na formação dos sujeitos na medida em que proporciona material para a leitura de diversas fontes e formas de pensamentos. Para isso, entendemos que é necessário estimular a leitura desde cedo para desta forma, criar a possibilidade de formar sujeitos mais conscientes e críticos.

Esse compromisso precisa ser assumido pela direção da Escola e pelos responsáveis pela Biblioteca Escolar. Um trabalho em conjunto conscientizando os vários setores da Escola pode conseguir resultados imediatos. Cada vez mais é necessário deixar claro que a responsabilidade da Biblioteca é de toda a comunidade escolar, como reforça a literatura sobre este assunto.

Antes pensada como espaço das normas e do silêncio como nos mostrou Marteleto (1992), conseguimos encontrar nas práticas informacionais dos sujeitos entrevistados muitos caminhos que rompem com esse trajeto silencioso da Biblioteca do *CPII* e que contribuem também para pensar a Biblioteca Escolar no Brasil.

A valorização da Biblioteca Escolar no *CPII* tem sido conquistada aos poucos. Como pode ser observado nas entrevistas, mostrar uma Biblioteca diferente da que se tinha exigiu muito esforço individual e coletivo de alguns sujeitos. Neste cenário, o bibliotecário aparece como um dos principais elos neste processo de transformação.

Identificamos ainda ser necessário um trabalho de conscientização sobre o papel da Biblioteca no *CPII*. As práticas informacionais positivas de alguns sujeitos no Colégio mostraram ser possível dar visibilidade e transformar uma Biblioteca aparentemente apagada em algo vivo e prazeroso.

No nosso entendimento, este trabalho pode ser aperfeiçoado com uma participação mais efetiva do Conselho de bibliotecas e de todos os bibliotecários do Colégio. Percebemos ao longo da pesquisa, que o Conselho ainda atua timidamente. “Ele poderia ser mais revolucionário e ter uma ação mais efetiva”<sup>74</sup>; “A atuação do conselho ainda é muito insipiente”<sup>75</sup>.

Como contribuição a questão da Biblioteca Escolar no Brasil, podemos aprender um pouco com o trabalho realizado pelos professores nas Salas de Leituras e com as ações dos bibliotecários do *CPII*. Elas apresentam na maioria das vezes, um espaço vivo e prazeroso que busca mostrar os livros e a leitura como algo essencial à vida.

---

<sup>74</sup>Depoimento de ex-diretor da Unidade Engenho Novo II, *op. cit.*

<sup>75</sup>Depoimento de bibliotecário, *op. cit.*

As Salas de Leituras estão espalhadas pelo Colégio e, através de atividades propostas por professores estimulam o acesso aos livros. Esse movimento privilegia a abertura de caminhos para a ruptura de um trajeto educacional rígido quando trata a leitura como prazer.

O trabalho da pesquisa mostrou também como é importante a participação do bibliotecário como elemento ativador de ações na busca de uma Biblioteca mais participativa. De acordo com os depoimentos, o bibliotecário foi essencial para a organização e melhoria dos serviços oferecidos pelas bibliotecas do *CPH*.

Isso nos leva a crer que a Biblioteca Escolar possui na figura do bibliotecário um aliado importante. Sobre isso, acreditamos que se torna cada vez mais necessário desconstruir a imagem de um profissional tecnicista, conservador, preocupado basicamente com a catalogação e organização do acervo.

Para os cursos de Biblioteconomia que ainda conservam esse modelo de profissional, mostramos no nosso trabalho como é interessante um profissional que busca por alternativas mesmo que isso vá de encontro a uma formação padrão. Os cursos de Biblioteconomia, no nosso entendimento, precisam mostrar aos bibliotecários a importância de se pensar a Biblioteca de muitas formas.

O bibliotecário precisa assumir uma postura diferenciada, liderar as ações em torno da Biblioteca e buscar parcerias com os setores da Escola. Como vimos no *CPH*, a postura idealizadora de alguns bibliotecários permitiram que a Biblioteca fosse respeitada e vista como algo realmente importante. Precisamos dar ênfase a ações que promovam os livros e a Biblioteca.

Como proposta de ação para o *CPH*, sugerimos incluir no Projeto Político Pedagógico um capítulo especial sobre suas bibliotecas dando ênfase ao acervo, os trabalhos realizados pelos bibliotecários e sua autonomia dentro da estrutura do Colégio. Como visto, as bibliotecas têm contribuído significativamente com o Colégio abrindo espaço para o acesso a informação e conhecimento e isso não pode estar silenciado na história do *CPH*.

Da mesma forma, para não ficar somente na dependência de doações individuais e do PNBE para renovação do acervo e compra de material de trabalho, propomos a criação de um fundo de recursos destinado a gerir todas as bibliotecas do Colégio. Esse fundo passaria a ser presidido pelo Presidente do Sistema de Documentação e Bibliotecas do Colégio, teria orçamento anual e suas contas seriam fiscalizadas e aprovadas pelo conselho de bibliotecas.

Chegamos ao fim de nossa viagem acreditando ter contribuído não só com o *CPII*, mas também com a questão da Biblioteca Escolar no Brasil. A carona que pegamos na Antropologia da Informação nos mostrou que os sujeitos no centro das questões informacionais abrem uma possibilidade muito rica para repensar o quadro geral da Biblioteca Escolar no Brasil.

## 9 LUGARES A SEREM VISITADOS

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Q. **Colégio Pedro II: um lugar de memória.** 1999. 269 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 1236:** cria o Sistema de Documentação e de Bibliotecas do Colégio Pedro II. Brasília, DF, 2004a. 3 p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Portaria n.º 1237:** aprova o Regimento do Conselho Técnico do Sistema de Documentação e de Bibliotecas do Colégio Pedro II. Brasília, DF, 2004b. 2 p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola [PNBE]:** leitura e Biblioteca nas escolas públicas brasileiras. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Sistema de Documentação e de Bibliotecas do Colégio Pedro II.** Brasília, DF, [2004c].

CALAZANS, Angélica T.S. Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa. *In:* MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org.) **Métodos para a pesquisa em ciência da informação.** São Paulo: Thesaurus, 2007. p. 39-62.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* Literatura sobre Biblioteca Escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **TransInformação,** Campinas, v. 19, n. 3, p. 227-236, set./dez. 2007.

CASTRO, César Augusto. Ensino e Biblioteca: diálogo possível. **TransInformação,** Campinas, v. 15, n.1, p. 63-72, jan./abr. 2003.

CAVALCANTI, Mirian S. (Org.). **Ao Pedro II, tudo ou nada?** Memórias do cotidiano no Colégio Pedro II – anos 50, 60... Rio de Janeiro: Unigraf, 2003.

CERDEIRA, Theodolindo. A Biblioteca escolar no planejamento educacional. **Revista de Biblioteconomia,** Brasília, v. 5, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 1977.

CHOERI, Wilson. **O Colégio Pedro II de ontem, hoje e futuro:** uma visão e análise crítica e prospectiva. [S.l.: s.n., 2007?].

COLÉGIO PEDRO II. **Colégio Pedro II:** campus de educação básica e formação de professores. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2009. 1 f.

\_\_\_\_\_. **Colégio Pedro II:** 170 anos. Rio de Janeiro, RJ: Colégio Pedro II, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Colégio Pedro II continua em destaque no IDEB e no ENEM.** Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/comunicados/2010/26-07-10/MATERIA%20IDEB%20E%20ENEM%20PARA%20INTERNET-1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. **Colégio Pedro II e a história da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Colégio Pedro II: Projeto Político Pedagógico**. Brasília, DF: Inep/MEC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Projeto Sala de Leitura**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2004.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini *et al.* Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002.

ELY, Neiva Helena. Dimensões da Biblioteca escolar no ensino fundamental. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 8/9, p. 46-53, 2003/2004.

FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Sentidos de Biblioteca escolar no discurso da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 29-44, set./dez. 2008.

FLUSSER, Victor. A Biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

FREITAS, Lídia Silva de. Uma leitura crítica da crise de leitura. *In*: Lück, Esther Hermes *et al.* **A informação** : questões e problemas. Niterói, RJ: EDUFF, 1995. p. 39-49.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Introdução à educação escolar brasileira**: história, política e filosofia da educação [versão prévia]. [S.n., s.l.], 2001.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. rev. atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 79-107.

GUIMARÃES, Janaína. A Biblioteca escolar e o PNBE no processo de formação de leitores competentes. *In*: CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, 17., 2009, Unicamp. **Anais**. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais7/txtcompletos/sem01/cole\\_1689.pdf](http://www.alb.com.br/anais7/txtcompletos/sem01/cole_1689.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2010.

KIESER, Herta; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação - um relato. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: FEBAB, 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000743/01/T083.pdf>>. Acesso em: 10 de jan. 2010.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da Biblioteca escolar no processo de aprendizagem. *In*: VIANNA, Marcus Milton; CAMPELLO, Bernardete; MOURA, VIEIRA, Victor Hugo. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14.

MARTELETO, Regina Maria. **Cultura, educação e campo social**: discursos e práticas de informação. 1992. 389 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 89-93, jan./abr. 1995.

\_\_\_\_\_. 'Lugares de signos' e contextos de informação: a Biblioteca como metáfora dos conhecimentos modernos. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 241-246, 1996.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, Leila Beatriz. Práticas de informação no ambiente escolar. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 207-214, jul./dez. 1989.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Rompendo o silêncio: a Biblioteca escolar e a trajetória de um pesquisador. *In*: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete Santos; MOURA, Victor Hugo. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 31-38.

MILANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. rev. atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-27.

\_\_\_\_\_; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. **Conjugando o gerúndio**: (antropologia da informação e leitura\_percursos de leitor). 254 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2002a.

\_\_\_\_\_. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. *In*: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002b. p. 120-135.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, jan./abr. 1995.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização brasileira. 13. ed. rev. ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

SAMPAIO, Glads Maria D'Elia. **A história do ensino de Física no Colégio Pedro II de 1838 até 1925**. 2004. 161. Dissertação (Mestrado em Ciências em História das

Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Engenharia, 2004.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da Biblioteca Escolar**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: quem cuida? *In*: GARCIA, Edson Gabriel (org.). **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p. 26-33.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

SOUTO, Dario. **Colégio Pedro II**: sua história e seus vultos. Rio de Janeiro: Unigraf, 2003.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

TARGINO, Maria das Graças. Evolução conceitual da Biblioteca. *In*: \_\_\_\_\_. **Olhares e fragmentos**: cotidiano da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Teresina: EDUFPI, 2006. p. 87-94.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

## 10 REGISTROS E LEMBRANÇAS DA VIAGEM: TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS

### Ficha Técnica

Data: 16/10/2009; duração 12 min.; mídia MP3; transcrição 3 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Saulo Xavier de Brito Amorim; Perfil: ex-aluno da Unidade São Cristóvão (1997-1999); funcionário efetivo do quadro administrativo do *CPII* desde 2008.

Andre: Primeiro de tudo eu preciso saber qual o período você estudou no Colégio? Se você estudou sua vida toda ou apenas um período?

Saulo: Estudei o Ensino Médio.

Andre: Você lembra mais ou menos de que ano a que ano?

Saulo: De 1997 a 1999. Foram os três últimos anos da década de 90. Fui da última turma de terceiro ano da década de 90.

Andre: Antes você estudava aonde?

Saulo: Estudava no Colégio Miguel Couto e antes no Colégio Nossa Senhora do Imaculado Coração de Maria aqui no Méier.

Andre: Estes Colégios tinham Biblioteca?

Saulo: Tinham.

Andre: E você utilizava as bibliotecas nestes Colégios ou não?

Saulo: Corrigindo, corrigindo. Não eram bem bibliotecas, eram salas de leitura. Não eram como aqui no Colégio (referindo-se ao Pedro II), instituídas como Biblioteca. No Coração de Maria agente ia conduzido pelos professores. Não me lembro de voluntariamente, não minto, minto, já fui sim. Uma época em que o xadrez ficou na moda, fui a Biblioteca do Colégio Coração de Maria para buscar livro sobre xadrez, estratégia de xadrez. Fora isso, me lembro de ir algumas vezes, mas conduzido por Professor para fazer trabalho na Biblioteca. No Miguel Couto eu não me lembro de freqüentar nem ser conduzido.

Andre: Quando você chegou aqui no Colégio como é que você foi apresentado a Biblioteca? Como é que ela apareceu para você?

Saulo: Eu tenho poucas lembranças da Biblioteca. Eu estudei em São Cristóvão na Biblioteca Central. Não me lembro ser conduzido por Professor não. Lembro de ter

tido necessidade de algum livro, de alguma consulta de algum livro. Me lembro também da minha mãe não poder comprar esse livro e eu recorrer a Biblioteca.

Andre: Então, seriam livros didáticos?

Saulo: Foi livro de literatura. Foi necessidade de algum livro que o professor mandou ler e eu precisei. Minha mãe não pode comprar na época e eu precisei ir a Biblioteca para ver se encontrava. Acabei tendo que comprar por que não tinha na Biblioteca.

Andre: Como eram as instalações na Biblioteca? Eram boas?

Saulo: Não. Era uma Biblioteca que fedia a mofo. O aspecto da Biblioteca era escuro, era breu. Os móveis pesados. Era um mobiliário de madeira antiga. Os livros antigos, que a mim nunca foi convidativa. Só o aspecto de um livro amarelado, mal cuidado, apodrecido já não me dá vontade de pegar ele para ler, por mais que seja um livro interessantíssimo. Então, eu me lembro que aquela Biblioteca em São Cristóvão me afastava em vez de me convidar. Eu não me lembro de ficar dentro da Biblioteca em São Cristóvão se não fosse para dormir, para passar tempo, pra passar hora. Por que geralmente se eu pegava um livro eu queria ler em casa do que ficar lá dentro lendo.

Andre: Ela não tinha um aspecto legal...

Saulo: Não tinha, não tinha. Não tinha um mobiliário legal, um aspecto legal.

Andre: Deixa eu te perguntar uma coisa. Partia dos professores ou até mesmo da Direção da Escola alguma iniciativa de incentivo a utilização da Biblioteca?

Saulo: Não me lembro. Se teve não foi suficientemente enfático para eu recordar. Isso faz dez anos que eu me formei. Se fosse alguma coisa enfática eu me lembraria. Lembro só de no terceiro ano que a professora de literatura trabalhou um livro da Semana de Arte Moderna, inclusive peças teatrais. Lembro de ela insistir que a gente buscasse na Biblioteca e tal. Foi um dos livros que eu fui a Biblioteca buscar. Mas não que ela tenha nos reconduzido até lá ou que ela tenha valorizado a Biblioteca. Deve ter até havido sim, mas não foi enfático o suficiente para que eu recordasse.

Andre: Esse evento foi feito na Biblioteca?

Saulo: Não. Nunca participei de evento enquanto aluno dentro da Biblioteca.

Andre: Com relação às pessoas que trabalhavam lá havia bibliotecário? Isso ficava claro pra você?

Saulo: Se havia não ficava claro. Eu não sabia quem ali era funcionário ou bibliotecário. Não sabia te dizer. Agora deixa eu te dar outro dado. Eu posso não saber te dizer isso por que naquela época eu não tinha noção da profissão do bibliotecário. Só

fui conhecer o bibliotecário como função de nível superior quando eu já estava fora inclusive na faculdade. E aí tendo contato com outras pessoas em universidade é que eu descobri que tinha um curso de Biblioteconomia. Então por eu desconhecer essa profissão talvez eu não tivesse atento enquanto aluno de ensino médio para essa distinção. Quem ali era um técnico ou bibliotecário. Hoje em dia eu já tenho condições de fazer isso, mas aos 16 e 17 anos eu não tinha não. Eu me recordo de achar que a Biblioteca era meio uma bagunça que não tinha muita organização. Não bagunça assim os livros estavam bem dispostos todos catalogados marcados e tal. Ou seja, dava para perceber que cada livro ali tinha um por que. Mas bagunça administrativamente. Não dava para perceber a estratificação do trabalho, ou seja, aqui age fulano aqui age beltrano aqui entra sicrano. Ou seja, esse trabalho aqui é de fulano. Fulano está desempenhando esse trabalho se não for desempenhado é a ele que eu vou recorrer.

Andre: Com relação ao material da Biblioteca isso era divulgado para os alunos? Tinha exposição, hora do conto, hora da leitura?

Saulo: Não. Exposição que eu me lembre não. Pode até ser que existia. Eu me lembro de muitos cartazes na porta da Biblioteca, mas não me lembro de serem interessantes o suficiente. Pra que me fizessem parar na porta da Biblioteca para ler ou que me convidasse a entrar nela.

Andre: Como os professores incentivavam a leitura?

Saulo: Os professores de literatura sim. Sempre passavam livros. Sempre recomendavam livros e cobravam. Lembro de mesmo a contra gosto ler muito romantismo, livros da fase do romantismo que é uma fase que eu não gosto. E outras fases também. Mas esse do romantismo justamente pelo trauma de não gostar ficaram bem marcados. Os professores cobravam quatro livros por ano.

Andre: Mas isso era baseado em atividades ligadas a Biblioteca?

Saulo: Não vinculadas a Biblioteca. A gente só ia a Biblioteca quando não tinha condições de comprar o livro. Pelo menos eu e os colegas que comigo conviviam. Era uma iniciativa dos professores de literatura não da Biblioteca.

Andre: Qual a memória ou recordação mais forte que você tem quando se fala de bibliotecas do Colégio Pedro II no período que você estudou?

Saulo: Uma em particular na Biblioteca de São Cristóvão que infelizmente não tem nada a ver com leitura ou com a Biblioteca. É uma recordação de ficar esperando literalmente na Biblioteca que o meu irmão estudava no período da tarde e era um lugar mais calmo mais tranquilo e silencioso. Nesse ponto eu tenho que ressaltar que São

Cristóvão sempre teve uma Biblioteca silenciosa e eu gosto de ambientes silenciosos. Então eu me lembro de escolher ficar na Biblioteca para passar tempo aí eu peguei alguns livros. Cheguei a folhear ali mesmo. Não me lembro o que. Não me lembro o que estava interessado na época. Cheguei a folhear e acabei adormecendo. Fiquei muito tempo dentro da Biblioteca nesse dia. Por causa do silêncio. Por me sentir bem em relação ao silêncio não em relação ao cheiro. Me lembro inclusive neste dia que eu fiquei muito tempo observando e justamente isso tudo que eu estou te falando: mobiliário, mal cheiro. Eu fiquei dentro da Biblioteca observando por que aquilo ali era um ambiente que não tinha me atraído outras vezes. E aí fiquei. Lembro de ficar sentado olhando para aquelas escadarias pras estantes pras pessoas que ali trabalhavam. Eu me lembro que o aspecto das pessoas me deixava assim... A forma como elas iam trabalhar. Por que minha mãe trabalhava na direção geral. Minha mãe ia sempre muito bem vestida. Eu me lembro de me espantar com pessoas trabalhando na Biblioteca de lá de regatas de chinelos, ou seja, na própria roupa delas já tinha um clima assim um aspecto não muito bom não muito agradável.

Andre: A Biblioteca pode ter influenciado de alguma forma seu interesse pela leitura? Ou o pouco tempo que você passou pelo Colégio que você utilizou a Biblioteca pode de alguma forma ter te levado a ter interesse pela leitura e por bibliotecas ou não?

Saulo: Não foi a Biblioteca que me levou. O Pedro II eu digo que me levou ao interesse pela leitura, mas foram os professores de literatura. Em particular uma Professora do terceiro ano que a ela eu tive a inteligência de desabafar e dizer que não gostava dos livros que eram indicados. Eles sempre indicavam os *best sellers*. Os melhores autores Machado de Assis Graciliano Ramos Eça de Queiroz. E eu não gostava desses autores. Ela me incentivou a ler outros autores como Luis Fernando Veríssimo que não eram propriamente os mais aclamados, mas que eram de referência. Eu me lembro que quando eu externei isso a ela no início do ano ela mudou a programação dela. Ela tinha na cabeça dela quatro livros pra trabalhar com a gente durante o ano e ela mudou. Ela trouxe quatro não muito conhecidos. Inclusive o Xangô de Baker Street se eu não me engano de Jô Soares. Ela trouxe pra trabalhar com a gente aquele ano e aquilo me fez gostar de leitura tanto que eu saí do Pedro II e aí sim eu mesmo gostando dos meus livros pra ler.

Andre: Você se recorda de alguma iniciativa do Diretor da época de promover a Biblioteca?

Saulo: Não. Na época era o Oscar Alak quem dirigia a unidade III São Cristóvão. Nós fomos uma das primeiras, se não me engano a primeira turma de primeiro ano da Unidade. A unidade estava começando. Eu acho inclusive que foi a primeira turma a se formar com ele. E a Biblioteca da Unidade São Cristóvão foi sempre uma Biblioteca que atendeu as três unidades. Não era algo só do Oscar Alak. E não me lembro do Oscar Alak fazendo um trabalho próprio para a Unidade III. Se teve não ficou marcado.

## Ficha Técnica

Data: 05/11/2009; duração 22 min.; mídia MP3; transcrição 6 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Jorge Luiz Rodrigues Dimuro; Perfil: ex-aluno da Unidade Engenho Novo (1970-1973); São Cristóvão (1973-1976); Diretor da Unidade Engenho Novo II entre os anos de 1992 a 2009.

Andre: A gente podia começar falando sobre sua época de aluno. Em que época o Sr. estudou no Colégio?

Dimuro: Na década de 70. Eu entrei em 1970.

Andre: Em que ano o Sr. saiu?

Dimuro: 70, 71, 72, 73, depois 74. Terminei em 76. Por que eu fiz o Ensino Médio que na época era Segundo Grau a classificação, a nomenclatura. Eu fiz em São Cristóvão não fiz mais aqui no Engenho Novo. Tanto que quando eu assumi a primeira coisa mesmo foi resgatar o Ensino Médio de noite. Eu consegui implantar isso em 2000. Eu assumi em 92 e até 2000 tinha política de que a Escola, que a Unidade Engenho Novo II e a Unidade Tijuca II só trabalhariam com Ensino Fundamental deixando as unidades mais antigas como São Cristóvão e Centro recebendo os alunos do Ensino Médio. Então nós mandávamos os alunos do final da oitava série daquela época para a Unidade Centro e São Cristóvão. Mas como o Prof. Helio fez a reforma da Unidade Tijuca e aí possibilitou que a unidade ficou bem maior, a implantação do Ensino Médio. E aí eu pensei então não tem sentido manter essa política por que o Engenho Novo fica numa situação diferenciada, ele fica capenga por que as outras unidades todas têm Ensino Médio só o Engenho Novo que não tem. Foi em 2000 que foi implantado o Ensino Médio foi quando a gente conseguiu o prédio novo que ampliou a Unidade. O prédio chegou em 2004. Foi promessa do governo Fernando Henrique que não aconteceu aí veio o governo do Lula e saiu o prédio. Depois a Biblioteca. Quer dizer eu já estava com essa preocupação de valorizar a nossa Biblioteca. Já começou a olhar um lugar para ver um espaço mais apropriado e que pudesse abrigar o maior acervo possível e que tivesse um bom acesso de aluno por que a Biblioteca sem aluno não tem vida e isso é fundamental.

Andre: Esse prédio então não existia e já tinha um projeto para a Biblioteca ali?

Dimuro: Quando o prédio foi estruturado, eu já tinha toda a parte administrativa no prédio antigo. Esse prédio foi pensado só para sala de aula. Mas como nós tínhamos com esse prédio a ampliação... (telefone toca). Deixa-me explicar. Olha só. Antes de o

prédio ser construído Andre, numa tentativa de conseguir acomodar por que uma vez que você implanta o Ensino Médio primeiro ano passa ser segundo passa ser terceiro. A oitava série que na época ainda era nono ano passava pro primeiro então eu precisei criar salas. Quando eu implantei o Ensino Médio, quando o prédio ainda não estava construído, foram aquelas quatro salas ali de trás, foram três turmas. Aí com a necessidade de ampliar nós construímos aquelas três salas do anexo. Quando veio o prédio novo, o projeto inicial foi barrado pelo MEC por que (telefone toca)... O metro quadrado do projeto inicial era muito caro, por que o projeto inicial mantinha a quadra esportiva em baixo do prédio do qual era sob pilotis. O vão central era muito longo tinha 26 metros e a concretagem disso tinha um valor absurdo. O prédio ficou muito caro e o MEC pediu então que a gente rerepresentasse o projeto com o metro quadrado mais em conta. Quando foi rerepresentado o projeto jogou-se a quadra para a cobertura. Tirou-se a área de baixo com os pilotis e colocou a cobertura sobre a nossa quadra que a idéia original é que a cobertura ficasse uma área de recreação. E aí, foi nesse momento que se criou a Biblioteca por que o prédio estava projetado para doze salas. Se você observar a área toda da Biblioteca... (interrompido). Se você observar o prédio novo tem quatro salas justamente em cima da Biblioteca e aí eu pensei. O que adianta uma Escola com tantas salas de aula e que não tem uma Biblioteca que dê suporte ao trabalho desses alunos? Aí uma Biblioteca com dignidade. Com bom acervo, com bom espaço, com conforto para que ela sirva de elemento motivador para o aluno participar, entrar na Biblioteca, visitar, ter prazer de estar ali lendo e pesquisando. Aí eu abri mão de quatro salas pra fazer a Biblioteca grande. Uma Biblioteca pequena não interessaria. Antes de esse prédio acontecer, quando eu assumi a direção, nós tínhamos onde hoje é o auditório, nós tínhamos a nossa Biblioteca que dividia um pedacinho com o Pedrinho. Nessa época a divisão ainda era feita com estantes que não era uma coisa muito boa por que a Biblioteca do Pedrão tem um comportamento diferente da Biblioteca do Pedrinho que é mais uma sala de leitura, uma coisa mais de brincadeira, mais lúdica. Não é uma coisa mais responsável e séria, responsável no bom sentido né, do que é a Biblioteca do Pedrão. Então com isso, nós conseguimos depois fechar com a divisória. Então o Pedrinho ficou com uma parte menor, correspondente a 1/3 da área ali do auditório hoje né, que era a Biblioteca. Daí, pra que eu conseguisse o auditório, a Biblioteca veio pra onde hoje é o laboratório de informática que ocupava ali, que tem 100 metros quadrados e de 100 metros quadrados passou para 240 metros quadrados que é a nossa Biblioteca. Desde o momento que a gente ocupou esse espaço, que eu venho procurando melhorar

este acervo por que eu percebo que o nosso aluno gosta muito de livros de literatura. E agente procurou melhorar esse acervo para poder dar esse atendimento ao nosso aluno e a Biblioteca passou a ter outro perfil que até então a Biblioteca era usada, eu me lembro na minha época de aluno e quando eu assumi aqui a direção, era aquela coisa para pesquisa, biografia já ultrapassada, livros antigos, não tinha nada de novo, não havia um projeto direcionado para melhorar o acervo. Isso só aconteceu a partir do momento em que eu assumi a direção e tive esse cuidado de melhorar esse acervo e começar a fazer a compra de livro que a Escola começou a fazer compra de livros. E aí o MEC veio com essa proposta de renovar o acervo mandando livros para as nossas bibliotecas. Então, essas parcerias que eu fiz com algumas editoras, a gente conseguiu uma quantidade muito boa, que o nosso acervo é bastante diversificado.

Andre: O Sr. falou das grandes modificações no Colégio com relação à Biblioteca. Em algum momento, teve a participação do Conselho de Bibliotecas, do Sistema de Bibliotecas?

Dimuro: Quando eu assumi a direção, a nossa Biblioteca aqui era muito precária. Quando eu assumi o Prof. Choeri que na época era secretário de Ensino, teve o cuidado de me mandar uma bibliotecária. Chegou a Sueli, que eu acho que você conhece. Ela veio da Aeronáutica, assumiu o Pedro II, foi movimentada. A Sueli assumiu e, me parece que há uma determinação de que a Biblioteca não pode ser comandada por outra pessoa que não seja bibliotecária, tem que ser um especialista na área. Com isso, a Escola passou a cumprir essa determinação. A partir daquele momento foi a bibliotecária que assumiu a sua função e começou a dar outra estrutura. Primeiro: organização de acervo coisa que não tinha. Catalogação do acervo. A Biblioteca ficou toda estruturada com uma nova organização. E naquele momento nossa Escola, era só Escola de Ensino Fundamental. A nossa Biblioteca até 2000, como a Escola era praticamente Ensino Fundamental e a noite nós tínhamos Ensino Médio. Mas o aluno da noite que, ele freqüenta a Escola por que ele trabalha e ele não vinha durante o dia visitar a Biblioteca, o nosso acervo ele era todo ele direcionado para Ensino Fundamental. Então a partir de 2000, eu estabeleci essa mudança e essa preocupação em se estabelecer e criar um acervo que atendesse ao Ensino Médio. E como nós criamos o Ensino Médio justamente naquele momento em que o MEC estava promovendo aquela reforma no Ensino Médio legal e aí, a gente teve toda a dificuldade de incluir a Biblioteca dentro dessa proposta do Ensino Médio legal. Foi quando a gente começou a

melhorar o acervo, preocupados com que a Biblioteca também recebesse o Ensino Médio.

Andre: Hoje no Colégio, como se dá a relação dos diretores de unidades com o sistema de bibliotecas do Colégio?

Dimuro: Olha só. Tem um conselho dos bibliotecários aqui da Escola. Cada chefe de setor, cada bibliotecário participa desse conselho e ela que resolve as questões da Biblioteca de cada unidade. É claro que quando ela vem da reunião eu tomo conhecimento de tudo, mas a relação é indireta, ou seja, eu tenho a representante da unidade que é a chefe do setor, que é a Marta, agora né, já foi a Sueli, elas se posicionam em relação a unidade e resolvem as questões de comum acordo. Muitas coisas que já foram decididas que já deveriam estar implantadas que ainda não chegaram aqui na unidade que é o caso da informatização. Então a relação da direção é indireta, via chefia do setor que costuma se encontrar com esse conselho que eu particularmente acho que ele ainda é um pouco lento. Eu acho que ele poderia ser mais revolucionário e ter uma ação mais efetiva. A Biblioteca melhora e muda em função daquilo que o diretor acha que preocupa. O conselho eu acho que não teve a força ou essa preocupação enfim eu não tenho o conhecimento de como ele se estrutura. De pensar na compra do acervo, de conseguir isso. Enfim, ele se acomoda no dia em que o MEC manda aquelas caixas com livros enfim, cada direção procura dar o melhor rumo possível para a sua Biblioteca.

Andre: Na sua visão, qual o papel hoje da Biblioteca na Escola?

Dimuro: A Biblioteca tem um papel fundamental dentro da Escola. Ela não só tem que ser motivadora da leitura, fazer com que o aluno visite, tenha esse interesse pela leitura, primordial isso. E acho também que ela poderia fazer um trabalho paralelo à questão pedagógica, trazendo contadores de história, fazendo mesas de leitura, convidando escritores. Eu acho que ela não pode ficar restrita ao espaço, a espera de leitores que visitam a Biblioteca, pegam o livro por empréstimo. Ela tem que ter um papel muito maior. E essa motivação a leitura eu acho que não pode ficar somente neste esquema. O aluno chega, tem que ter alguma ação da Biblioteca que faça que ela seja cada vez mais atraente além de ter um acervo bastante interessante. E isso aí também é um ponto importante. E vocês estão tendo dificuldades. Eu vejo que vocês divulgam. Quando o aluno novo chega e vocês colocam pro aluno o que o acervo tem.

Andre: Com relação ao corpo docente, existe alguma iniciativa para que o corpo docente tome ciência da Biblioteca?

Dimuro: Todo início do ano a gente faz aquela reunião grande de planejamento e nesse momento eles colocam o papel da Biblioteca o acervo que tem a preocupação de melhorar esse acervo. E esse ano a Biblioteca teve um espaço nessa reunião, ela avançou pra isso quer dizer, a gente tem valorizado tanto a Biblioteca que se abriu um espaço que ela participou ela se posicionou, fez um folder para apresentar como a Biblioteca funciona como as inscrições acontecem como é feito o empréstimo. Então eu acho que hoje o corpo docente está bastante informado de qual é a dinâmica da Biblioteca. Além de participar do COC<sup>76</sup>, por que nós tínhamos uma situação anterior em que alguns funcionários excessivamente preocupados com o funcionamento da Biblioteca de não poder uma série de coisas, acabaram dando tratamento pejorativo para o aluno. Hoje eu acho que a Biblioteca tem o seu lugar de destaque e o fato dela participar do COC para saber como os alunos se posicionam, o que é que eles estão achando da Biblioteca por que também a Biblioteca melhora na medida em que ela tem essa resposta do nosso alunado que hoje é muito boa a avaliação que se tem da Biblioteca.

Andre: Eu queria que o Sr. voltasse no tempo. Do tempo que o Sr. foi aluno, que estudou aqui no Colégio Pedro II. Qual a recordação mais forte que o Sr. tem da Biblioteca e se isso de alguma forma influenciou no seu hábito de leitura, na sua vontade de ler, na pesquisa...

Dimuro: Eu entrei aqui em 70. A Biblioteca era numa sala de aula lá em cima, no terceiro andar se eu não me engano essa sala aqui de frente, se eu não me engano na sala 18 que é uma sala relativamente pequena. E naquela época a unidade não tinha tanto aluno como tem hoje. De qualquer forma na minha avaliação embora sendo criança, eu achava que o espaço era pequeno para o número de alunos que tinha naquela época. Eu não sentia que havia uma valorização, as pessoas não conseguiam dar a devida importância a Biblioteca e o acervo era muito pobre. Como estudante eu gostava de ler romance e literatura, a maioria do acervo era livro de pesquisa, enciclopédias, Barsa, Delta. Enfim, não tinha grandes opções de romance. José de Alencar, o primeiro José de Alencar que eu li foi aqui na Biblioteca. Tinha um único exemplar que a gente tinha que ficar esperando para poder retirar isso. Então eu confesso pra você que o meu gosto pela leitura não foi motivado pela Biblioteca da minha época de aluno por que realmente ela era pobre, não era estimuladora. Ela não provocava o desejo de você visitar a Biblioteca

---

<sup>76</sup>Conselho de classe – A Biblioteca da Unidade Engenho Novo II participa do conselho de classe. Os alunos podem opinar, sugerir e fazer reclamações.

de você ler. E tinha o problema também de um número reduzidíssimo de funcionários. Eram dois funcionários. Quando eu assumi aqui a unidade tinha um único funcionário que era o Sr. Jorge que era o bibliotecário. Era o único que tinha. A única pessoa que tinha para dar conta de um espaço que teoricamente vai atender um número enorme de alunos é impossível. As pessoas já nem visitavam por que sabiam que quem lá estava não dava conta desse atendimento uma vez que eram duas pessoas para um universo de tantos alunos. Mas eu não tenho uma recordação assim feliz de ter uma Biblioteca rica com pessoas trabalhando com satisfação não tinha. Realmente enquanto aluno não tinha. Aí eu fui para São Cristóvão que é aquele mundo inteiro. Aí eu estou falando de dois momentos tá, o daqui. Aí eu fui para São Cristóvão. E a Biblioteca de lá embora muito espaçosa desde a minha época de aluno e na verdade não mudou muita coisa. A estrutura é a mesma. Não sei se o acervo mudou de lá pra cá por que não vejo essa mudança. Aí também embora bem maior do que lá, enfim o aluno tinha o internato antigamente que, agora acabou. O aluno dormia, morava no Colégio. Então a Biblioteca tinha um volume grande de livros. O acervo era muito grande. Mas também não era um acervo muito rico. Era um pouco maior que eu até entendo por que lá era a matriz, então a coisa era talvez mais cuidada. Mas mesmo assim não lembro da Biblioteca deixar uma grande recordação. Eu fico muito feliz de ter essa minha Biblioteca hoje, uma Biblioteca tão rica por que é uma forma de compensar o que eu não tive ao longo da minha vida de estudante.

Andre: A Biblioteca faz homenagem ao Prof. Helio Fontes.

Dimuro: Foi o primeiro diretor da Unidade Engenho Novo. Eu sou de 70 e ele foi de 52. Nossa Biblioteca existe no MEC. Quando eu assumi a direção eu pensei até em fazer homenagem ao Prof. Chediak. Que o Prof. Chediak me nomeou. Para colocar o nome na Biblioteca Prof. Antonio José Chediak que ele era especialista em língua portuguesa. Mais aí foi quando eu percebi que a Biblioteca já estava registrada no MEC, eu pensei então mantém e o dia que eu quiser fazer homenagem ao Prof. Chediak eu faço de outra forma.

## Ficha Técnica

Data: 17/11/2009; duração 6 min.; mídia MP3; transcrição 3 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: João Luis Alves; Perfil: ex-aluno da Unidade Tijuca (1973-1976); São Cristóvão (1977-1979).

Andre: No início eu queria saber o seu nome completo, qual o período que você estudou no Colégio e a Unidade.

João: É João Luis Alves, estudei na Tijuca de 1973 a 1976, São Cristóvão de 1977 a 1979.

Andre: Na Unidade Tijuca nesse primeiro período que você estudou no Colégio tinha Biblioteca?

João: Não. Não existia Biblioteca. Existia uma sala, uma sala bastante pequena com poucos livros. Praticamente os livros que o Colégio adotava era o que tinha ali na Biblioteca, era o livro didático.

Andre: E quem fazia a manutenção dessa sala, quem trabalha, era bibliotecário ou um funcionário administrativo?

João: Não. Não era bibliotecário. Não me parecia ser bibliotecário. Me parecia que era uma coisa adaptada. A Tijuca na época estava com as condições bem precárias, com as instalações bem precárias. Já tinha sido prometida uma grande obra que só veio acontecer vinte anos depois. A maioria das salas de aula era de madeira. A Biblioteca era realmente algo adaptado, uma sala pequena com poucas obras, na maioria livro didático.

Andre: Como é que os professores incentivavam a leitura?

João: Os professores de português recomendavam livros para-didáticos. Eu me lembro até que, na minha época de aluno alguns livros até ficaram. Memórias de um cabo de vassoura, as obras de Monteiro Lobato. Todos indicados pelos professores de português.

Andre: E estes vocês encontravam na sala da leitura?

João: Não. Não encontrávamos. Nós comprávamos ou conseguíamos na Biblioteca pública. No meu caso, eu morava em Jacarepaguá e tinha uma Biblioteca pública próxima da minha casa.

Andre: E no período que você estudou na Unidade São Cristóvão?

João: Na Unidade São Cristóvão a Biblioteca era grande e atendia perfeitamente aos alunos da Unidade.

Andre: Existia alguma atividade do Colégio interligada com a Biblioteca?

João: Do Colégio não. Eu me lembro que o Professor Euricles de português na primeira série umas quatro ou cinco vezes naquele ano letivo desceu com a gente na Biblioteca. Fazíamos trabalho e pesquisa ali na Biblioteca, mas era iniciativa dele Professor. Não era uma coisa do Colégio.

Andre: Não era uma política do Colégio?

João: Não era. Me parecia que era coisa do Professor. Não sei se ele recebeu alguma orientação nesse sentido, mas era uma iniciativa do Professor.

Andre: Você se recorda de alguma atividade cultural que foi feita na Biblioteca no período que você estudou em São Cristóvão?

João: Não. Não houve isso.

Andre: Com relação ao material da Biblioteca ele atendia as suas necessidades? Tinha literatura?

João: Todos os livros que eu procurei na Biblioteca de São Cristóvão eu consegui. Tinha lá. Me parecia, estamos falando de algo com mais de vinte e cinco anos atrás, que a Biblioteca atendia bem aos alunos. Tinha bibliotecário e muito servidor.

Andre: De alguma forma a utilização dessa Biblioteca no segundo período que você estudou no Colégio pode ter influenciado o seu gosto pela leitura hoje?

João: Com certeza. Ali começou, não digo ali, na verdade meu gosto pela leitura começou talvez na quinta série com a Professora Célia de português quando ela recomendou um livro para-didático para ler. Eu gostei, pedi outro e ela me indicou outros e fui lendo até que ela indicou os livros de Monteiro Lobato. Eram na época dezessete livros infantis e acabou que meu pai comprou a coleção pra mim. Eu li os dezessete acho que no mesmo ano. E aí começou o meu gosto pela leitura. Com certeza a influência da Professora Célia de português na quinta série e depois o Professor Euricles já na Biblioteca de São Cristóvão tiveram um papel fundamental para o meu gosto pela leitura.

Andre: Qual a recordação mais forte que você tem da Biblioteca?

João: A recordação mais forte que eu tenho é da Biblioteca de São Cristóvão. Havia uma pessoa que fazia a figura da bibliotecária. Nós sabíamos que ela não era bibliotecária. Eu não sei se na época havia essa obrigatoriedade do chefe da Biblioteca ser uma bibliotecária. O nome dela era Dona Silvia. Era uma senhora que conseguia

conjugar a firmeza que era necessária ali com o grupo de adolescentes, com o carinho e com a ternura que ela tinha pela gente. A figura que mais me marcou foi a presença da Dona Silvia que ali ao mesmo tempo orientando, ajudando, buscando livros. De forma incansável, com uma forma disciplinadora, rígida e carinhosa.

## Ficha Técnica

Data: 19/11/2009; duração 9 min.; mídia MP3; transcrição 3 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Paulo Rubem de Souza Valente; Perfil: Ex-aluno da Unidade Engenho Novo (1956-1963). Possui uma página na Internet de ex-alunos do Colégio – [www.aopedrosegundo.com.br](http://www.aopedrosegundo.com.br).

Andre: Então a gente podia começar o Sr. me falando o seu nome completo, me dizendo qual época o Sr. estudou no Colégio, qual unidade e se essa unidade tinha Biblioteca.

Paulo: Paulo Rubem de Souza Valente, 1956 a 1963. Unidade na época, a Unidade Engenho Novo, na época chamava-se Seção Norte. Que eram as seções norte e sul. Ali na sede que era o Centro e tinha depois mais tarde a Seção Tijuca eu não sei dizer quais e depois e o internato. Eu fui daqui do Engenho Novo, Seção Norte. Atual Engenho Novo II. Naquela época era diferente. Nós entrávamos aqui na primeira série ginásial e íamos até o terceiro ano científico ou colegial.

Andre: E nessa época tinha Biblioteca?

Paulo: Tinha. Tinha uma Biblioteca. Em minha opinião e para outros colegas que exatamente eu já consultei era uma Biblioteca até bem estruturada, era organizada. Ela tinha uma funcionária eu não me lembro, eu não consigo lembrar o nome. Ela era no terceiro andar e o acervo até era um acervo pra época bom. Amigos e colegas me diziam que inclusive eles liam livros de autores franceses. Eu não me lembro agora exatamente. Mas tinham livros didáticos tinha lá também pra consulta. Uma Biblioteca que em minha opinião e na opinião de outros colegas, uma Biblioteca que ela pra nós pra consultas imediatas ela era bem, como é que eu vou dizer era bastante, tinha um acervo razoável.

Andre: Quando o Sr. veio aqui pela primeira vez eu lembro que o Sr. me falou que o Grêmio tinha uma Biblioteca.

Paulo: O Grêmio tinha também uma Biblioteca. Já era um acervo um pouco menor e nesse acervo a maior parte era literatura não eram livros didáticos.

Andre: Literatura brasileira?

Paulo: Literatura brasileira. Um dos exemplos que eu posso dar é que eu li Brás Cubas exatamente quando eu estava de plantão. Eu era Diretor do Grêmio. Eu li Brás Cubas exatamente durante os meus plantões. Era um acervo bom. Não sei depois que eu saí em 1963.

Andre: O Sr. tem alguma recordação, o porquê dessa Biblioteca do Grêmio tendo em vista que o Colégio tinha uma Biblioteca oficial?

Paulo: Eu realmente não sei. Quando eu cheguei ao Grêmio na Diretoria, quando eu comecei a participar eu já encontrei. Essa informação eu não tenho por que realmente é uma aversão o Grêmio ter uma Biblioteca quando o Colégio tinha uma boa Biblioteca. O que eu posso dizer é que eu acho que não havia nenhum antagonismo evidentemente. Mas o Grêmio era um Grêmio muito grande digamos assim. Tanto é que nós ocupávamos onde hoje é a maior parte do Pedro II, Unidade I que chamamos de Pedrinho atualmente. Lá era o ginásio, o Grêmio funcionava no ginásio de esportes onde tinham um palco onde eram encenadas as peças onde nós fazíamos baile. Não era um antagonismo não. Não era contra a Biblioteca do Colégio. O Colégio tinha uma Biblioteca bastante frequentada. E a do Grêmio nós emprestavamos aos sócios, era uma coisa mais livre, eles podiam levar pra casa, não era uma sala era para empréstimo.

Andre: O Sr. lembra de algum movimento do Colégio para a utilização dessa Biblioteca, havia entre os professores atividades dentro da Biblioteca?

Paulo: Que eu me lembre de imediato não. Assim que eu me lembre não. Era procurada pelos alunos, os professores evidentemente até diziam: existe a Biblioteca, façam consulta. Nada mais que fosse um movimento destinado ao uso da Biblioteca. Pode ser que um Professor ou outro até. Mas falavam assim: vai a Biblioteca, procura na Biblioteca. Principalmente os professores de português.

Andre: Na época em que o Sr. saiu do Colégio a Biblioteca continuava no mesmo local? Ou já havia sido transportada?

Paulo: Em 1963 a Biblioteca ainda estava no mesmo local. Depois eu não sei. Depois eu não sei mais notícia inclusive devido ao afastamento natural e veio a revolução. Isso não é questão de ser contra ou a favor não é o caso. Mas essa revolução evidentemente causou problemas no movimento. A Biblioteca acabou não sei por que razão realmente.

Andre: A Biblioteca na verdade ela tinha dimensões menores do que ela tem hoje. Talvez a censura ou alguma coisa desse tipo tenha impedido que a Biblioteca tivesse evoluído ou o Sr. acha que não havia um papel significativo da Biblioteca ou não viam a Biblioteca como uma parte da escola. Qual sua opinião sobre isso?

Paulo: Depois eu não sei. Mas durante a nossa estada aqui a Biblioteca era utilizada. Ela era utilizada pra consulta. Deveria existir eu acho. Naquela época em minha opinião os professores indicavam livros, mas não havia uma campanha realmente

para o uso da Biblioteca. Não existiam naquela época as bibliotecas estaduais as bibliotecas municipais. A Biblioteca do Colégio funcionava e ela era realmente importante. Não havia nenhuma campanha voltada para o uso da Biblioteca. Às vezes uma solenidade ou outra. Lembrei agora alguma coisa muito vagamente acontecia, mas não era uma coisa...

Andre: Só para a gente fechar. Qual a recordação mais forte que o Sr. tem da Biblioteca?

Paulo: A recordação mais forte na realidade foi... A do Grêmio eu não vou poder confessar aqui que muitas vezes ela era utilizada para determinados encontros (risos). Eu não posso confessar isso (risos). Naquela época evidentemente não era como hoje. A liberdade não era a de hoje. Mas isso ia contra minha vontade como diretor evidentemente (risos). Mas ela era procurada. Uma recordação forte que eu tenho é que as bibliotecas mesmo naquela época eram procuradas. A Biblioteca não era uma coisa como vou dizer assim, não era como hoje eu estou vendo aqui. Ela tinha uma lotação, ela estava com uma frequência muito boa. Me parece pelas vezes que eu estive aqui que essa daqui é bastante utilizada. Eu sou Professor. Depois de determinados momentos de determinado tempo, as bibliotecas passaram a ser incentivadas, sendo mais utilizadas, criaram até mais bibliotecas. Comparando com o acervo daqui, o acervo era muito bom e a procura era muito boa. Eu não fui um dos que mais frequentei, mas frequentei muitas vezes.

## Ficha Técnica

Data: 16/02/2010; duração 20 min.; mídia MP3; transcrição 4 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Marta Regina de Jesus; Perfil: Bibliotecária do Colégio desde 2004; Trabalha na Unidade Engenho Novo II - Biblioteca Prof. Helio Fontes.

Andre: Qual é o papel da Biblioteca no Colégio Pedro II?

Marta: É um papel de apoio pedagógico. Apesar do papel da Biblioteca Escolar ainda não está bem definido no quadro da Escola. Por que é uma coisa recente, a Biblioteca Escolar, as escolas antigamente ou há pouco tempo não tinham ainda definido se havia uma Biblioteca Escolar ou não, com o perfil que ela tem hoje, com trabalho pedagógico, com projetos... Com o perfil que se espera hoje de Biblioteca Escolar, com projetos de leitura, essa coisa toda, ainda não está realmente definido. O MEC vem atualmente discutindo a função da Biblioteca Escolar, mas ainda não há um perfil oficial do papel da Biblioteca Escolar. No Colégio ela tem o papel de apoio pedagógico e desenvolvimento da leitura, mas isso aí ainda não é muito claro o que se pode desenvolver dentro desse campo.

Andre: O que o bibliotecário tem feito dentro desse contexto?

Marta: O bibliotecário deveria primeiro desenvolver a conquista do seu público. Por que como ainda não há algo definido, não se diz o papel do bibliotecário neste contexto, a gente enfrenta muita dificuldade, a gente tem que se colocar para as pessoas, explicar o nosso trabalho. Nosso papel seria de facilitar o acesso a informação, colocar a informação disponível para o aluno, organizar a informação para que ela possa ser recuperada. Mas infelizmente isso ainda não é sentido. A gente vem trabalhando aos poucos para que as pessoas participando dos conselhos, dos COCs, entendam o papel do bibliotecário. Para que as pessoas comecem a desenvolver alguns projetos junto com a Biblioteca. Nós não temos pessoal especializado para isso, as bibliotecárias não têm formação específica para atuar em escolas, isso ainda não existe é uma coisa que se discute muito, até nas escolas de Biblioteconomia. Em dezembro nós tivemos uma reunião das bibliotecas, foi a primeira reunião dos bibliotecários escolares e ainda não há o perfil da atuação do bibliotecário escolar. É uma coisa que se começa a discutir agora no Rio de Janeiro. Qual é o perfil do bibliotecário escolar? Qual o conhecimento que ele deve ter? Qual é a área de atuação específica da Biblioteca? O que a Biblioteca

deve desenvolver já que há um problema entre bibliotecário e Professor de sala de leitura. Que também é outra característica...

Andre: Como atua hoje o Conselho de Bibliotecas no Colégio Pedro II?

Marta: A atuação do conselho ainda é muito insipiente. A gente não consegue ainda se organizar, apesar de existir de fato, o conselho vem caminhando muito lentamente para ele se firmar entre os bibliotecários. Para os bibliotecários trocarem informações, conseguirem organizar as bibliotecas. Até por que as bibliotecas são administrativamente subordinadas a Unidade então, quando você tem muita gente, muita orientação, é orientação do conselho, as normas... Mas administrativamente o espaço é determinado pela direção, o horário de funcionamento pela direção. Fica uma coisa muito difícil. Os funcionários que vão trabalhar na Biblioteca além do bibliotecário são determinados pela direção. Você não tem o perfil dos funcionários que vão trabalhar. Esses funcionários não têm formação específica para trabalhar na Biblioteca. A atuação do conselho, eu vejo por aí, deveria ser principalmente na formação de pessoal para trabalhar em Biblioteca. Aqui na Biblioteca especificamente, eu consegui na direção, antiga direção, essa ainda não foi conversado, que pelo menos tivesse condições de trabalhar com aluno. Formação para trabalhar com alunos. Que tivesse formação em licenciatura ou que tivesse condições de exercer um trabalho de monitoria com os alunos. E assim, a antiga direção vinha trabalhando, ele mandava para eu verificar se tinha condições, ele fazia uma seleção prévia, mas eu que dava a decisão final dizendo se a pessoa tinha condições de desenvolver esse trabalho a fim de melhorar o trabalho que a Biblioteca desenvolve junto à comunidade. Ainda estamos caminhando, a gente utiliza muito o apoio do SESOP... Até para que a gente possa chegar aos professores e a comunidade escolar em si.

Andre: Como a Biblioteca promove os seus serviços?

Marta: Quando eu assumi a Biblioteca, não havia trabalho nenhum com os alunos. O espaço estava formado, era bonito, amplo, belo, limpo, e os alunos vinham se quisessem vir, não havia nenhum trabalho de convite a comunidade, nada que atraísse, a não ser o ar condicionado, o ambiente limpo, confortável, refrigerado, uma ambientação boa, climatização boa... Havia muitos problemas, o aluno não entendia o objetivo do espaço, para ele era um lugar de lazer... O que ele fazia no pátio da escola, na concepção do aluno, ele poderia fazer dentro da Biblioteca, até por que a Biblioteca fica no pátio da escola. Então, a partir de perceber que havia muito conflito entre alunos e Biblioteca, nós conversamos com o SESOP que também percebeu isso nos conselhos de classe.

Havia muita reclamação dos professores e alunos, começamos então a desenvolver um trabalho para que esses conflitos fossem diminuídos. Como assim? Primeiro, instruir e educar o aluno para o uso da Biblioteca. E como a gente faz a educação do usuário? Nós estamos em uma escola, nós temos alunos de 9 a 20 anos, com o PROEJA nós temos alunos de até 80 anos... Achamos que no primeiro contato, para iniciar esse trabalho, o usuário tinha que conhecer e entender qual era o objetivo da Biblioteca para a educação dele e como ele poderia usar este instrumento. No momento em que ele conhecesse o instrumento, já teríamos dado o primeiro passo. Então, o SESOP começou um trabalho dentro de sala de aula que ele ambienta o aluno a escola, ele explica como funciona, o que ele vai encontrar e depois então ele leva nos setores e aí a gente começaria a mostrar o nosso acervo, como é que funciona, tornar atrativa a Biblioteca para eles. A partir daí, o trabalho ficou mais com a Biblioteca, o aluno está ambientado, foi orientado pelo SESOP... Como é que nós vamos conquistar esse aluno? Isso tem sido a tarefa mais difícil. A gente tem utilizado os serviços de alerta, conversa muito com o usuário... Percebemos também que havia um problema de postura dos funcionários da Biblioteca, em alguns casos foi necessária a mudança de alguns deles... Estamos caminhando, por metas, ainda não conseguimos alcançar a toda a comunidade escolar. Se antes a gente não alcançava a 10% da comunidade escolar, hoje já alcançamos 20% deste total, o que é um grande avanço. A gente não conseguia identificar quantos usuários freqüentavam a Biblioteca... A gente consegue desenvolver algumas coisas, a gente vai conversando com o usuário, você vai perguntando, vai participando, dando a cara à tapa, ouvindo críticas...

Andre: Existe nesse trabalho alguma parceria com os professores?

Marta: Ainda não conseguimos a parceria com os professores. Alguns anos atrás a gente tinha visto a questão de desenvolver com os professores um trabalho específico. A gente conseguia isoladamente, um ou outro Professor consegue trabalhar com a Biblioteca. Mas ainda não há um grande trabalho da Biblioteca nesse sentido. Nós ainda não conseguimos a adesão dos professores para esse trabalho, a importância da Biblioteca no contexto escolar. Que é uma realidade que o próprio MEC vem discutindo agora. Não é uma realidade específica nossa. É uma coisa que o MEC vem discutindo, recente, agora que se acordou para a importância da Biblioteca de escola, para que se aumente o número não só de distribuir livros como o MEC faz, mas também que se discuta a importância que isso reflete no contexto escolar.

Andre: Por que no Projeto Político Pedagógico do Colégio, não se fala nada sobre as bibliotecas?

Marta: Quando eu cheguei, já existia o Projeto Político Pedagógico. Inclusive, na época da minha admissão nesse cargo de bibliotecário... Eu tive que fazer o treinamento com o pessoal do SESOP. Quer dizer, os pedagogos e orientadores. Foi a primeira vez que eu tive contato com o Projeto Político Pedagógico da Escola. Mas nunca ninguém me esclareceu por que no PPP não está a Biblioteca. Na minha avaliação, percebo que o Sistema de Bibliotecas do Colégio é de 2004, acredito que só aí foram perceber que há uma necessidade de criar um sistema de bibliotecas para que as bibliotecas fossem coordenadas. Ninguém nunca me disse se foi isso ou não. Eu sei pela antiga bibliotecária chefe aqui do Engenho Novo que elas se reuniam antes, mas não como um conselho. A partir da criação do Conselho, elas pretendiam fortalecer as bibliotecas e encaminhar suas reivindicações a direção geral.

Andre: O que seria ideal hoje para as bibliotecas do Colégio Pedro II?

Marta: O Colégio Pedro II é um Colégio de qualidade, um dos melhores colégios federais público e gratuito do país. Eu acho que a Biblioteca tem que estar nivelada a educação que o Colégio proporciona. Em relação a outros colégios, o Pedro II proporciona muitas bibliotecas, mas não vejo o interesse da escola em investir em um sistema de bibliotecas como parte essencial da educação. A Biblioteca proporciona ao aluno um acesso a uma informação que talvez a Internet, a gente fica na dúvida, tem, mas que ele também aprenda a pesquisar e que entenda que o mundo é mais amplo. Eu sonho muito alto, eu penso que, as bibliotecas do Colégio Pedro II deveriam atender não somente a questão de leitura, mas também desenvolvessem projetos junto com os professores e de preferência fossem informatizadas.

## Ficha Técnica

Data: 10/03/2010; duração 9 min.; mídia MP3; transcrição 2 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Francisco José de Souza Pinto; Perfil: Ex-aluno da Unidade Tijuca (1975) e São Cristóvão (1980-81).

Andre: Primeiro, a gente podia começar você falando o seu nome completo e a unidade onde você estudou?

Francisco: Francisco José de Souza Pinto, Unidade Tijuca 1975.

Andre: Você estudou toda a sua vida na Tijuca?

Francisco: Não. Na oitava série eu fui para São Cristóvão

Andre: Qual foi o ano que você estudou em São Cristóvão?

Francisco: 1980 e 1981.

Andre: Na época em que você estudou na Tijuca, tinha Biblioteca?

Francisco: Não, não tinha Biblioteca. Era um quartinho de madeira bem precário mesmo. Não tinha nem onde sentar, a gente ia lá pegar os livros onde a gente preenchia um cadastro. Empréstimo de livros, assinava e guardava a fichinha. Muito pouca variedade, muito pouco material. Era muito precário mesmo.

Andre: A pessoa que trabalhava lá era bibliotecário?

Francisco: Não. Não era. Era uma senhora. Eu não me lembro o nome dela. Era funcionária do Colégio. Era administrativa, pelo menos no turno da manhã.

Andre: Quando você mudou de unidade?

Francisco: Quando mudei de unidade e fui para São Cristóvão e a gente teve o conhecimento físico dos espaços, eu me lembro que tinha uma Biblioteca grande, muito grande no fundo do pátio principal. Mas para ser sincero eu nunca tive a necessidade de fazer o uso da Biblioteca. Eu já trabalhava então eu não tinha tempo. Eu já saía do Colégio para o trabalho

Andre: Tinha por parte dos professores alguma iniciativa de ir a Biblioteca?

Francisco: Não. Nunca. Não tinha nenhum tipo de projeto como se tem hoje. Vamos visitar a Biblioteca, vamos fazer um trabalho em cima desse material ou daquele, nada.

Andre: Então você não se recorda de ter ido a Biblioteca em nenhum momento?

Francisco: Com certeza não. Eu nunca fui a Biblioteca enquanto aluno em São Cristóvão. Na Tijuca eu cheguei a ir algumas vezes para pegar livros que eu não tinha

condições de comprar naquela época. Naquela época já era uma situação diferente. Eu era da caixa escolar, tinha um suporte da instituição, mas toda vez que não tinha livro e que eu não podia comprar eu ia a Biblioteca.

Andre: E que tipo de livro você pegava na Biblioteca?

Francisco: Geralmente livros de leitura. Não existiam livros didáticos específicos. Livros didáticos que eu me lembro que existiam eram alguns de língua. Mas a maioria dos livros que a gente pegava eram livros de leitura mesmo para algum tipo de trabalho da língua portuguesa. Um livro que me marcou muito foi o menino do dedo verde. Fiz vários trabalhos em cima dele.

Andre: Hoje você trabalha no Colégio, qual a percepção que você tem hoje das bibliotecas do Colégio? Da Biblioteca, por exemplo, da unidade que você trabalha?

Francisco: Em minha opinião a unidade Engenho Novo é privilegiadíssima em relação à Biblioteca. Uma Biblioteca ultra super moderna. Um espaço agradável, refrigerado. Hoje tem o avanço tecnológico, a Internet que naquela época não tinha. Hoje tem a doação do livro didático pelo governo federal. Então a Biblioteca tornou-se mais importante em função do próprio sistema de estimular que o aluno freqüente e tenha acesso a esse material. O aluno já tem acesso ao material didático dia a dia. E fora os trabalhos específicos, concursos de redação, esse material para incentivar o aluno a ir a Biblioteca. Até a própria arte, a matéria arte, eu já presenciei aqui, fez um trabalho específico dentro da Biblioteca. Acho que evoluiu muito em todos os segmentos, melhorou na parte física, na parte estrutural, na parte tecnológica, mas principalmente evoluiu no conceito da pessoa saber a importância da leitura. Eu posso te garantir, hoje aos 45 anos, se eu tivesse tido um hábito de leitura incentivado mesmo que forçado, sei lá, se você tem o hábito de fazer, passa a gostar de fazer o que você faz.

Andre: Antes de finalizar, eu gostaria de saber há quanto tempo você trabalha no Colégio e se você já teve a oportunidade de ver outras bibliotecas que não essas que você mencionou?

Francisco: Eu já estive na Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil, a Biblioteca Nacional. As bibliotecas nas faculdades em que eu estudei eram excelentes. Tirando as bibliotecas específicas, só Biblioteca. Eu vejo que a Biblioteca do Pedro II não deixa a desejar pelo menos a da Unidade Engenho Novo II. Uma coisa importante que eu acho que deveria colocar aí no seu trabalho é em relação a enfatizar um trabalho ainda mais profundo no Pedrinho. O Projeto Sala de Leitura tem ainda um trabalho muito tímido.

## Ficha Técnica

Data: 16/11/2010; duração 2 min.; mídia MP3; transcrição 1 página; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Ana Caroline Lacerda; Idade: 16 anos aluna do segundo ano do Ensino Médio da Unidade Engenho Novo II (2010).

Andre: Como você utiliza a Biblioteca da sua unidade?

Ana: Eu utilizo a Biblioteca para estudar. Eu venho aqui, uso às vezes o computador quando precisa. Procuo os livros que eu estou interessada e estudo.

Andre: Como essa Biblioteca foi apresentada para você? Qual a ação que tiveram pra te mostrar esta Biblioteca?

Ana: Os professores me incentivavam e às vezes o SESOP ia lá, isso no ensino fundamental. Quando eu vim para o Ensino Médio os professores indicavam: tem o livro tal na Biblioteca. Podem usar ele como base para estudar, para fazer os trabalhos. Quando o grupo era muito grande a gente usava o computador para fazer o trabalho.

Andre: Hoje, por que você vai a Biblioteca do Colégio?

Ana: Eu vou para estudar.

## Ficha Técnica

Data: 17/11/2010; duração 2 min.; mídia MP3; transcrição 1 página; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Vitória Bárbara Lopes dos Santos; Idade: 15 anos, 9.º ano do Ensino Médio da Unidade Engenho Novo II (2010).

Andre: Como a Biblioteca de sua unidade foi apresentada a você?

Vitória: A Biblioteca eu descobri quase por acaso mesmo por que eu sempre tive o hábito de procurar a Biblioteca nos Colégios onde eu estudei. Eu vim aqui com uma amiga minha da primeira vez. Foi uma descoberta mais por acaso mesmo.

Andre: Houve por parte do Colégio um movimento ou alguma iniciativa de mostrar essa Biblioteca para você?

Vitória: Não por parte de nenhum professor. Nem de nenhum departamento do Colégio. Eu descobri a Biblioteca sozinha com outros alunos que já estudavam aqui.

Andre: Com relação aos professores, eles incentivam a utilização da Biblioteca?

Vitória: Por parte dos professores não tem nenhum incentivo com relação à Biblioteca. Não tem incentivo a leitura. Livros para didáticos nós tivemos uns três durante o ano. Mas nenhum deles interessante, nenhum que estimule a leitura.

Andre: Quais as atividades que você desenvolve hoje na Biblioteca? O que você vem fazer na Biblioteca?

Vitória: Eu venho para alugar livros, ler. Geralmente não para estudar por que eu costumo fazer isso em casa. Para bater papo com o pessoal legal da Biblioteca e para fazer pesquisa no computador.

## Ficha Técnica

Data: 17/11/2010; duração 2 min.; mídia MP3; transcrição 1 página; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Vitória Maria Souza; Idade: 14 anos, 9.º ano do Ensino Médio da Unidade Engenho Novo II (2010).

Andre: Como você utiliza a Biblioteca da Unidade em que estuda?

Vitória Maria: Eu utilizo a Biblioteca para muitas coisas. Para ler esses livros interessantes, para estudar, às vezes para pegar livros didáticos mesmo. Quando eu to assim, quando eu quero conversar eu venho para cá. Por que aqui é calmo e os funcionários são legais.

Andre: Como os professores incentivam o uso da Biblioteca?

Vitória Maria: Esse é o problema, eles não incentivam. Quando eles mandam ler um livro ou é muito forte para nossa idade ou é um livro com coisas que deveriam ser para pessoas mais velhas, como mandaram a gente ler um livro sobre futebol e mandaram a gente ler um livro do Jorge alguma coisa. Tinha cenas de estupro, sexo e tráfico. Eles só mandam a gente pegar livros didáticos e para-didáticos.

Andre: Como essa Biblioteca da Escola que você frequenta foi apresentada a você? Teve alguma iniciativa do Colégio?

Vitória Maria: Do Colégio não houve nenhuma. Quando eu entrei aqui me falaram das regras do uniforme, mas da Biblioteca não me falaram nada. Eu nem sabia que a Biblioteca era tão grande. Só que quando eu entrei aqui as coisas eram mais difíceis, novas matérias. Uma amiga minha me falou como a Biblioteca era boa. Aí eu comecei a vir aqui. Alugar livros para levar pra casa.

Andre: O que você faz hoje na Biblioteca?

Vitória Maria: Eu leio, estudo e venho para conversar com os funcionários. Venho para ver os livros novos, dar sugestões. Aqui também é calmo, tem menos barulho e as pessoas também são legais.

Andre: Você para a Biblioteca mais especificamente para que?

Vitória Maria: Ler.

## Ficha Técnica

Data: 18/11/2010; duração 2 min.; mídia MP3; transcrição 1 página; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes – Engenho Novo II; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Luiz Guilherme Passos da Silva; Idade: 17 anos, 1.º ano do Ensino Médio da Unidade Engenho Novo II (2010).

Andre: Como você utiliza a Biblioteca do Colégio?

Luiz Guilherme: Eu uso a Biblioteca como um lugar de estudos, para pegar livros emprestados, para diversão e para me aprofundar mais na matéria do Colégio.

Andre: Como a Biblioteca te foi apresentada a você?

Luiz Guilherme: A Biblioteca foi apresentada desde a quinta série. Quando eu entrei, fizemos um *tour* pelo Colégio. Ela não estava totalmente pronta, o acervo era relativamente pequeno. Com o passar dos anos, o acervo da Biblioteca aumentou. Tem mais livros. Está cada vez mais aumentando o nível de variedades de livros.

Andre: Como os professores incentivam o uso da Biblioteca hoje?

Luiz Guilherme: Os professores não falam muito da Biblioteca. Caso tenha algum livro para aprofundar mais a matéria, eles indicam. Talvez tenha na Biblioteca ou agente compra. A maioria dos livros que eles pedem a Biblioteca possui. Às vezes com muitos ou pouco exemplares.

Andre: Hoje qual a atividade principal que você desenvolve na Biblioteca?

Luiz Guilherme: Eu leio, releio os livros, dou umas folheadas e utilizo os computadores.

## Ficha Técnica

Data: 18/11/2010; duração 48 min.; mídia MP3; transcrição 10 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Unidade Centro; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Maria de Fátima Proa Neto; Perfil: Bibliotecária do Colégio desde 1984; Trabalha na Unidade Centro.

Fátima: Eu estou te falando essa história do Prof. Choeri por que em nossas reuniões com o grupo de bibliotecários ele sempre se remetia ao que ele conhecia da Biblioteca. E nós voltamos a ocupar um lugar de destaque aqui na Unidade por causa dele. Por que aqui era o salão de leitura que ele freqüentava. E tinha um elevador de carga que dava acesso ao acervo lá de baixo. Então lá o acesso para o aluno era nenhum. E ele por uma afinidade, familiaridade, uso da Biblioteca mais constante, tinha uma amizade com o Bibliotecário. Então o Bibliotecário fazia por ele o que não fez por outros alunos. O Prof. Choeri era muito carente. Não tinha condições de ter livros, ele tinha o acesso facilitado por causa do Bibliotecário lá de baixo. Aquela história, a gente não quer privilegiar ninguém, mas ele levava livros que os outros alunos não podiam. Ele se lembra da Biblioteca muito nesse sentido. O quanto ele teve ajuda aqui na Biblioteca. Você conversa com ex-alunos e pessoas que doaram acervos, a lembrança deles da Biblioteca é tão marcante. A última coleção que a gente recebeu do Jornalista Helio Otiz é a memória afetiva dele. Olha não é uma coleção preciosa, nada de excepcional, mas ele diz que essa Biblioteca se constituiu do dinheiro da passagem que eu não gastava. Ele morava um pouco longe. Ele vinha a pé até o Colégio pra poder juntar esse dinheiro para comprar livros para fazer a Biblioteca dele. Isso é uma história de vida realmente. A Biblioteca não é uma coisa alheia, é como se fosse um parente próximo.

Andre: Você está aqui no Colégio desde quando?

Maria de Fátima: Eu entrei no final de 1983, acho que no início de 1984.

Andre: Quando você chegou aqui no Colégio, como era a Biblioteca?

Fátima: Bem, não era. Na verdade quando eu vim para o Colégio eu vim da Biblioteca Nacional. Eu nunca tive o menor contato com alunos, eu nunca tinha tido contato com crianças e adolescentes. Então pra mim, tudo era novidade. Eu vim pra cá e comecei no Humaitá. Na época, no Humaitá a clientela era outra. Você já percebeu né, muda muito. Então o perfil do usuário no Humaitá era um usuário classe média alta. E quando eu cheguei lá, o papo deles era assim: “por que o vídeo cassete da minha mãe, o

final de semana em Angra”. Você ficava olhando, quer dizer, eu estranhei. Então, eu era muito nova, querendo muito trabalhar. Quando eu cheguei ao Colégio tinha praticamente dois ou três bibliotecários. Você chegava à Instituição que nada te pedia, na verdade ela nada tinha e nada podia te cobrar. Eu não tinha trabalho em termos, era praticamente ficar sentada esperando o aluno. Não vou criticar o aluno por que nada podia na Biblioteca. Primeiro não tinha um acervo atraente, o lugar era feio, era sujo. Tinha uma senhora que assustava as crianças. Chegou a uma situação tão ridícula que ela era assim, com uma cara muito fechada, uma voz muito forte, falava muito alto e as crianças eram pequenas. E a menina entrou na Biblioteca eu não me lembro como é que foi a história, ela se dirigiu a um lugar, ela levantou da mesa, a senhora falou alguma coisa e a menina se assustou, correu. E ela correu atrás da menina. Então, uma situação ridícula, uma criança apavorada correndo na Biblioteca. A gente ri, pensa que é brincadeira, piada, mas é sério. Então era isso que tinha na Biblioteca. Eu fiquei aterrorizada, sentadinha esperando o que fazer. Então, eu comecei a me incomodar com isso. Aí chegou outra bibliotecária. Todo mundo que veio de fora, de situações de muita dificuldade, de instituições que cobravam muito. Quase todas nós, recém formadas, loucas para botar em prática aquela teoria toda. E chega a um lugar onde nada te cobram. Você fica incomodada. Então, o que é que nós começamos a ver. Tinha que atrair essas crianças de algum jeito. Eu morava na casa dos meus pais, meu dinheiro era só pra mim. Eu ia muito a livraria, comecei a ter contato com os meus sobrinhos. Eles estavam começando a ler. Eu comecei a comprar livros. Tinha uma série baratinha e muito popular para eles, chamada a Inspetora, eu não sei se ainda existe, da Ediouro. Então eu comprei isso, deixei bem a vista. Não emprestava nada, não fazia nada. Nós conseguimos convencer a outra bibliotecária de que a gente podia emprestar livros. Ela sempre alegou que ela fez curso na LC e, quando ela voltou para o Brasil, ela achava que: ou se faz perfeito ou não se faz. E nisso foram vinte, trinta anos não fazendo. Então a gente comprava livros por nossa conta.

Andre: Então deixa eu te perguntar, isso era uma posição do bibliotecário?

Fátima: Era uma posição do bibliotecário, do Colégio não. No Colégio se você entrasse para sair ao meio dia, duas horas e não fizesse nada, não tinha o menor problema. Eles queriam que a Biblioteca estivesse aberta. A palavra certa é aberta. Por que qualquer problema os alunos iam cumprir castigo na Biblioteca. Ou quando muito uma pesquisa, mas tinha um material totalmente desatualizado. Não tinha nada de atrativo. Na verdade, o que me espanta, hoje nem tanto, em termos, é que as bibliotecas

do Colégio deveriam ser escolares. Você entrava na Biblioteca e não tinha acervo para eles. Absolutamente nada. A Biblioteca de São Cristóvão você pode até ter obras muito boas, clássicos em inglês, latin, francês. Livros com uma encadernação fantástica. É um acervo de qualidade? É, mas para quem? Não para o público a que se destina. Ela já mudou muito o perfil. Então, quando a gente entrou teve que primeiro trabalhar com isso. Teve que ser aceita. Por que eu tinha vinte e tantos anos na época, Nádia também. A bibliotecária do Colégio estava na faixa dos cinquenta para cima. Ela estava no Colégio desde sempre por que o pai dela foi catedrático. A vida dela foi ali dentro. Ela tinha um setor de relações muito mais ligado a parte administrativa pedagógica do Colégio do que a parte das bibliotecas. Ela prestava assessoria na direção. A direção era no primeiro andar e a Biblioteca no segundo. Então ela nunca ia a Biblioteca. Uma vez eu e a Nadia precisamos resolver alguma coisa e fomos ao gabinete, ela estava lá dentro. A gente pediu para falar com ela. E fomos anunciadas assim: “as bibliotecariinhas”. Ela quis dizer, não foi menosprezando: “as novas bibliotecárias”, que eram juvenzinhas. Então você tinha que conquistar o respeito aqui dentro. Então a gente foi indo aos poucos. No Humaitá eu consegui formar um acervo legalzinho, as crianças iam mais a Biblioteca, principalmente os pequenos. Eu comecei aqui depois fui para São Cristóvão e voltei. Quando eu voltei isto aqui estava um caos, não tinha bibliotecário nem nada. E o terceiro ano, eu cheguei em Agosto na despedida do Colégio, para você ver a relação deles com a Biblioteca. Eles invadiram a Biblioteca, subiram na mesa, sapatearam, jogaram livros, tomaram o telefone da funcionária que estava. E essa era a relação que o aluno tinha com a Biblioteca nesse momento. Quando eu cheguei ao Humaitá aconteceu a mesma coisa. Em São Cristóvão também. Então eu pensei: não vou investir em quem está saindo. Então eu vou adequar o aluno que está entrando ao padrão da Biblioteca que eu quero. Então eu comecei a desenvolver uma relação de companheirismo, amizade, interesse. Nisso eu me achei muito deficiente por que eu não tinha contato com criança, experiência de Colégio. Eu fui procurar um curso para poder me encaixar melhor no Colégio. Eu terminei a especialização em Ciência da Informação no IBICT. Quando eu cheguei lá que eu usava o Colégio Pedro II para exemplo de trabalho e para aplicar aquilo que eu estava aprendendo, toda vez que eu colocava o Colégio eles negavam. Eles me diziam não, você está brincando, esse Colégio não existe. Uma vez eu falei sobre o problema do catálogo que a gente não tinha, expliquei que eu tinha uma memória visual muito boa para guardar e ela me falou assim: “Por acaso você usa patins?” Eu respondi não. Eu não uso porque não sei andar de patins, mas os meus dois

funcionários usam. Então, as coisas eram tão absurdas que a própria piada era séria no ambiente do Colégio. O Colégio nunca serviu de referência. Eu pensei em desistir já que não podia usar o que aprendia no Colégio, mas o Prof. Choeri insistiu que eu terminasse. Eu fui fazer Biblioteca infanto-juvenil foi quando o meu universo cresceu e eu passei a ler junto com eles. Então eu tinha mais facilidade de ler, indicar, comprar e formar um acervo. A formação do acervo é: o Colégio nunca tinha dinheiro. A gente começou a fazer dinheiro. Todos os recursos para angariar, para receber qualquer tipo de doação: vender jornal, feirinha, tudo que você pode na época era revertido para compra de acervo. Recebemos uma intimação. A Bibliotecária do centro ia entrar em licença de gravidez e precisava de um bibliotecário para lá. Como eu não queria ir, a Magda não queria ir, então a proposta indecente foi nós vamos as duas por que você fica um período e eu fico outro. Fizemos essa proposta e não foi aceita. Então a escolha é: é você e acabou. Eu vim para cá absolutamente contrariada, contra a vontade. Tinha a Carolina, outra bibliotecária daqui ela veio da ESB. E essa unidade ela é *sui generis*, permite tudo o que você puder e mais um pouco. Então ela deu a sorte de cair aqui com a Mercia que era uma bibliotecária não das mais antigas, mas assim que permitia que ela desenvolvesse um trabalho mais assim. Então ela tinha mais entrada do que eu vamos dizer assim. Quando eu cheguei a Carolina era mal falada a beça, provavelmente a posição que eu tenho hoje: “aquela ali, aquela chata, aquela antipática, aquela cri cri”. Então eu vim com essa má impressão dela. Quando eu cheguei aqui eu não entendi por que a Carolina também estava insatisfeita com essa pose, por que a Biblioteca é para o aluno, é para ter vida, ter uso. Então, quando eu vim a Biblioteca estava em obras, você tinha que fazer tudo. Não tinha nada, eu até fiquei contente por que depois eu descobri que eu gosto disso: chegar ao lugar. Por exemplo, quando eu fui ao Humaitá eu fiz muitas mudanças. Quando eu vim para o Centro eu peguei a Biblioteca no chão. Quando eu voltei para São Cristóvão eu botei a Biblioteca a baixo para começar tudo de novo, maneira de dizer.

Andre: Deixa eu te interromper um pouquinho. Nesse trajeto que você vai me contando que enfrentou muitos problemas, qual era a posição do Colégio? O Colégio te dava autonomia? O Colégio via a Biblioteca como uma coisa real ou não?

Fátima: No Humaitá eu não tinha o apoio integral da Bibliotecária por que ela não permitia que a gente ousasse. Então a Biblioteca sempre funcionou aqueles trinta anos daquele jeito, por que não mais trinta? Se você não pode informatizar, na época não falava informatizar, era fazer catálogo. Ela não permitia. Ela só aceitava fazer

catálogo se as fichas estivessem todas direitinhas, datilografadas. Tanto que pra gente emprestar livros a gente fazia o seguinte: pegava os livros do IBGE cortava um bolsinho e colava atrás e botava na gaveta. Se você não mexesse na estrutura, tudo bem. Se você fizesse escondido e estivesse funcionando tudo bem. Ela sabia que o depois que a coisa estava andando. Tanto que depois a gente conseguiu mobilizar grupos de alunos. Depois eu vim pra cá. Eu vim em um momento que eu estava substituindo a Bibliotecária oficial. A professora Vera Maria era substituta adjunta da professora Maria Amélia e ela ia fazer uma cirurgia. Então ela estava na mesma situação que eu. A primeira vez em um cargo de chefia. Ou seja, as duas estavam disponíveis. Eu precisava do apoio dela e ela dava apoio para os setores. Houve também uma questão de temperamento que a gente se dava muito bem. A professora Vera Maria me deu total autonomia para eu fazer o que eu quisesse. A Biblioteca tinha duas entradas e um funcionário. Por mais que você fique pra lá e pra cá, você não consegue segurar essa criançada. Então o que aconteceu? Primeira coisa consegui fechar uma das entradas. Segunda coisa, não tem lugar, ou você bota aluno ou deixa esses armários? Os armários são barulhentos, perigosos, tinham vidros quebrados. Eu fui mudando, mudando, mudando. Tinha um material que precisava descartar. No Colégio você não podia descartar nada e ela foi a primeira a deixar a sair o material. Eu sei que quando terminou a obra, passaram alguns meses e ela passou na Biblioteca por acaso e olhou e disse assim: Nossa isso agora tem cara de Biblioteca! Não me arrependo. Foi um voto de confiança. Você tem um profissional, então vou acreditar no profissional que eu tenho e vou permitir que ele faça. E começou a coisa a dar certo. A entrada do gibi na Biblioteca. O Colégio sempre foi muito tradicional. A diretora era professora de língua portuguesa não muito a fim da leitura de gibi e essas coisas. Sempre achavam leituras menores. Só que isso foi uma solicitação de uma aluna que veio de outro Colégio que tinha. Então, o que a gente fez? As pessoas têm que saber o que existe no Colégio. Ninguém sabia. Em São Cristóvão a posição da Biblioteca que é depois do elevador, eles praticamente não tem acesso. Depois de muitos anos lá, uma pessoa que eu sempre encontrava me perguntou: vem cá, tem Biblioteca no Colégio? Eu disse tem, o elevador estava aqui e a Biblioteca era ali.

Andre: Esse projeto que você está me contando, como era a participação dos professores?

Fátima: Os professores eles são alheios a você. Só os mais educados te cumprimentam com bom dia e boa tarde. Sequer te perguntam o que você é aqui dentro.

Mais uma cara de um funcionário administrativo. Eles não sabem se você é alfabetizado ou se fez um doutorado como eles. É aquela distinção muito clássica.

Andre: No início, você me falou que as bibliotecas não foram feitas para serem escolares. Explica um pouco sobre isso.

Fátima: Talvez eu tenha me expressado mal. Não é que ela não tenha sido feita para ser escolar. É por que na verdade o alunado era outro. Eu vejo em conversas com os mais antigos, que o correspondente hoje em dia ao, que na época saia daqui formado em bacharel. O bacharel hoje se você for comparar o nível de erudição e conhecimento do menino bacharel que saia com dezoito, ele hoje era superior ao formando em graduação. O aluno de graduação de hoje é fraquíssimo em comparação com aquele aluno. E isso também em função do acervo. Eu suponho, isso eu não tenho certeza, que eles usavam mais a Biblioteca. O aluno daquela época era outro, você tinha um salão de leitura desse tamanho e era cheio. Os livros que o professor lia, eram os livros que o aluno lia. Ele tinha que acompanhar. O aluno de hoje eu me pergunto, às vezes brinco: Você é alfabetizado? Você é aluno do Pedro II? O aluno chega aqui ele não lê, não conhece.

Andre: O aluno frequenta a Biblioteca?

Fátima: Frequenta bastante. Até por que não é pelos nossos lindos olhos não. A gente está em um ambiente bonito, iluminado, arejado, com ar condicionado. O acervo é muito bom. O acervo foi constituído por Carolina, pelo Angelo que era jornalista, o pai dele era escultor, outras pessoas que foram passando. Erica que era estudante de letras e depois fez informática. Era aluna de classe média alta, estudou em bons colégios, falava idiomas. No caso, eu fui procurar conhecer os livros, depois eu fiz na UFRJ, não satisfeita, fui fazer na UFF por que a visão era outra. A UFRJ era aquele embasamento teórico e a UFF era uma coisa mais prática. Depois disso, nesse intervalo, eu continuei no meio. Todos os eventos de Biblioteca Escolar eu estava a fim. Eu acho que eu não me perdi, como as pessoas dizem, que eu caí de nível quando vim da Biblioteca Nacional para cá. Eu me achei. A Biblioteca Escolar é o melhor lugar para você estar. Por que aqui você é obrigado a aprender todo dia, a renovar e isso é muito interessante. A história do gibi, a minha expectativa foi que, o gibi não é literatura, não sei o que. Mas o gibi foi uma maneira de atrair as crianças. Então a gente fez, engajou com os livros. O grupo de artes ajudou a gente. Nós fomos à sala de aula, fizemos questionários. A escolha foi democrática mesmo por que eles acharam que não podia emprestar. Regras estabelecidas: o que vai modificar essa Biblioteca? Fizemos um

concurso de desenho com o grupo de artes para definir um logotipo para a Biblioteca. Depois do logotipo, fizemos um concurso para o nome da Biblioteca com o grupo de português.

Andre: Então vocês criaram um movimento para chamar a atenção para a Biblioteca?

Fátima: Na verdade foram eles que criaram. Eles mobilizaram a gente e a gente mobilizou o Colégio. Nós fizemos uma festa de inauguração da biblioteca. Tinha convite, convidamos a equipe pedagógica e todas as crianças. Fizemos pôster e banner com o símbolo da Biblioteca. Aí trouxemos: bolo, guaraná, tudo que não pode. Tudo que a barata adora, como a gente diz. Convidamos formalmente a Diretora e fizemos um festão. Eu disse: “Maria Amélia, você tem que entender uma coisa: o aluno não entra, não tem atrativo. Ele sabendo que tem gibi ele vem. A gente coloca o gibi aqui pertinho. Ele mexeu no gibi aqui mas o olho... tem um livrinho legal a mãozinha já vai automática”. Foi uma dificuldade, mas valeu. O negócio é ele entrar por que depois que ele passa da porta, cabe a você.

Andre: Dessa época que você entrou no Colégio até hoje, o que mudou?

Fátima: Olha, estou falando por mim. O grupo de bibliotecários do Colégio veio com outra idéia. Todo mundo veio com uma idéia do que é a Biblioteca ponto. Só que elas esqueceram que tem uma coisa que adjetiva isso, é uma Biblioteca Escolar. E a visão, isso eu devo muito a uma professora da especialização, a matéria dela era sobre estudo de usuário. E me fez perceber o seguinte: o que determina o que é uma Biblioteca é o seu público. O meu público é o aluno. Quem é o meu patrão? Na verdade o usuário é o meu patrão. Então quem é? É criança na faixa de 11 aos 18. Eu tinha que saber quem era para eu respeitar o meu usuário. Eu não posso exigir de uma criança que ela tenha comportamento de uma pessoa adulta. Isso não existe. Eu já tive essa idade e de um modo geral os comportamentos se repetem. Você precisa fechar os olhos para algumas coisas. Silêncio na Biblioteca corta. Essa idade não atinge. Eu gostava muito de trabalhar no computador, eu tinha tempo para procurar figuras, colorido, para fazer bonito. Para fazer um cartaz novo para a Biblioteca. Um tipo assim: aqui na Biblioteca fale baixinho e não cale a boca. Respeite o direito que o seu colega tem de estudar. Coisas assim. Você tem de estabelecer com eles uma relação de amizade. Se você não conseguir isso, você está roubado. O aluno nessa faixa de idade ou é seu amigo ou seu inimigo. É preferível você tê-lo junto. Quanto pior o aluno, melhor ele tem de ser tratado. Aí você arranja um aliado. Essa é uma lição pessoal. Por onde eu passei que

consegui ter receptividade, eu me tornei uma agregada. A visão do grande grupo das bibliotecárias não pensava desta maneira. Elas tinham uma coisa: se o Colégio não exige, eu não vou fazer mais do que me é exigido. Outra coisa era: o aluno que tem que aprender a se comportar. Eles têm que vir e aceitar as regras da Biblioteca de adulto. Eu tenho uma lembrança horrível da Biblioteca do Banco do Brasil. Lá era para adulto, silencioso, essas coisas. Eu tive que atravessar o salão. Eu tinha um tênis que fazia poc poc poc. Eu atravessei o salão por que não tinha como eu passar por ali. Eu me sentia a última das criaturas. Se eu não gostei, que sou uma profissional e entendo certas coisas. Que dirá uma criança. Então a criança entra em um lugar desses e não pode nada. Eu não queria isso. Eu queria que eles se sentissem à vontade. Para passar isso para as minhas colegas, que a gente tem que ser mais tolerante, tem que emprestar. Eu deixei de querer mudar o mundo. Onde eu estava eu fazia. Eu trabalhava com a minha realidade. Eu vim pra cá, fiz um trabalho bastante legal e acabei indo para São Cristóvão. A gente fez uma arrumação em que eles encontrem tudo rapidamente e continuem vindo, vindo e vindo.

Andre: Qual a atividades que os alunos fazem hoje na Biblioteca?

Fátima: Eles basicamente estudam em grupo, fazem pesquisas, lêem jornal, revistas, gibis. O que você deixar, na verdade, eles utilizam para lazer. Os mais velhos estudam mais, os pequenos entram aqui direto para ler gibis, revistas e os próprios livros para ler aqui. Depois acabam levando para casa.

Andre: Os professores desenvolvem alguma atividade na Biblioteca?

Fátima: Poucos. Aqui faço atividades com as de geografia, português e às vezes filosofia. Muito pouco. Os professores que desenvolvem atividades são os que utilizam a Biblioteca. Praticamente eles não usam. O aluno de modo geral ele vem, gosta. Às vezes a gente bota pra fora. Por que a gente tem que lembrar que ele tem que voltar pra sala de aula. A gente chegou a estabelecer o número de usuários por mesa... Isso é que tem que mudar. A cabeça, a filosofia do profissional. Por que o profissional tem que aprender a agir aqui dentro como educador. E o problema do grupo quando a gente entrou era justamente esse. A minha visão, a gente pensa que o aluno que entra tem que parar na porta para dar bom dia ao funcionário. Pra ver quem é que está atendendo, pedir por favor. Muitos deles vêm de casa mal educados mesmo. A gente ouviu esse comentário, a família não tem tempo de educar e passam essa função para o Colégio. Chega ao Colégio, ele não faz essa função, na verdade não é a dele. Era essa a diferença. O pessoal queria continuar com a técnica e não é isso. Quando você agrega o

profissional que você tem potencial, o Colégio não te dá nada, se você quiser comprar livros você tem que se virar em dinheiro... Quando você mostra resultados, a coisa se reverte para você. Você trabalha em um órgão público, nada pode ser cobrado. Por que a Biblioteca cobra? Como você justifica isso? Na reunião de pais, primeiro você tinha que convencer o diretor. Se você não convence o diretor você não convence ninguém. Então por que a Biblioteca cobra? A Biblioteca não é obrigada a fazer esse tipo de empréstimo. Mas eu não tenho que ter livros separados para circular. Eu não tenho que ter assinatura de gibis e revistas. No entanto, isso é interesse de ambas as partes. Do Colégio que está oferecendo os serviços e os pais de apoiarem para que seus filhos tenham um melhor atendimento. Quando eu comecei a colocar isso nas reuniões, tanto com professores, que a gente começou a participar daquelas apresentações de começo de ano, COC, COPAS, etc. Então você tem que colocar o que você está fazendo e por que está fazendo e o apoio que você precisa deles. Aí tinha aquele negócio. O professor recebia livro no início do ano dava para um aluno. Até você conversar e conscientizar que ao invés de você dar um livro para um aluno, que vai ficar com ele o ano inteiro e não garante que ele vai passar para outro que necessite. Por que você não dá esse livro para a Biblioteca que vai servir para a comunidade? Não tinha pensado nisso. Realmente não tinha. A gente também conseguiu convencer o professor a passar livros pra gente que também serviria para os alunos. Ano passado o professor de física chegou a pedir de volta os livros que ele tinha cedido para o coordenador por que a Biblioteca não tinha esses livros e não tinha condição de comprar. Ele colocou na condição de ser para todos e eu falei: com certeza. Esses livros circulam direto. Nunca param na estante. Eles vêm e estudam aqui. Em relação aos pais, quando você chega lá e explica que aqui é um órgão público, um Colégio público. Eu fiz um cartaz sobre o valor da inscrição na Biblioteca. Se você contar o número de dias letivos e dividir pelo valor da anuidade que a gente cobra cinco reais, você não compra uma bala. Eu fiz o levantamento na cantina, botei lá o preço, para mostrar que não está pagando nada exorbitante. O que a gente faz com esse mísero dinheirinho. A gente compra isso, aquilo. A gente tem o *Guinness* 2011, a gente tem todos os livros da série crepúsculo. Todos Thalita Rebouças. No começo do ano a gente mostra a estatística, a contabilidade, coloca o que foi gasto. O filho chega em casa e comenta. Então, eles pararam de reclamar. E muitos contribuem. Trazem livros e agente explica. Olha, já houve um caso da pessoa perguntar, cadê o livro que eu dei para a Biblioteca? Olha, a gente se reserva a fazer dele o que for necessário. Se tiver que ser vendido para se reverter em novo livro para o seu filho, a gente vai fazer. Então

nada do que a gente faz é escondido, por debaixo dos panos. É exposto. Se você não tem o apoio, não adianta você não querer fazer. No Colégio, você faz assim.

Andre: Só para finalizar eu queria uma opinião sua. Qual a função principal hoje da Biblioteca Escolar?

Fátima: Eu acho que o papel da Biblioteca, de qualquer Biblioteca, é está entranhada no dia a dia do aluno, usuário. A Biblioteca é uma coisa indispensável. Você tem tudo aqui dentro. Qualquer coisa que você queira. O mundo está aqui. Você sabendo usar, você está preparando as pessoas para a vida.

## Ficha Técnica

Data: 23/11/2010; duração 37 min.; mídia MP3; transcrição 4 páginas; formato DOC; Local da entrevista: Direção Geral do *CPII*; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Vera Maria Ferreira Rodrigues; Perfil: Ex-aluna do *CPII* e atual diretora geral do Colégio.

Andre: Qual a recordação mais forte que a Sra. tem da Biblioteca enquanto aluna do Colégio?

Vera: Eu fui aluna há quase cinquenta anos. Em março do ano que vem eu comemoro cinquenta anos que ingressei no Colégio Pedro II como aluna. Exatamente lá onde vocês trabalham, atual Engenho Novo II que era a Seção Norte. Na Seção Norte, a Biblioteca ficava situada no último andar, na frente do prédio. Você olhando de frente, fica do lado esquerdo, onde era o laboratório de informática. A Biblioteca sempre foi assim, um local em que eu ia com muita regularidade. Não só na busca de livros para pesquisar, mas também por que eu gostava de ficar nas horas vagas para poder estudar. Depois lá na unidade Centro que a Biblioteca era em um local onde hoje o que a gente chama de salão de leitura. A Biblioteca sempre foi um local no qual eu me senti muito bem. Sempre fui muito bem atendida, tinha serviços de empréstimos de livros.

Andre: A Sra. mencionou a Seção Norte, como era conhecida a Unidade Engenho Novo II. A Sra. se recorda da Biblioteca do Grêmio?

Vera: Não me recordo. Me recordo do Grêmio sim. O Grêmio do Colégio ficava localizado onde hoje é o Pedrinho. Era um ginásio. Parte do prédio do Pedrinho é a estrutura antiga do pavilhão do Grêmio. Era um pavilhão separado, bem amplo. Tinha um palco de taco. Nós lá tínhamos mesas de ping pong, de xadrez. Era um local que os alunos tinham para recreação. Uma recreação sadia. A gente se reunia lá para aprender. Os mais velhos ensinavam os mais novos, principalmente os jogos, xadrez, ping pong. O Grêmio foi a minha primeira participação representativa como aluna de lá em 1962. Eu fui eleita representante de turma e aí participava das reuniões. Quem era o presidente do Grêmio era o nosso atual vice-prefeito, Carlos Alberto Muniz. O ambiente da unidade era muito agradável... O espírito de pertencimento do Colégio Pedro II é muito forte. Dificilmente você vai encontrar alguém que estudou ou trabalhou no Colégio que não tenha esse sentimento. Esteja onde você estiver. Hoje em dia que eu tenho que viajar muito, conhecer muitos lugares, falou Colégio Pedro II a gente já é olhado com

um respeito, uma coisa assim, uma mística muito forte. Se encontrar um ex-aluno então...

Andre: Dessa época que a Sra. estudou até hoje, o que é que mudou nas bibliotecas que chama a atenção? Da sua época de aluna até hoje.

Vera: Bom, acho que das mudanças a informática. A chegada dos computadores nas bibliotecas que abrem a oportunidade de sem sair desse local, visitar outras bibliotecas. Acho que a maior mudança na Biblioteca é essa. Claro que acho também que é ainda um setor que nós precisamos investir. A questão dos acervos. Temos principalmente lá no centro a Biblioteca de Obras Raras. Nós temos livros raros que o Pedro II é responsável por um acervo incrível. Alguns livros que existem na Escola que só tem outro exemplar na Biblioteca Nacional. Isso faz da gente, quer dizer, ter uma responsabilidade imensa de preservação, que é um verdadeiro patrimônio. Além da Biblioteca do acervo antigo, existe também um Núcleo de Documentação e Memória. Na parte de Biblioteca Escolar a gente vem recebendo os programas de Biblioteca do Governo. Os próprios alunos recebem hoje em dia. Isso não havia. Cada um comprava os livros que podia comprar. Isso é uma coisa que democratizou muito a questão do livro escolar. Isso tem melhorado o acervo. Eu acho que ainda falta. É uma das coisas que outro dia eu estava conversando com o diretor de administração. A gente pensa para o orçamento de 2011 ter uma verba para a aquisição de livros, logicamente a partir do que for pedido pelas bibliotecas. Todas as unidades nós temos as salas de leituras. Fui a Realengo para a inauguração da Sala de Leitura da Unidade Realengo I. É um local assim que as crianças gostam muito. Hoje em dia há uma grande preocupação com o livro infantil. Quando eu era criança não tinha tanto essa preocupação. Em todos os nossos Pedrinhos há esse incentivo. Os nossos professores valorizam bastante. Incentivam muito a questão da leitura. Eu me lembro até que quando eu dirigi a Unidade Centro, foi até uma professora de ciências que sugeriu instituir entre os alunos uma pequena Biblioteca. Combinou cada um comprava um ou dois livrinhos por ano. Entre eles faziam um rodízio... O Colégio já pleiteou o acesso ao portal da CAPES o que descortina aí uma série de publicações no mundo.

Andre: Eu queria então que a Sra. Respondesse pra mim o seguinte: hoje qual a representatividade dessa Biblioteca Escolar no Colégio? O que significa ter uma Biblioteca hoje no Colégio Pedro II?

Vera: É um simbolismo muito forte que mostra que o Colégio valoriza a questão do livro, da pesquisa. Manter esse hábito da leitura e usando os outros recursos

mediáticos que a gente tem mas que não pode abrir mão também da Biblioteca. O fato de nós termos feito concurso com tantas vagas para bibliotecário, você é um exemplo disso. Era uma das áreas que nós mais nos ressentíamos. O quadro de bibliotecário estava encolhendo na medida em que as pessoas vão se aposentando, falecendo e que não havia ingresso. Só começou a ter concurso para servidor, para professor desde a década de 70. Eu entrei como professora concursada em 1973 no segundo concurso. Mas para técnico, ao longo desses trinta e oito anos que eu tenho de trabalho no Colégio, a primeira vez que houve concurso foi há seis anos em 2004. Depois, nós tivemos mais dois concursos para técnico. Para professor nós estamos tendo anualmente. Foi uma das coisas que nos permitiram fazer concurso para bibliotecário que ainda é pouco. Mas ter em cada Biblioteca um bibliotecário formado acho que isso é extremamente importante por que valoriza a profissão e a Biblioteca. A pessoa com a formação vai poder orientar os demais nas funções administrativas. Acho até que tem havido um incentivo muito grande. Eu me lembro ter tido a oportunidade de receber a professora da Biblioteca Nacional que foi dar curso de capacitação para técnicos administrativos. Eles não eram formados em Biblioteconomia mas estavam trabalhando. Isso aí vai incentivando as pessoas. Uma coisa importante é o conselho de bibliotecas. Ele foi idealizado pelo prof. Choeri quando ele ainda era Secretário de Ensino. As bibliotecas do Colégio estavam vinculadas a Secretaria de Ensino. Só que aquilo não se concretizou. Não chegou nem a ter uma formalização. Uma coisa que foi feita junto a Secretaria de Ensino em 2004. A Secretaria de Ensino passou por uma reestruturação. E ao passar por esta estruturação, que ela era dividida em secretaria de ensino, subsecretaria de ensino e planejamento. Em 2004, quando eu assumi, a gente mudou. Passou a ter subsecretaria de Ensino Fundamental e subsecretaria de Ensino Médio. Criaram setores: o SESOP, Setor de Orientação Pedagógica e SEPEC, Setor de Pesquisa Extensão e Cultura o de Educação Especial EPE e o SEPLAC, que é o Setor de Planejamento. E mais o setor de apoio a todos esses setores. Pois bem, essa criação do SEPEC, foi muito importante por que ali, justamente talvez não tenha evoluído o conselho de bibliotecas por que eram muitas atividades que a Secretaria de Ensino tinha e acabava não podendo focar muito nas bibliotecas. O Setor de Planejamento não era a parte deles. Então, com a criação do SEPEC, foi uma pessoa que eu nem conhecia, mas que foi indicada pelo Prof. Choeri. Ele já a conhecia e ela era oriunda de lá do Pedrinho Engenho Novo. Mas ela havia estado afastada. Essa professora veio com a experiência dela de lá da Universidade e aí, trouxe uma série de sugestões para o SEPEC e

conseguiu algumas coisas importantes. Conseguiu organizar a questão da pesquisa no Colégio Pedro II. Por que o Colégio não só tem muitas pessoas que estão trabalhando e fazendo pesquisa como a demanda do pesquisador externo pelo Colégio era imensa... Aí a coisa foi caminhando. Eu designei para a professora a responsabilidade dessa questão do conselho. Começamos a chamar as bibliotecárias, os responsáveis pelas midiatecas, que começou com uma de francês, depois trouxe uma segunda de inglês aqui em São Cristóvão. E agora nós estamos já com o espaço preparado para funcionar com uma midiateca de espanhol. Então estruturou o conselho de bibliotecas do Colégio com representação das bibliotecas, das salas de leituras, das midiatecas e do NUDOM. Agora há uma articulação através desse conselho presidido por uma bibliotecária e uma secretária. Uma das coisas que a gente tem que ter muito cuidado é dela ter crescido e ainda estar crescendo mas mantendo a unidade de ensino que é oferecida. E isso a gente consegue pedagogicamente com os departamentos pedagógicos, unificando a parte das bibliotecas e dos setores. O conselho foi estruturado a partir de 2004/2005 e agora ele funciona plenamente para que as bibliotecas tenham uma representatividade maior...

## Ficha Técnica

Data: 24/11/2010; duração 4 min.; mídia MP3; transcrição 1 página; formato DOC; Local da entrevista: Biblioteca Prof. Helio Fontes; Entrevistador: Andre Gomes Dantas; Nome do Entrevistado: Letícia de Oliveira; Perfil: professora de Filosofia da Unidade Engenho Novo II, trabalha no Colégio há um ano.

Andre: Qual o seu nome completo, há quanto tempo você trabalha no Colégio, como a Biblioteca te foi apresentada e como hoje você utiliza a Biblioteca?

Letícia: Meu nome é Letícia de Oliveira. Eu trabalho no Colégio há um ano. Sou professora de Filosofia. E realmente eu não me lembro como a Biblioteca me foi apresentada. Eu acho que aqui no caso do Engenho Novo II, a Biblioteca fica no meu caminho para as salas. Eu acho que as portas de vidro facilitam a visibilidade. Eu uso a Biblioteca por três motivos principais: um é o acesso a Internet, por que aqui a gente tem grande quantidade de computadores. Na sala dos professores nós estamos somente com dois aparelhos. O segundo uso que eu faço, é pessoal mesmo por que muitas vezes nós temos aulas em tempos muito separados. Às vezes eu tenho muito tempo livre na escola, geralmente eu fico com as minhas tarefas de pós-doutorado para fazer. É um lugar ótimo para estudar, bem silencioso, muito tranquilo para usar para o estudo. E o terceiro é o uso com os alunos. O mais importante é que os alunos tenham essa prática de conhecer os livros por eles mesmos. Já dei algumas aulas que eles tinham que pesquisar aqui nas estantes. Além de a gente às vezes usar como uma sala de vídeo. Aqui a gente tem o ar condicionado bom. Muitos eventos da Escola ocorrem aqui na Biblioteca.

Andre: Você indica livros da Biblioteca para os alunos?

Letícia: Indico frequentemente. Principalmente para os alunos que estão com mais dificuldades na disciplina. Aqueles que estão precisando de algum material. No caso da minha disciplina específica, a gente tem alguns livros didáticos muito bons. O aluno pode pegar para ler e entender. E não precisa tanto do auxílio do professor já que é um livro didático. Além de indicar, eu venho com eles aqui. Mostro, acho legal essa aula que eu posso vir com eles por que aí a idéia é de que eles de forma autônoma possam voltar e por eles mesmos encontrar. Tudo que a gente trabalha em sala de aula eles podem encontrar na Biblioteca.